

CADERNO ESPECIAL DO DIÁRIO POPULAR DE PELOTAS, DE 20 DE SETEMBRO DE 1986,
COMEMORATIVO DOS 150 ANOS DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA
AUTOR TEN CEL ENG QEMA CLÁUDIO MOREIRA BENTO
DIRETOR DO ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO

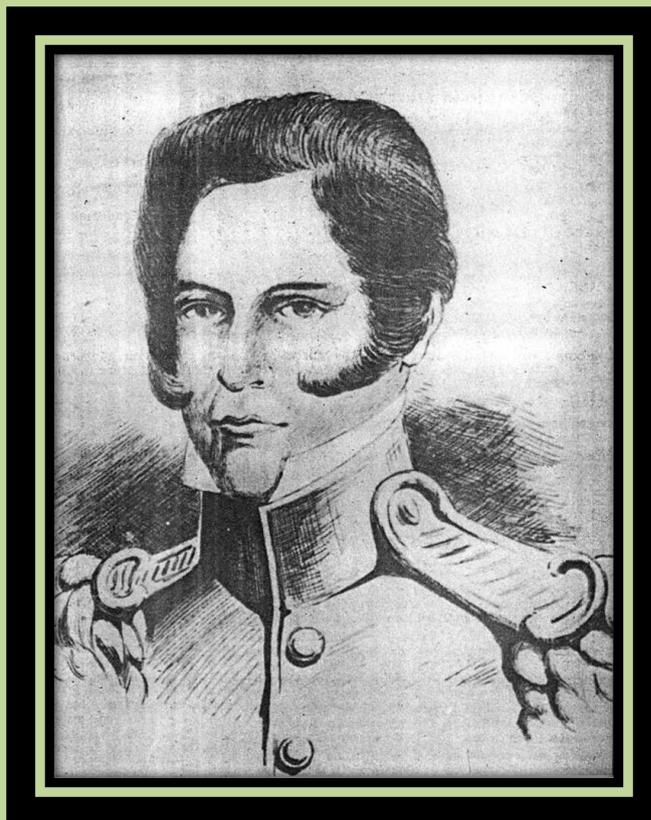


General Bento Gonçalves da Silva, segundo o mestre cel. Arthur Ferreira Filho, grande intérprete do heroico espírito castrense do Rio Grande do Sul "foi o maior herói rio-grandense da Revolução Farroupilha, vulto autêntico, figura de romance e a encarnação das melhores virtudes de nossa raça. Personagem sem contrastes, brilhou como o sol entre as luminárias de uma época em que o Rio Grande se notabilizou. (Foto: Arquivo do IHGB-Rio).

A Zona Sul na Revolução Farroupilha



Um dos maiores feitos da guerra, o transporte de dois lanchões por terra, da lagoa dos Patos até o Rio Tramandaí, construídos no estaleiro do Passo do Mendonça com madeira do rio Camaquã. A expedição foi comandada pelo capitão Garibaldi.



LIVRO DIGITAL

Digitalizado por Camila Karen C. S. Renê - Estudante de Direito

Sumário

Apresentação em homenagem a Clayr Lobo	4
Para ficar na História	5
A Zona Sul na Revolução Farroupilha	7
O Coordenador e Colaborador	8
Sesquicentenário da Revolução Farroupilha	8
<u>A Estratégia da Revolução</u>	9
1ª. Fase — Vitória da Revolução	10
2ª. Fase — República Rio-Grandense proclamada e instalada é obrigada a imigrar	11
3ª Fase — Retorno da República do Uruguai para viver sua fase áurea	11
4ª fase — Declínio da República Rio-Grandense (18 julho 1839 — dezembro 1842 — cerca de 3 anos e meio)	13
5ª. Fase — A Pacificação Do Rio Grande	15
<u>O Fortificador da Foz do Arroio Pelotas</u>	21
Ascendência, curso na Academia Real Militar e Família	23
Destacado na Província do Rio Grande.....	23
Traços de seu perfil e atuação militar.....	24
Prisão de Mariano de Mattos	25
Ajudante- Geral na Guerra Contra Oribe e Rosas	25
Dados de José Mariano de Mattos na Academia Real Militar	26
<u>A Zona Sul da Revolução Farroupilha</u>	27
A luta em Rio Grande e S. Vitória	28
<u>A Revolução em Pelotas e São Lourenço do Sul</u>	30
Entrada de Bento Gonçalves em Pelotas	31
Entrada de João Manoel em Pelotas	31
Pelotas QG da Revolução	32
Um golpe de mão a Pelotas	32
<u>Piratini e P. Machado durante a guerra</u>	34
<u>Canguçu, a mais farroupilha das cidades</u>	37
<u>A Revolução em Jaguarão, Arroio Grande e Herval</u>	40
<u>São José do Norte, Mostardas e Estreito no movimento armado</u>	42
<u>Bagé era pequena. Mas ganhou importância</u>	44
<u>Duque de Caxias e Pelotas na Revolução</u>	47
<u>Pelotas e a Revolução Farroupilha</u>	47
<u>A Barão de Caxias recoloca Pelotas no caminho do progresso</u>	49
<u>Caxias e a pacificação do Rio Grande do Sul</u>	53
<u>Influência do jornalismo na Revolução</u>	57
<u>Heróis farrapos filhos da Zona Sul</u>	60
<u>General Netto proclamou a República</u>	60
Origem, Ascendência e Estudos	61
Na defesa da integridade, no Jaguarão	62
Netto na eclosão da Revolução Farroupilha	62
Traços do perfil militar	63
Netto chefe do Estado-Maior do Exército	64
Netto nas guerras externas	65
Retorno ao pago para o sono eterno	66
Descendência	67
<u>Teixeira Nunes comandou os Lanceiros</u>	68
Naturalidade, ascendência e perfil militar	69
Expedição a Laguna — SC	70
Teixeira Nunes e o ideal federativo	70
Derrota a Divisão da Serra	70
Visão Estratégica	71
Combate de curitibanos	72

Garibaldi recorda Teixeira Nunes	72
Final de Teixeira Nunes	72
<u>Crescêncio comandou Jaguarão</u>	<u>73</u>
Origem, Ascendência, Descendência	74
Traços de seu perfil militar	74
Principais ações	74
<u>De Pedro Osório o maior cronista farrapo</u>	<u>75</u>
Naturalidade, descendência	76
Contribuições à história da Revolução Farroupilha	76
Candidatos a intendente de Canguçu	77
Participação resumida	77
<u>De Piratini o último Ministro da Guerra</u>	<u>78</u>
Naturalidade, ascendência	79
Traços do seu perfil militar	79
Principais ações	80
Atuação na pacificação	81
Serviços a soberania e integridade do Brasil	81
<u>De Herval do Sul o simbolista farrapo</u>	<u>83</u>
Naturalidade, família, veterano de lutas no Sul	84
“Mártir de Seival”	84
Chefe geral de Polícia da República	84
Autor da bandeira adotada pelo Rio Grande do Sul	84
Final do veterano de oito campanhas	85
<u>A Zona Sul guarda os restos mortais do General Bento Gonçalves</u>	<u>86</u>
Significação histórica	87
Naturalidade, ascendência e laços de família	87
Furriel de auxiliares	88
Informante da fronteira do Rio Grande	88
Capitão de milícias contra Artigas	89
Atuação nas guerras contra Artigas 1816 e 1821	89
Traços de seu perfil militar	90
Ação na Guerra Cisplatina 1825-28	92
Antecedentes da revolução	93
Plano para início da Revolução Farroupilha	95
Execução do plano	96
Reviravolta na revolução	98
Prisão e fuga de Bento Gonçalves	99
Bento Gonçalves preso no Rio e Bahia	100
Bento Gonçalves na presidência	102
Dificuldade a vista	102
Duelo com Onofre Pires	103
Pacificação e final	104
<u>Nota importante sobre a Revolução Farroupilha</u>	<u>105</u>
COMPLEMENTOS AO CADERNO SOBRE A REVOLUÇÃO FARROUPILHA	
<u>Origens e evolução histórica de Pelotas até o advento do "Diário Popular", no ano de 1890</u>	<u>106</u>
Primitivos habitantes	106
Povoamento português	106
Guerra Guarânica 1752-56 — Forte São Gonçalo	107
Guerra 1763-76 e Pelotas	108
Conquista F. Arrazamento de Colônia do Sacramento	108
Progresso vertiginoso	109
A Feitoria do Linhocanhamo	109
Guerras de 1801-1828	110
Fontes da história de Pelotas	110

26 Fontes sobre a Revolução Farroupilha de minha autoria.....111

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA UMA NOVA LEITURA

Ela foi feita pela guarnição do Exército do Rio Grande do Sul, como apoio em uma forte causa militar, que não tem sido até hoje abordada. Confira.....115

OUTRAS FONTES IMPORTANTES SOBRE A REVOLUÇÃO

FARROUPILHA CUJOS AUTORES REVERENCIO..... 118

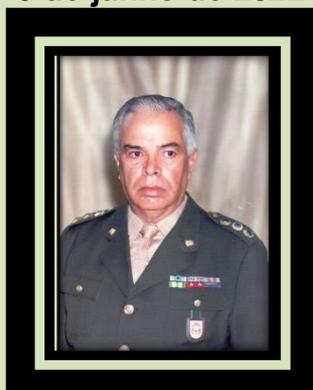
Meu primeiro artigo em 1970 no Diários Popular

DIÁRIO POPULAR . PELOTAS, DOMINGO, 13 DE MARÇO DE 1970 1780-CHARQUEADAS DE PELOTAS INFLUÊNCIA NO POVOAMENTO DA ZONA SUL-PROJEÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA- COMO FORAM VISTAS POR SAIN HILAIRE, DEBRET .HERBERT SMITH-ULTIMOS VESTIGIOS..... 119

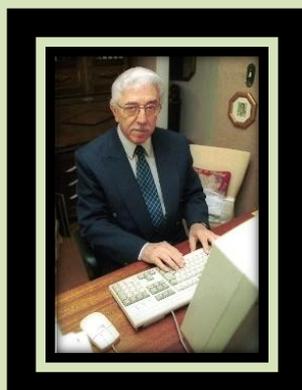
Currículo cultural sintético do Cel Claudio Moreira Bento em 2022..... 123

APRESENTAÇÃO EM HOMENAGEM A CLAYR LOBO ROCHEFORT

9 de junho de 2022



Vet Cel Eng Cláudio Moreira Bento
Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista



Clayr Lobo Rochefort

O Dr. Clayr Lobo Rocheford como Diretor de Redação do Diário Popular de Pelotas, dele tive grande apoio ao publicar de 1970-1985, 118 artigos de minha autoria, inclusive o presente caderno em 1986, há 36 anos.

Almanaque que ora foi digitado por minha secretária Camila Karen Costa Santos Renê, estudante de Direito.

Digitação com vistas a perenizar meu trabalho, que foi digitado de material jornalístico de pouca duração.

Clayr era filho de Piratini, antiga Capital da República Rio-grandense, da qual Canguçu, meu berço natal, era seu Distrito e considerado o de “mais perigo e mais farrapo”.

Além do Diário Popular, onde atuou por cerca de 63 anos, também atuou na Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul e na Universidade

Federal de Pelotas.

Foi Vereador em Pelotas entre 1963-1969 e Chefe de Gabinete do Prefeito de Pelotas Edmar Fetter, vice-Governador do Estado.

Seu corpo foi levado para São Leopoldo, onde foi cremado. E foi decretado luto especial por três dias na cidade de Pelotas.

A ele muito se deve o presente caderno comemorativo dos 150 da Revolução Farroupilha.

Minha graditão ao amigo jornalista pelo apoio que dele sempre tive como historiador e agora também como jornalista por ato do Supremo Tribunal Federal.

Vet erano Cel Eng Cláudio Moreira Bento
Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista

Nota importante neste artigo onde consta Paz de Ponche Verde leia-se Paz de D. Pedrito, pois em 28 de Fev 1845 os farroupilhas concordaram com o termos de Paz ; E ela so foi confirmarmada pelo Barão de Caxias 1º Março de 1845, em seu Acampamento da Guarda Velha na margem direita do rio Santa Maria.Os dois acampamentos no município de D. Pedrito que passou a ser chamado de Distrito da Paz ou D. Pedrito da Pacificação.Assunto que desenvolve em livro D. Pedrito Contribuição a sua História , publicado em 2000 pela Prefeitura de D. Pedrito e organizado pelo historiador Adilson Nunes . Livro disponível em Livros para baixar, em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br e no Google

DIÁRIO POPULAR

Expediente

DIÁRIO POPULAR

Diretor:

CLAYR LOBO ROCHEFORT

Propriedade da

GRÁFICA DIÁRIO POPULAR LTDA.

CGCMF 92.195.429/0001-08

Diretores:

Administrativo: Clayr L. Rochefort

Financeiro: Edmar Fetter

Associado da ADJORI e ABRAJORI

Endereço: Rua 15 de Novembro, 718

DDD 0532 (PABX) 25.5566 – Telex: 274

PARA FICAR NA HISTÓRIA

Este ano de 1985 reveste-se de especial Importância histórica para o nosso Estado, eis que assinala o sesquicentenário da Revolução Farroupilha.

Por seu turno, nosso jornal – o mais antigo diário da imprensa gaúcha, lançado à circulação a 27 de agosto de 1890 — completa 95 anos de ininterrupta atividade e o 1º ano como tabloide impresso pelo sistema “off set” em moderna rotativa. Ambos, eventos significativos para a Comunicação Social nesta região.Solidarizando-se com as comemorações que o Rio Grande inteiro promove para marcar a passagem da histórica data, e jubiloso por alcançar duas

expressivas etapas de sua própria história, o DIÁRIO POPULAR faz circular, com sua edição de hoje, dois CADERNOS ESPECIAIS, destacando a Zona Sul, como força de trabalho e progresso, no 1º Caderno, e como palco de episódios memoráveis da epopéia de 35, no 2º Caderno. As reportagens e demais matérias do 1º Caderno nos foram fornecidas, pela Associação dos Municípios da Zona Sul e sua elaboração coube ao assessor de imprensa da entidade, jornalista Marcos Rezende.

Quanto à parte histórica, contida no 2º Caderno, cremos que, pela primeira vez, a cruzada heróica dos farrapos é contada a partir do cenário municipal em que se desdobraram os fatos. Esse trabalho teve a coordenação de Cláudio Moreira Bento, um dos nossos mais eficientes colaboradores e acatado historiador militar. Para o DIÁRIO POPULAR, escreve ele sobre assuntos de história desta região desde 1970. Já publicou mais de 110 artigos em nossas páginas, fruto de constante e aprofundado estudo. Aliás, pelos livros produzidos, pelos citados artigos e outros, divulgados na imprensa militar e civil do país, acrescidos da excelente matéria com que honra esta Edição, Moreira Bento credencia-se, sem favor, ao título de "Historiador da Zona Sul",

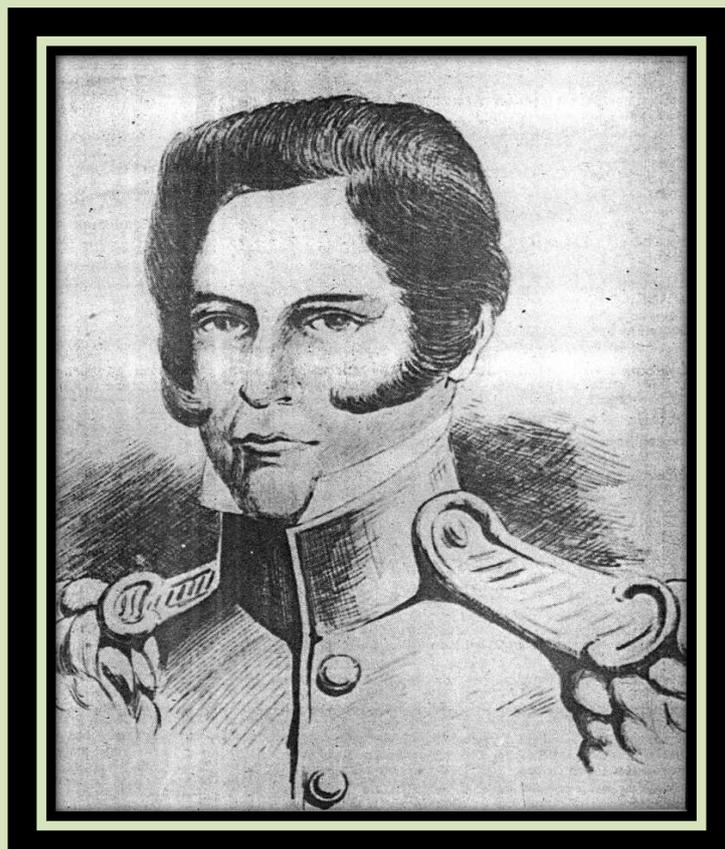
Também colaboram nesta edição o historiador Morivalde Calvet Fagundes, profundo conhecedor da história da Revolução Farroupilha; Ângelo Moreira Pires, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas e dedicado estudioso da história desta terra; e o jornalista Raul Quevedo, redator deste; jornal e incansável pesquisador da história da imprensa.

Nossos agradecimentos, pois, aos prestimosos colaboradores e, em especial, ao coordenador, pela atenção ao nosso pedido, pela contribuição valiosa e por mais esta Inequívoca demonstração de amor à história da Zona Sul.

Nem todos os trabalhos, por insuperável limitação de espaço, são publicados nesta edição, como o programara seu ilustre coordenador. Sairão, todavia, em próximas edições-dominicais. Não obstante, pelo valor da matéria que contém, esta edição há de ser, sem favor, **"Uma Edição para Ficar na História"**. **"...Guarde-a para seus filhos ou netos, para o ano 2.035", como recomenda Cláudio Moreira Bento."**

NOTA DA REDAÇÃO — Além de sua distribuição, normal aos nossos assinantes e adquirentes em banca em toda a Zona Sul, esta edição está sendo remetida a autoridades federais e estaduais e a historiadores.





General Bento Gonçalves da Silva, segundo o mestre cel. Arthur Ferreira Filho, grande intérprete do heroico espírito castrense do Rio Grande do Sul “foi O maior herói rio-grandense da Revolução Farroupilha, vulto autêntico, figura de romance e a encarnação das melhores virtudes de nossa raça. Personagem sem contrastes, brilhou como o sol entre as luminárias de uma época em que o Rio Grande se notabilizou. (Floto: Arquivo do IHGB-Rio).

A ZONA SUL NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA



Um dos maiores feitos da guerra, o transporte de dois lanchões por terra, da lagoa dos Patos até o Rio Tramandaí, construídos no estaleiro do Passo do Mendonça com madeira do rio Camaquã. A expedição foi comandada pelo capitão Garibaldi.

SESQUICENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

2º Caderno Especial

Homenagem do DIÁRIO POPULAR à epopéia de 35

Coordenador: CLÁUDIO MOREIRA BENTO, historiador militar.

Colaboradores: Cláudio Moreira Bento, Morivalde Calvet Fagundes, Ângelo Pires Moreira e Raul Quevedo.

Editoria: Newton Peter

Diagramação: Vera Silva, Fernando Cavalheiro e Teodoro Gonçalves

Súpervisão geral: CLAYR LOBO ROCHEFORT

ÍNDICE

Sesquicentário da Revolução Farroupilha Por Calvet Fagundes (P.2)

A estratégia da Revolução. Por Cláudio Moreira Bento (P. 2, 3, 4 e 5)

O Fortificador da foz do Arroio Pelotas. Por Cláudio Moreira Bento (P. 6 e 7)

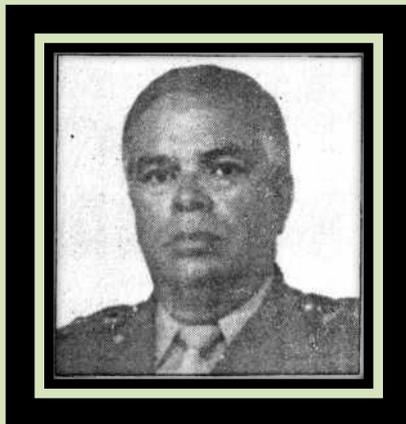
A Zona Sul na Revolução Farroupilha. Por Cláudio Moreira Bento (P. 8, 9, 10, 11, 12 e 13)

Caxias e Pelotas na Revolução Farroupilha. Por Ângelo Pires Moreira (P. 14 e 15)

Caxias na pacificação do R. G. do Sul. Por Cláudio Moreira Bento (P. 16)

Influência do jornalismo na Revolução Farroupilha. Por Raul Quevedo (P.17)

Heróis farrapos filhos da Zona Sul. Série por Cláudio Moreira Bento (P.18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24)



O COORDENADOR E COLABORADOR

Cláudio Moreira Bento é natural de Canguçu. Estudou no Colégio N. S. Aparecida, de sua cidade, de 38 a 43, e no Colégio Gonzaga, local, de 44 a 49. É membro, -entre outras instituições, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Academia Brasileira de História, Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul, Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas e Academia Sul- Rio Grandense de Letras. É autor de 15 livros e piauquetas e de centenas de artigos sobre a História do Exército na imprensa militar e civil do país. Seu último livro, publicado este ano, foi "**Canguçu, reencontro com a História**". E o próximo, já pronto, será "**O Exército Farrapo e seus chefes**". É coronel do Exército, é reside atualmente no Rio de Janeiro, onde dirige o Arquivo Histórico do Exército e preside a Comissão de Pesquisa Histórica de "**A Defesa Nacional**".

SESQUICENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Morivalde Calvet Fagundes

(Especial para o Diário Popular no seu 9º aniversário e sesquicentenário da Revolução Farroupilha)

O autor do presente artigo é na atualidade uma das maiores autoridades em Revolução Farroupilha. Escreveu entre outras as obras **História da Revolução Farroupilha** (Palegre, Martin Livreiro, 1984) e o indispensável instrumento do historiador do Brasil — **A Maçonaria e as forças secretas da Revolução** (Rio, 1976) grande contribuição ao melhor entendimento da Revolução Farroupilha.

É autoridade internacional em História da Maçonaria, ordem que dominou os séculos XVIII e XIX em cruzadas contra o absolutismo no mundo, e tão presente e viva no processo histórico de preparação, proclamação e consolidação da Independência do Brasil.

É filho de pelotenses e parente do biógrafo e poeta local na obra **Lobo da Costa — Ascensão e declínio de um poeta** (Palegre, Ed. Sulina, 1954).

Como seu parente o General Souza Docca e o historiador maior de Pelotas, Fernando Luiz Osório, defende, com sólida argumentação o caráter não separatista dos farrapos, no que é seguido pelo insuspeito maranhense general Augrsto Tasso Fragoso, pai da História do Exército Brasileiro, na obra a

Revolução Farroupilha, (Rio, Bibliex, 1938) onde assim enfatizou o pioneirismo dos farrapos: “Muitos deles caíram heroicamente na luta, no campo santo da honra, no funéreo chão, sem que possamos saber-lhe seus nome e glorificá-los como merecem. Foram propagadores de grandes idéias, notadamente da organização republicana e da emancipação de escravos”.

Cláudio Moreira Bento
Coordenador desta edição histórica

O artigo

O Brasil inteiro, de norte a sul e de leste a oeste inicia a comemorar hoje com justo orgulho, de 20 de setembro de 1835 a 1.º de março de 1845, os 100 anos decorridos do glorioso decênio farroupilha, em que todo um povo e toda uma Província, encarnando, então, as supremas aspirações da nacionalidade, lutaram com denodo e coragem, até a vitória final, na defesa do lema: Liberdade, Igualdade e Humanidade.

Nunca uma revolução foi tão longa e teve significado tão claro, tão amplo e profundo.

Não há como negar-lhe o universalismo e o caráter sóciopolítico que lhe forneceu o substrato ideológico, que a enquadra como a etapa decisiva da Revolução Liberal que grassou no mundo no século passado e mercê da qual restaram abolidos o absolutismo e a teocracia.

Brasileira ela o foi pelo verde-e-amarelo de sua bandeira bandeira, pela incorporação de valores nacionais de outras províncias, pela busca incessante de pacificação, pelo contínuo apelo à adesão dos outros segmentos da Monarquia, pela rejeição sistemática ao auxílio externo, e, finalmente, pelo motivo extremo que levou à deposição das armas: o perigo estrangeiro.

Gaúcha, ela é a tradição inteira de uma terra e o orgulho imnávio de uma raça, que se forjou na luta e no sofrimento, com a têmpera dos centauros.

Não podemos deixar de lembrar aqui as palavras de Olavo Bilac: "Esses primeiros criadores de nossa liberdade política não olhavam para si: olhavam para a estepe infinita que os cercava, para o infinito céu que os cobria — e nesses dois infinitos viam dilatar-se, irradiar e vencer no ar livre o seu grande ideal de justiça e fraternidade".

São esses heróis que lembramos agora, na frente da figura inconfundível de Bento Gonçalves da Silva, herói maior do Decênio Heróico.

A ESTRATÉGIA DA REVOLUÇÃO

De 1835-1845 teve lugar no Rio Grande do Sul, então Província do Rio Grande de São Pedro, a Revolução Farroupilha, Segundo o destacado e ilustre historiador do Rio Grande do Sul, Arthur Ferreira Filho — a mais importante das guerras civis sul-americanas pela sua longa duração, pela beleza de seus ideais e pelo valor de seus campeões, além de consagração, como Pacificador da Família Brasileira e afirmação como estrategista consumado, do maior de nossos generais, Luiz Alves de Lima e Silva — o Duque de Caxias e atual Patrono do Exército Brasileiro.

As operações ao nível estratégico se desenvolveram em 5 fases distintas, segundo interpreto, com apoio na análise crítica das seguintes obras, apresentadas em Ordem cronológica:

- 1 — ARARITE, Tristão de Alencar “Guerra Civil no Rio Grande do Sul

(não confundir com o Marechal Araripe biógrafo do General Tasso Fragoso) .

2 — ASSIS BRASIL, J. F. História da Revolução Rio Grandense, São Paulo, 1887.

3 — VARELA, Alfredo. História da Grande Revolução. Palegre, Lv. Globo, 1933, 3v.

3 — LAYTANO, Dante. História da República Rio Grandense. Palegre, Lv. Globo, 1936.

5 — FRAGOSO, Augusto Tasso. A Revolução Farroupilha. Rio, Biblioteca do Exército, 1939.

4 — CALMON, Pedro. História do Brasil. Rio, José Olímpio, 1959 7x.

5 — FERREIRA FILHO, Arthur. História Geral da RGS. Palegre, Lv. Globo, 1958,5a— CALMON, Pedro. História do Brasil. Rio, José Olímpio, 1959 7x.

6 — SPALDING, Walter. A Epopéia Farroupilha. Rio, Biblioteca do Exército, 1963.

7 — FAGUNDES, Morf- valde Calvet. História da . Revolução Farroupilha. Palegre . Martins Livreiro . . 1984. (Este filho de pelotenses) .

Foram consultados os Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul a Coleção do Jornal **O POVO e Ordens do Dia e Ofícios do Barão de Caxias** no período 1842-1845, "Apontamentos" de Manoel A. da Silva Caldeira e "Memórias" de Chico Pedro publicados nas **RIHGRGS** anos 1927 e 1921 etc.

1ª. Fase — Vitória da Revolução

(20 Setembro 1835 — 15 janeiro 1836 — cerca 4 meses) .

Consistiu na tomada de posse pelos revolucionários de Porto Alegre, em 20 de setembro de 1835, seguida, no mês de outubro, de diversas ações para superar reações apresentadas em Rio Pardo, São Gabriel, Pelotas, São José do Norte e Rio Grande.

Ao final do mês, as principais lideranças militares contra a revolução haviam sido neutralizadas ou obrigados a imigrar. O Presidente da Província deposto havia se dirigido ao Rio de Janeiro. Ficou assim todo o Rio Grande do Sul em poder dos revolucionários que colocaram no local do presidente deposto, o Dr. Marciano Ribeiro (médico mineiro) deputado e, no local do comandante das Armas — o Coronel de Estado — Maior do Exército Bento Manuel Ribeiro.

A revolução ocorreu de surpresa, aproveitando a situação dos comandantes das Armas e da Fronteira do Jaguarão, principais reações esperadas, estarem em suas estâncias, crenças de que o líder político militar, do movimento o coronel de Estado- Maior do Exército Bento Gonçalves da Silva, comandante Superior da Guarda Nacional da Província, encontrava-se, em Corrientes, em licença. O governo central no Rio era exercido pelos liberais.

2ª. Fase — República Rio-Grandense proclamada e instalada é obrigada a imigrar

(15 janeiro 1835 — 28 março 1837 — cerca 14 meses)

Com a nomeação do novo Presidente da Província, Dr. Araújo Ribeiro, pelo governo Central, esta autoridade assumiu o governo na cidade do Rio Grande, em 15 de janeiro de 1836, ponto estratégico militar que retornou ao controle do governo central, através hábil manobra política. Ponto estratégico que serviu para o governo central introduzir, via marítima, importantes reforços militares terrestres e navais, para consolidar aquela posição e combater, a partir dela, a Revolução. Aderiu a causa legal o coronel Bento Manuel Ribeiro, fator importante que evitou o ataque de reconquista da cidade de Rio Grande, pelos revolucionários, a partir de Pelotas.

No confronto que se seguiu, segundo Canabarro Reichardt (1) houve divergências de estratégias entre Bento Gonçalves e João Manoel de Lima e Silva.

O primeiro foi favorável à concentração para derrotar Bento Manuel para, a seguir investir a cidade de Rio Grande.

O segundo, Comandante-das-Armas, revolucionário, foi favorável ao investimento a um só tempo, de Bento Manoel, na Campanha e da cidade de Rio - Grande. Dessa hesitação decorreu serem os revolucionários batidos por partes, com a perda definitiva de Porto Alegre, em 15 de julho 1836, reconquistada num ousado golpe de mão pelo então major Manoel Marques de Souza, futuro Conde de Porto Alegre e, com a prisão do governo revolucionário enviado para o Rio, seguido de desistência em Pelotas de João Manoel de investir Rio Grande. Pouco depois ocorreu a prisão de Bento Gonçalves, em 4 outubro da 1836, na ilha do Fanfa.

Isto, quando Bento retirava-se de Porto Alegre, numa frustrada tentativa de reconquistar aquela capital ou mantê-la sob sítio terrestre. Isto inviabilizou o objetivo de conquistar Rio Grande, a partir de Pelotas.

Neste quadro extremamente adverso, o coronel Antônio de Sousa Netto com sua Brigada Liberal bateu em Seival em 10 de setembro de 1836 a força de Silva Tavares, proclamando no dia seguinte, em Campo do Meneses, a República Rio-Grandense, logo reconhecida pela Câmara de Jaguarão, e a seguir pela de Piratini.

Pressionado por Bento Manoel, os chefes João Manoel e Antônio Netto abandonaram Pelotas reuniram suas forças em Piratini, na Serra de Tapes, escolhida capital da República Rio-Grandense para a instalarem e estruturarem seu Exército.

Em 4 de dezembro de 1836, sob pressão de Bento Manoel, a República Rio-Grandense e o seu Exército foram obrigados a se internarem no Uruguai, deixando o Rio Grande sob controle militar dos imperiais. Bento Gonçalves foi escolhido o Presidente da República e comandante-em-chefe de seu Exército, quando se encontrava preso no Rio de Janeiro.

Assumiu a liderança militar farrapa, o rio-grandino coronel Antônio Netto, em substituição ao primeiro General da República — João Manoel de Lima e Silva que internou-se no Uruguai para tratar de ferimento grave no rosto, recebido no combate de São Gonçalo, em Pelotas. Pois, já se assinalava reação à sua liderança militar, em condições de saúde precária.

3ª Fase — Retorno da República do Uruguai para viver sua fase áurea

(28 março 1837 — 18 julho 1839 — cerca 27 meses)

Desinteligências entre o Presidente da Província brigadeiro Antero Ferreira Brito (2) e o seu comandante das Armas, o coronel Bento Manoel Ribeiro, terminaram por modificar o curso da revolução.

O Presidente saiu de Porto Alegre para prender e destituir seu Comandante-das-Armas. Mas este antecipou-se e prendeu o Presidente, em 28 março 1837, no Passo de Itapevi, em Alegrete. Assim Bento Manoel, pela segunda e última vez, passou-se para o lado republicano, para onde levou a vitória, como fiel da balança a novo ponto de inflexão da guerra, em favor da revolução.

Os republicanos então retomaram ao Rio Grande, restabeleceram a capital em Piratini, conquistaram Caçapava em 8 abril 1837 e colocaram sob sítio em maio

de 1837, a capital Porto Alegre. Este sítio se prolongaria por três anos. Conquistaram Triunfo em 15 agosto. Três dias depois, em São Borja, teve lugar o assassinato brutal, depois de emboscado e torturado, do general João Manoel Lima e Silva, aos 32 anos. Era tio do futuro Duque de Caxias.

Os republicanos ao colocarem Porto Alegre sob sítio, estrategicamente objetivam. Segundo interpreto:

- Fixar importantes efetivo, na capital.
- Impedir apoio mútuo terrestre, Rio Grande-Porto Alegre.
- Impedir envio reforços terrestres a Porto Alegre, de Rio Grande, pelo litoral, ou a partir de Santa Catarina.
- Impedir a expansão de pontos, fortes terrestres ao longo do Jacuí e seus afluentes, assegurando assim, a livre circulação e comunicações republicanas no interior do Rio Grande.
- Melhor realizarem a espionagem dentro dos muros de Porto Alegre sitiada, através de agentes republicanos infiltrados.

Assegurar ali, a articulação da Campanha com a região serrana (Cima da Serra).

E enquanto os republicanos mantiveram Porto Alegre sitiada viveram o período áureo no campo militar. E, assim por longo tempo, os imperiais lutaram para levantarem o sítio de Porto Alegre, pelo seu grande significado estratégico.

Toda esta movimentação revolucionária de dois anos, até 15 Setembro 1839, foi realizada com o governo central nas mãos do Partido Liberal. Neste período foram enviados ao sul 1904 homens que representaram cerca de 17% do efetivo total enviado até a Pacificação.

Assumindo o governo o Partido Conservador, foi intensificado o combate à revolução, com envio de reforços, até abril de 1839, no total de 5772 homens ou cerca de 30% do total enviado até a Pacificação.

Assim, em fevereiro de 1838 o Presidente general Elzeário de Miranda Brito visando a derrotar os republicanos que sitiavam Porto Alegre executou a seguinte manobra:

Embarcou suas tropas em Porto Alegre e as desembarcou na margem esquerda do Jacuí. Por uma manobra desbordante dos rios Cai, Sinos e Gravataí tentou cair sobre os sitiados, pela retaguarda.

Estes, ao comando do coronel José Mariano de Mattos o fortificador do rio Pelotas, levantaram o sítio e retraíram para acima da Serra de onde avançaram sobre Lajes, em Santa Catarina. Bento Gonçalves pressionou Porto Alegre, mas foi rechaçado pelo general Elzeário ao longo do Jacuí, até Rio Pardo. Esta cidade foi retomada pelos imperiais em março 1838. Os republicanos reagiram e recuperaram Rio Pardo, em 30 maio 1838, na maior e mais retumbante vitória das que obtiveram. Logo a seguir restabeleceram o sítio de Porto Alegre.

A Segunda tentativa do general Elzeário de desbordar r os sitiados foi anulada com a vitória obtida pelos republicanos, em Cai, em 1º fevereiro 1839, ao comando do general Bento Manoel Ribeiro.

No campo naval os imperiais desalojaram os republicanos dos fortes do Itapoan e da ilha do Junco, na estreita entrada a Lagoa dos Patos, no rio Guaíba (3), inclusive com o auxílio da barca a vapor "**A Liberal**" construída em Pelotas.

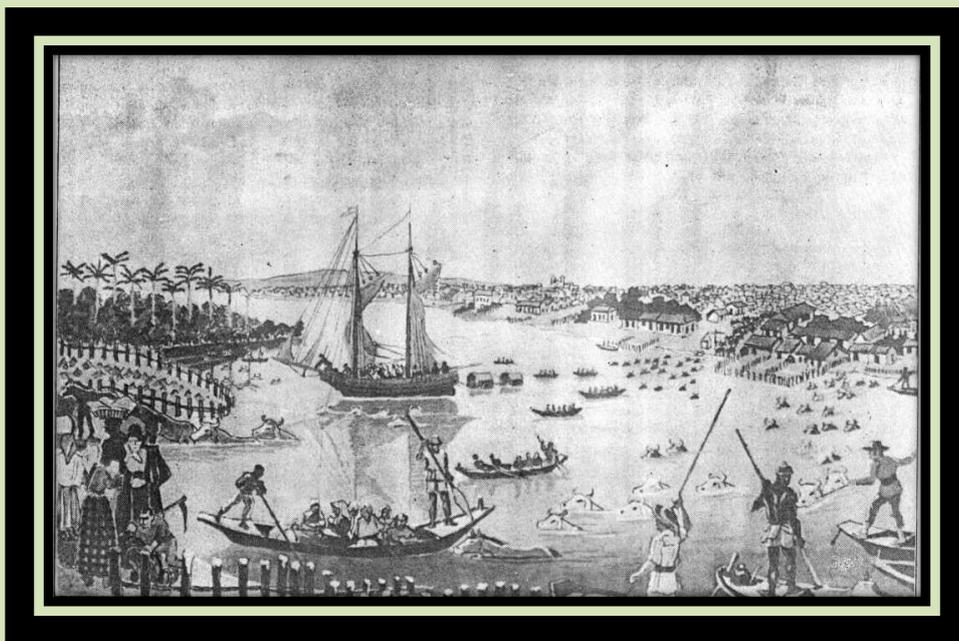
Neutralizaram a interferência de barcos farrapos, na navegação imperial, ao longo da Lagoa dos Patos, por navegarem em comboios, além de tentarem destruir o estaleiro republicano no rio Camaquã (próximo ao Passo do Men-

donça).

Logo a seguir, em 1839, teve lugar a expedição republicana a Santa Catarina, terrestre e naval, visando a conquista de um porto de mar, em Laguna, para República Rio-Grandense. O capitão José Garibaldi, comandante da Marinha da República, depois de construir os lanchões “**Seival**” e “**Farroupilha**” no estaleiro do rio Camaquã, atravessou a Lagoa dos Patos e transportou os barcos para o rio Tramandaí, depois de fazer longa e épica travessia, com os barcos transportados em enormes carretas. Do rio Tramandaí atingiu o Oceano e depois Laguna, em Santa Catarina, somente com o lanchão “**Seival**”, em razão de o “**Farroupilha**” haver sido engolido por uma tempestade em alto mar (4) . Proclamada a efêmera República Juliana ela teve seu epílogo com a derrota, da esquadra Republicana pela Imperial, no combate naval de Laguna, de 15 novembro 1839.

A expedição à Laguna, em julho 1839, acompanhada do abandono de causa republicana, em definitivo, para um período de neutralidade, pelo general Bento Manoel Ribeiro, em 18 julho 1839, tiveram lugar com o Partido Liberal no poder, na Corte, desde abril, 1839.

Assim com a malograda expedição a Laguna e abandono de causa republicana pelo general Bento Manoel, encerrou-se a fase áurea da República Rio-Grandense, com capitais em Piratini e Caçapava, de onde editaram o jornal oficial – **O POVO**, importante fonte histórica para estudo do movimento.



Aspecto do Passo das Neves, depois Rico e atualmente Passo dos Negros

4ª fase — Declínio da República Rio-Grandense (18 julho 1839 — dezembro 1842 — cerca de 3 anos e meio)

O ano de 1839 terminou para os republicanos com a derrota naval em Laguna, em 15 novembro 1839 e com a vitória de Santa Vitória (Bom Jesus) 14 dezembro 1839, em que forças retirantes de Santa Catarina bateram e dispersaram a Divisão Paulista, ou Divisão da Serra, que invadira o Rio Grande, a partir de Lages, em Santa Catarina.

O ano de 1840 foi inicialmente de equilíbrio. Assumiu o comando das Armas

da Província o general Manoel Jorge Rodrigues. Ele decidiu logo por atacar os republicanos que sitiavam Porto Alegre.

Planejou desbordar o sítio como o tentara duas vezes, sem êxito, o general Elzeário. Só que agora com mais forças e depois de operar junção, na margem direita do rio Caí, com coluna ao mando do brigadeiro oriental Izaias Bonifácio Calderon, após partir do canal São Gonçalo próximo a Pelotas, e atacar Caçapava a capital da República. Como resultado desta manobra teve lugar, em 3 de maio 1840, a indecisa batalha de Taquari e, no campo estratégico a consolidação do sítio republicano de Porto Alegre.

Nesta ocasião foi profanado, em Caçapava, o túmulo do general João Manoel de Lima e Silva pelos imperiais da tropa do brigadeiro Calderon, secundado pelo coronel Manoel dos Santos Loureiro, bem como destruída a biblioteca da República. (5)

O grande individamento interno e externo da República abalou seu crédito por esta época, com reflexos negativos, no apoio logístico à guerra e na unidade do movimento. Tiveram então lugar as primeiras gestões visando a pacificação. Circunstância coincidente com a Maioridade de D. Pedro II.

Em 10 julho 1840, já com o Partido Liberal novamente no governo, na Corte, teve lugar o mais sangrento combate da Revolução, em São José do Norte, mas assinalado por nobres gestos dos comandantes rivais — Bento Gonçalves e o coronel Soares de Paiva. Ação que valeu o título de “Mui heróica vila de São José Norte”,

A falta de Infantaria tornou-se evidente para os republicanos.

Em 14 maio 1841, Bento Gonçalves reassumiu a presidência em São Gabriel.

O general João Paulo dos Santos Barreto, agora o comandante imperial, concentrou seu exército, forte de 5.000 homens, na região de Cachoeira (Passo São Lourenço) . Sua estratégia era penetrar na Campanha e travar uma batalha campal com os republicanos. E assim, procedeu uma longa marcha pela Campanha de 4 mar — 13 jun 1841, ao longa da qual sofreu uma guerra de desgaste ou de recursos, eufemismo de guerra de guerrilhas. Chegou ao final, na estância do Carmo, margem direita do Ibicuí, em 21 julho 1841, com a Cavalaria quase a pé, a infantaria extenuada e desfalcada pela peste, desinteria e deserções. Enquanto acreditava estarem os farrapos fugindo de um combate decisivo, estes estavam desenvolvendo uma guerra de guerrilhas, chamada então, repito — guerra de recursos.

Aproveitando o insucesso desse raid imaginaram os republicanos ou farrapos um ataque a Rio Grande que não foi efetivado, mas preocupou seriamente a Corte.

O governo Central, desde março sob controle dos líderes do Partido Conservador, substituiu o general Paulo, pelo marechal Joaquim Pereira Valente e Conde do Rio Pardo.

Este, durante o longo período de 14 meses, não alterou o quadro operacional. O esforço militar do Império voltava-se para Minas e São Paulo. Mas dedicou-se a preparar-se logisticamente, ou seja, refazer-se dos desgastes. Recebeu reforços de 5.450 homens, ou metade do efetivo total dos 11.000 enviados de 1835.

As revoluções liberais de Minas Gerais e São Paulo trouxeram um alento moral aos republicanos. Mas este espírito pouco perdurou, pois a discórdia entre os republicanos que começara a lavrar, se evidenciou mais tarde na instalação

da Assembléia Constituinte, em Alegrete, em 1º dezembro 1842, fato ocorrido cerca 20 dias depois de Caxias haver assumido, em Porto Alegre, a Presidência da Província, cumulativamente com o comando das Armas, chegou precedido da áurea de pacificador do Maranhão, Minas Gerais e São Paulo.

Assumiu a Presidência do Rio Grande o general Soares Andréa — o futuro Barão de Caçapava, que foi estudado por José Andréa (BIBLIEX, 1977). Concentrou seu esforço em obrigar os republicanos a levantar o sítio de Porto Alegre.

Andréa, com o concurso de forças navais e terrestres, em torno de Porto Alegre, tentou cercar os republicanos que a sitiavam.

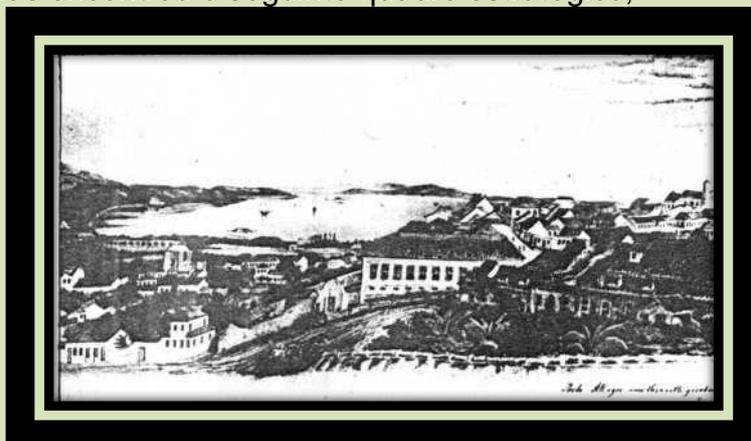
Lançou contra eles, a partir de Santa Catarina, uma Divisão ao comando do general Pedro Labatut, reedição da malograda Divisão Paulista ou Divisão da Serra. Assim Porto Alegre serviria de bigorna e a Divisão Labatut de martelo. Em Taquari interposto entre Porto Alegre e a Campanha, Andréa deixou forte efetivo destinado a cortar a retirada dos sitiados de Porto Alegre. Para fugir a armadilha, Canabarro e Bento Gonçalves, sucessivamente, deixaram o sítio de Porto Alegre e marcharam para Cima da Serra ao encontro de Labatut, visando também atingir a Campanha, por um amplo movimento desbordante foi mais um épico feito terrestre dos farrapos, muito bem abordado por Lindolfo Collor na obra **Garibaldi**. Eles anularam a manobra de Labatut, conseguiram atingir a Campanha desbordando Taquari, mas enfraqueceram o sítio de Porto Alegre.

Andréa, apesar do insucesso de Labatut, conseguiu uma grande vitória estratégica, alternativa da derrota que pretendia dos sitiados. Ou seja, obrigá-los a levantar, em definitivo, o Sítio de Porto Alegre. A partir dessa vitória, as forças de terra imperiais foram se espalhando e se fixando em pontos fortes ao longo das barrancas norte do rio Jacuí e afluentes e confinando os republicanos na Campanha Rio-Grandense, tendo como capitais São Gabriel e depois Alegrete e mais nas Missões, com pontos fortes em São Borja e Cruz Alta. A região de Cima da Serra passou ao controle imperial. Andréa é também fundador de Santa Vitória e está Sepultado na matriz de São José do Norte.

5ª. Fase — A Pacificação do Rio Grande

5 novembro 1842 — 1º março 1845. — cerca 28 meses)

Ao assumir a Presidência o Comando-das-Armas, em novembro 1842, o Barão de Caxias encontrou o seguinte quadro estratégico;



A Capital, bem fortificada

A tropa imperial, forte de 11.500 homens, mantinha grandes efetivos no corte do São Gonçalo, face a Pelotas e, em Porto Alegre e Rio Pardo.

O grosso do Exército estava desmoronando, mas refeito logisticamente da desgastante expedição do General João Paulo.

A Marinha exercia pleno domínio das águas navegáveis do Rio Grande: Lagoa dos Patos e Mirim e rio Jacuí, etc.

Os republicanos ou farrapos dominavam a Campanha com cerca 3.500 homens. Estavam com o controle de quase todas as cavalhadas da Província e fechavam as fronteiras do Uruguai e da Argentina ao recebimento de cavalos pelo Exército Imperial.

Se concentraram sob a proteção da Serra dos Tapes, próximo da fronteira amiga ao Sul do Jaguarão.

Nas Missões, com base em São Borja, atuava o canguçuense coronel Joaquim Teixeira Nunes e, com base em Cruz Alta, o tenente-coronel Gomes Partinho.

Em Cima da Serra atuavam contingentes republicanos.

Caxias iniciou a campanha transportando, por terra, 5000 cavalos de Rincão dos Touros, em Rio Grande, após fixar Netto em Piratini e Canabarro face ao Passo São Lourenço.

Caxias desenvolveu esforços nos seguintes pontos, o que conseguiu plenamente, em que pese desgastante e persistente reação do Exército da República sob a liderança de Canabarro:

- Conquistar superioridade em cavalhadas, relativamente aos republicanos, e com isto superá-los em mobilidade ou capacidade de manobras;

- Ocupar os principais centros da Campanha com Infantaria e Polícia e fortificá-los com trincheiras, caso de Canguçu, ou fortes — caso de São Gabriel e Santa Maria.

- Melhorar as fortificações de Rio Grande e Porto Alegre.

- Abrir as fronteiras no rio Uruguai e Quaraí e em Santana do Livramento, ao recebimento de cavalos adquiridos de Oribe e Rosas.

- Fechar estas fronteiras para o mesmo fim aos farrapos.

- Fazer transportar sua Infantaria a cavalo e abrir mão da Artilharia de Campanha, para maior mobilidade .

- Com o concurso do Oribe e Rosas fechar as fronteiras em Santana e nos rios Quaraí e Uruguai, às imigrações dos farrapos.

- Estimular, no Rio Grande, no Uruguai e na Argentina, a reação e cooperação econômica e militar de imperiais ou dissidentes dos farrapos imigrados naqueles países, ou neutralizados, no Rio Grande.

- Desenvolver no Passo do Rosário, Rincão Del Rey em Rio Pardo, e no Rincão dos Touros, Torotama em Rio Grande, junto ao canal São Gonçalo, invernações de cavalos para manter a mobilidade de seu Exército Superior a dos farrapos.

- Proteger a invernação de Rincão dos Touros, inclusive com auxílio da Marinha, no corte do São Gonçalo e com expedição preventivas contra a Serra dos Tapes (Canguçu e Piratini) donde podiam partir ataques.

- Não levar a guerra contra a população civil, estimulando-a a sobreviver economicamente e não requisitando dela recursos como havia feito o general

João Paulo. Mandou inclusive recuperar a igreja de Canguçu que estava quase em ruínas) .

— Oferecer o perdão e anistia aos que depusessem armas.

— Tratar da paz em condições honrosas, negociar com firmeza, mas em alto nível de consideração aos negociadores farrapos.

— Forçar o grosso dos farrapos para a Serra dos Tapes e região entre a fronteira no Jaguarão e rio Camaquã.

— Atuar taticamente com o concurso de oficiais rio-grandenses especializados no tipo de luta que se estava travando. Caso do brigadeiro Bento Manoel Ribeiro e do tenente-coronel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu ou Chico Pedro, ,conhecedores da terra e gente rio-grandense e conservando para si a direção estratégica da guerra.

— Lançar no centro do “reduto mais farrapo” a Serra dos Tapes (Piratini e Canguçu) com base de operações em Canguçu atual, nó orográfico desta serra, a Ala Direita do Seu Exército, ao comando do tenente- coronel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu o célebre "Moringue' .

— Lançar suas reservas em cavalos, em Rincão dos Touros, para fechar a fronteira do Jaguarão à Revolução, ao único apoio externo que recebiam através do general Rivera.

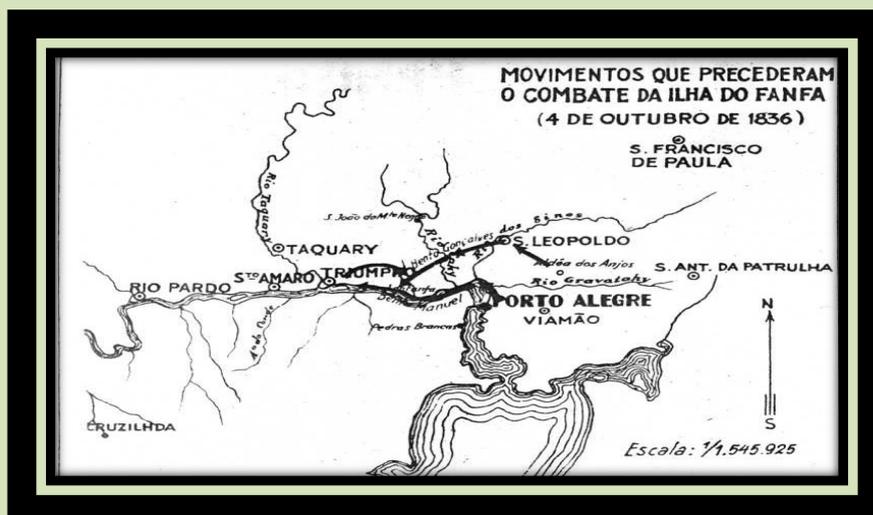
— Conduzir a guerra no inverno, para provocar o desgaste das cavalcadas republicanas e de seus soldados, quebrando uma tradição na área, de interromper a guerra no inverno..

— Desenvolver esforços para arruinar cavalcadas republicanas: Por obrigá-las a intensa movimentação, ao combater no inverno; fechar as fronteiras a importações de cavalos; localizar e tomar suas invernadss e proteger as invernadas imperiais de Passo do Rosário, Rincão del Rey e Rincão dos Touros de incursões como a que aconteceu, com êxito, em Passo do Rosário e uma malograda sobre Rincão dos Touros (ou Torotama).

— Procurar apressar a paz para prevenir interferência de Rosas e, da Inglaterra que esboçou desejos de proteger os farrapos, segundo Antônio da Fontoura, em seu **Diário**.

Não se travaram encontros expressivos nesta fase. Os mais significativos foram os de Ponche Verde, a surpresa de Porongos, dois combates de Canguçu e o combate do Serro de Palma, em Candiota, última vitória farrapa.

Em 1º março 1845, em D.Pedrito foi Selada a Paz da Revolução Farroupilha. (6) Primeiro em Ponche Verde pelos farrapos e depois no acampamento imperial no rio Santa Maria próximo a D. Pedrito.



Local da prisão de Bento Gonçalves, em 1836

Foi o encontro da Família Brasileira envolvida em lutas fratricidas desde a Abdicação de D. Pedro I, em 7 abril 1831.

Por desejo dos revolucionários, Caxias foi mantido na Presidência da Província do Rio Grande. De D. Pedrito a Bagé e depois até Porto Alegre, Caxias foi ovacionado.

Ligou-se desde então afetivamente dos rio-grandenses republicanos que se tornaram seus amigos e colaboradores nas guerras externas contra Oribe e Rosas, 1851-82 e da Tríplice Aliança contra o Paraguai de 1865-70.

A Revolução Farroupilha se por lado foi mal para a Unidade Nacional, pelas cerca de 300 vidas que imolou resultou num benefício para a preservação da Soberania e Integridade Nacional, por ter se constituído num laboratório de táticas e de formação de chefes para as guerras externas de 1851-52 e 1864-70, onde imperiais e republicanos marcharam, lado a lado, ombro a ombro, em defesa da Soberania e da Integridade do Brasil.

Mais da metade do Exército Imperial esteve ao final da Revolução Farroupilha ao comando de Caxias.

Na ação de Caxias observa-se a ênfase que emprestou os princípios de guerra da Manobra, da Ofensiva, da Segurança e da Unidade de Comando.

Com isto pôde enfrentar a estratégia do fraco contra o forte ou a guerra de guerrilhas nas coxilhas, baseada nos princípio, de guerra da Manobra, da Segurança, da Economia de Meios e fundamentalmente do da Surpresa.

A guerra de guerrilhas desenvolvida pelos republicanos na Campanha antigo território da Vacaria do Mar e depois território das 11 estâncias jesuítas, possui suas raízes na guerra Guaranítica 1754-56. Então, sob a liderança do índio Sepé Tiarajú e depois de sua morte por seus substitutos, foi levada a efeito uma guerra de desgaste contra os exércitos da Espanha e Portugal, a partir de Bagé a até os Sete Povos.

Na invasão de Vertiz y Salcedo pela Campanha, em 1774, o mesmo tipo de guerra foi levado a efeito por Rafael Pinto Bandeira e seus guerrilheiros contra o invasor.

Este tipo de guerra possui ações preventivas, consistentes em remover dos possíveis caminhos de invasões ao Rio Grande o gado vacum, muar e cavalariças nele existentes, para afetar a alimentação e transportes do invasor. Ou

procurava como objetivo militar, arrebatando dos oponentes suas cavalhadas e vacuns o que equivalia a tirar sua mobilidade e capacidade de alimentação.

Esta guerra de desgaste aperfeiçoou-se nas guerras ocorridas no Rio Grande até a Revolução Farroupilha.

David Canabarro irá empregá-la finalmente por ocasião da invasão do Rio Grande do Sul, por São Borja, pela coluna paraguaia do general Estigarribia, e o fez com sucesso. Só que não foi compreendido e chegou responder processo. Mas o Tribunal da História o absolveu.

NOTAS

1— REICHART, H. Canabarro. Vida de David Canabarro, Palegre, Liv. Globo 1932.

2— SAN MARTIN. Olynto. Bento Manoel Ribeiro, Palegre, Liv. do Centro, 19.

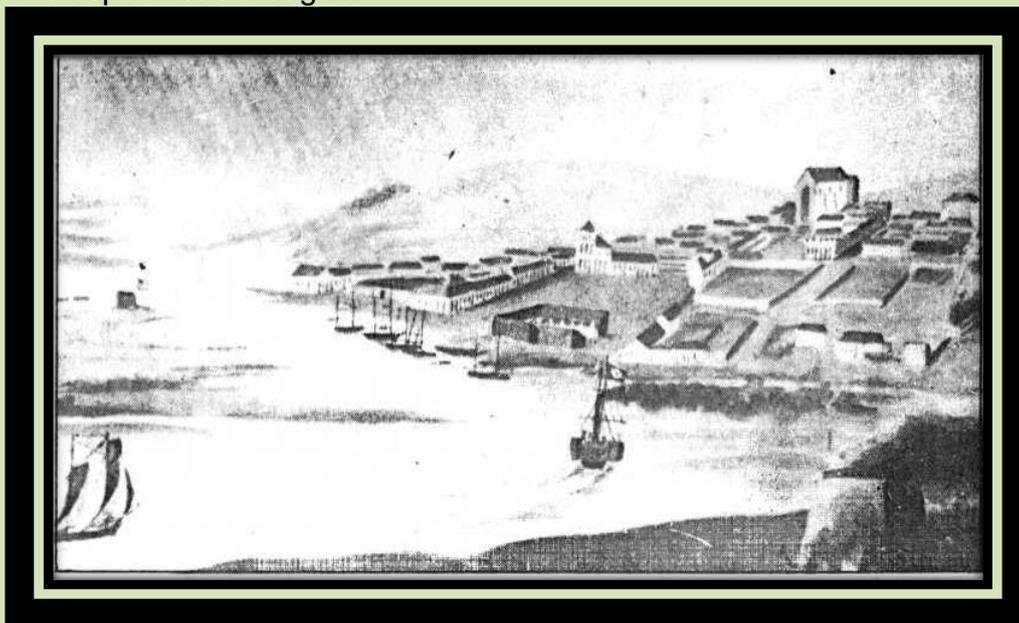
3 — BENTO, Cláudio Moreira. Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS. Palegre. IEL, .. 1975 (Ver Greenfell).

4— BEINTO, Cláudio Moreira. A Grande Festa dos Lanceiros Recife, UFPE 1971 (Garibaldi, Lanchão Seival, John GriggS).

5— WIEDRSPIAN, H. O. O General Farroupilha João Manoel de Lima e Silva. Palegre, SULINA, 1984 p. 130.

6— WTEDRSPKAN. H. O. Convênio de Ponche Verde. Palegre, Sulina, 1980.

Por esta interpretação baseada em sólida documentação conclui-se da importância da contribuição da Zona Sul. É frequente a citação de Rio Grande, Pelotas, S. José do Norte, Piratini, Canguçu e Jaguarão nos lances decisivos da revolução. Seu entendimento é básico para se conhecer a participação das diversas localidades da Zona Sul na revolução, bem como a de alguns de seus ilustres filhos que nela se destacaram sobremodo, o que será objetivo de matérias específicas a seguir.



Aspecto de Rio Pardo durante a Revolução Farroupilha

MENSAGEM

Dia 20 de setembro *parece*, realmente, predestinado a marcar acontecimentos de relevância para a nossa região, É que nesta data, além da data magna da Epopéia Farroupilha, comemora-se o fundação da Associação dos Municípios do Zona Sul do Estado (A- ZONASUL), que este ano completa 21 anos de importantes realizações em benefício dos interesses regionais. Mais uma evidência de que a União faz a força, um lema que igualmente norteou a odisséia dos farroupilhas.

Integrada por 16 municípios, dos litorâneos Mostardas, Tavares, São José do Norte, Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, aos interioranos Pelotas, Arroio Grande, Canguçu, Pedro Osório, Jaguarão, Herval, Encruzilhada, Pinheiro Machado, São Lourenço do Sul, Capão do Leão e Piratini, a AZONASUL, em realidade, reflete o espírito empreendedor dos gaúchos.

Por outra feliz coincidência, além da data, a AZONASUL está ligada à empreitada farroupilha. A mesma cidade escolhida para sediar a República Rio-Grandense, Piratini, viu nascer a Associação dos Municípios da Zona Sul, a 20 de setembro de 1.964, sob o inspiração do então prefeito pelotense e seu primeiro presidente, Edmar Fetter.

Como forma de marcar as comemorações de seu aniversário, a par de relevar igualmente a importante comemoração do Sesquicentenário do Revolução Farroupilha, a AZONASUL optou por realizar sua reunião mensal na Histórica Piratini, o que foi levado a efeito na terça-feira última, dentro das comemorações da Semana da data magna dos gaúchos.

Nesta edição especial do DIÁRIO POPULAR, comemorativa dos 95 anos de fundação do órgão e de seu primeiro aniversário no formato tablóide, aproveitamos para uma mensagem de fé no futuro de nossa região e estado. Afinal, temos fundados razões para isso, já que as três datas comemorativas que este 20 de setembro marca são um exemplo do que o gaúcho, especialmente do sul do estado, é capaz de realizar com seu espírito de luta, perseverança e dinamismo.

Pelotas, 20 de setembro de 1.985

ODILON ALMEIDA MESKO

Prefeito de Canguçu

Presidente da AZONASUL

HUMBERTO MELLO DIAS

Prefeito de Pinheiro Machado

Secretário

PREFEITURA MUNICIPAL DE PINHEIRO MACHADO

Como figuras de legenda saídas dos livros de cavalaria andante, os gaúchos de 35 lutaram por um belo ideal de Liberdade, Igualdade, Humanidade.

Sem considerar o poder maior do inimigo e talvez até por ignorar a própria fraqueza - que compensavam com o ardor na luta - eles assombraram o mundo através de feitos tão heróicos e atos de tal cometimento e bravura, que por vezes pareceram sobrenaturais.

Eram tão intrépidos e audazes; guerreiros de tal valor e afeitos a tais proezas, que a história chega a considerá-los invencíveis.

Na passagem do Sesquicentenário dessa luta, nada mais justo do que

saudar na paz dos tempos que correm a guerra que eles combateram.

São esses os sentimentos de nossa Comunidade, que nestes 150 anos, desde a heróica cruzada, dignificam o idealismo daquela geração de bravos, empenha-se na luta silenciosa e construtiva do trabalho para fazer a grandeza sempre maior de sua terra.

Pinheiro Machado, 20 de setembro de 1985

**Humberto Mello Dias
Prefeito Municipal**

O FORTIFICADOR DA FOZ DO ARROIO PELOTAS



Major de artilharia

Durante cerca de sete meses entre a tomada de Pelotas pelo Major João Manoel de Lima e Silva, Comandante-das-Armas da Revolução e transferência para Piratini, para lá instalar a República Rio-Grandense, o acompanhou seu amigo, co-provinciano e antigo colega da Academia Real Militar e veterano da Guerra da Independência na Bahia — o major José Mariano de Mattos.

José Mariano delineou as fortificações da foz do arroio Pelotas e complementou na margem do São Gonçalo, junto ao Passo dos Negros.

Foi por outro lado o mais preparado e constante assessor político-militar de Bento Gonçalves. Possuía curso completo da Academia Real Militar do Rio de Janeiro tirado em 7 anos. Sua importância na República Rio-Grandense foi marcante até ser preso em Piratini em 1844 e enviado para o Rio.

Dá medida dessa importância o fato de haver exercido duas vezes o cargo de Ministro da Guerra e da Marinha, a Vice Presidência e, a Presidência da República por cerca de dois anos no impedimento de Bento Gonçalves.

Foi o autor do projeto do escudo e da bandeira rio-grandenses desenhados por Bemado Pires, estudado nesta edição, e desde 1891 a bandeira do Rio Grande do Sul.

Durante a Guerra contra Oribe e Rosas, o Marques de Caxias o escolheu como Ajudante-General do seu Exército, fato que atraiu muitos veteranos farrapos para a luta. Em 1864 depois de atingir o posto de Brigadeiro foi Ministro da Guerra do Império. É figura muito ligada à Zona Sul que não poderia faltar nesta edição, em ensaio inédito, como o maior cérebro militar farrapo.

Natural do Rio de Janeiro, lutou pela consolidação da Independência da Bahia em 1824, quando interrompeu curso que tirou completo, de 7 anos, na Academia Real Militar do Largo do São Francisco, de 1819 - 1826 e fundada por D. João em 1810.

Como Ajudante-Geral do Exército, ao comando de Caxias, seu contemporâneo na citada Academia Real Militar, prestou assinalados serviços à Integridade e à Soberania do Brasil, na guerra contra Oribe e Rosas 1851- 52, inclusive como uma espécie de catalizador da contribuição de antigos farrapos no esforço de guerra.

Na Revolução Farroupilha foi o mais preparado assessor militar de Bento Gonçalves, desde o início e até quase o final do movimento, na organização e emprego do Exército Rio-Grandense. Abaixo dele e, somente na fase inicial, participou destas tarefas, seu amigo, co-provinciano e contemporâneo na Academia Real Militar, o general da República João Manoel de Lima e Silva, formado em Infantaria pela mesma, em 1820-23.

Por suas qualidades e valor impôs-se, a partir de 1830 à consideração e ao respeito dos rio-grandenses. Foi deputado provincial no Rio Grande em 1835 e constituinte à República Rio-Grandense em 1842. Homem da inteira confiança de Bento Gonçalves e de Gomes Jardim e em consequência da República, exerceu a presidência da mesma por mais de 2 anos, como vice-presidente no exercício, além de haver sido Ministro da Guerra e da Marinha por duas vezes. Exerceu influência forte na revolução desde o seu início, até ser preso e transportado para o Rio, em 1844 ao final da mesma. Foi precursor abolicionista ao apresentar projeto em 1843, na Assembléia Constituinte da República, em Alegrete, com vistas a abolir a escravidão no Rio Grande, no que foi combatido com veemência por Antonio Vicente da Fontoura, líder da minoria, conforme o mesmo expôs em seu "Diário". (1).

Participou da comissão encarregada de redigir as condições de Paz formuladas pela República ao Império. (2).

Foi o estruturador do Trem de Guerra, da Artilharia da República e o seu engenheiro fortifica dor, além de ligar-se a confecção, junto com Bernardo Pires, da bandeira da República Rio-Grandense, desde 1891, a bandeira do Rio Grande do Sul, conforme ensaiamos em "Autoria dos Símbolos do Rio Grande do Sul. (3)."

Preso antes do término da revolução, foi readmitido no Exército Imperial em 1846, no qual ascendeu de major a brigadeiro, tendo em 1864, antes do início da Guerra do Paraguai, exercido as funções de Ministro da Guerra do Império.

Se ao mineiro Domingos José de Almeida, referi um dia como cérebro civil e

estadista da República Rio-Grandense, (4) cabe ao fluminense José Mariano de Mattos o título de cérebro político- militar da citada República.

Ascendência, curso na Academia Real Militar e Família

José Mariano era natural do Rio de Janeiro, em 1803, filho de José Maria no de Mattos. Ingressou com 16 anos, em 3 de março de 1819, na condição de paisano (civil) na Academia Real Militar que frequentou de 1819-1826, interrompendo em 1824 para lutar na guerra da Independência da Bahia, conforme se conclui da cópia de anotações de sua vida escolar à página 82 do “Livro de Matrículas 1811-1822” da Academia Real Militar. (5). Casou com a rio-grandense, Izabel Leonor Meireles de Mattos, sobre a qual os “Anais do Arquivo Histórico RGS” fazem referências, bem como Caxias em seus “Ofícios” José Mariano se fez acompanhar de sua mãe, à qual os citados “Anais” referem com frequência.

A concluir-se de Antônio Vicente da Fontoura em seu “Diário”, em seus ataques continuados a José Mariano que reconhecia exercer grande influência e poder, este era “mulato”, adjetivo muito usado por Fontoura ao lado de pardo para a ele referir-se, bem como ao de “Bambaquerê” para referir-se a Bento Gonçalves. (6).

Destacado na Província do Rio Grande

José Mariano de Mattos chegou ao Rio Grande, como major, aos 27 anos de idade, solteiro, para integrar ao 1º Corpo de Artilharia Montada de Linha, sediado em Porto Alegre, o qual passou a comandar.

Adepto da idéia liberal e da Maçonaria, passou a ter intensa participação política, particularmente depois de 7 de abril de 1831, abdicação de D. Pedro I.

Culto, inteligente, talentoso e de fino trato, logo impôs-se a consideração geral e especial no Partido Liberal liderado por Bento Gonçalves da Silva e pelo qual foi eleito deputado Provincial. Desde a Academia Real Militar, estabeleceu amizade com o major João Manoel de Lima e Silva, sobrinho do mais tarde Duque de Caxias, também seu contemporâneo na mesma. Amizade solidificada na guerra da Independência da Bahia, da qual eram veteranos e onde também estreitou contato com o futuro Duque de Caxias — Ajudante do Batalhão do Imperador. José Mariano tomou parte ativa e proeminente nos acontecimentos políticos na Província do Rio Grande, lado a lado de Bento Gonçalves em acontecimentos que vieram a desaguar na revolução no dia 20 de setembro de 1835.

Sua importância no movimento é medida pela informação que o Comandante-das-Armas, marechal Sebastião Barreto sobre ele prestou em ofício de 17 de janeiro de 1835, ao presidente da Província, pedindo seu afastamento do Rio Grande: “Este oficial sendo dotado de bastante talento, ao qual une a mais refinada e hipócrita dissimulação, não cessa, por seus discursos e intimações de promover a desinteligência entre os cidadãos e inspirando os incautos e os ambiciosos sentimentos anárquicos que os induz a perpetuar atos em que ele jamais aparece, se bem que seja o principal motor”. (7)

E a apreciação do marechal, de ser José Mariano o principal motor da conspiração ao lado de Bento Gonçalves, era correta.

Ele ao lado do mineiro Domingos José de Almeida, foram os dois mais influentes cérebros na estruturação da República Rio-Grandense.

Sua importância pode ser medida pelo fato de instalada a República Rio-Grandense em 6 de novembro de 1836, caber-lhe a vice-presidência da

República, junto com outros cargos o Ministério da Guerra e o comando de uma Divisão composta de Artilharia, Cavalaria e Infantaria ou a 1ª. Linha.

Junto com João Manoel dois únicos militares egressos da Academia Real Militar, tiveram papel significativo na organização do Exército da República. O primeiro como Comandante-em-Chefe Interino até dezembro de 1836 e ele como Ministro da Guerra, comandante da Artilharia e assessor militar de alto nível, até quase o final da revolução.

Traços de seu perfil e atuação militar

Caldeira assim o viu (8): “O major José Mariano de Mattos era um oficial científico e de mérito. Era muito tratável.

Chegou a Ministro da Guerra no tempo da República e era muito amigo de Bento Gonçalves”.

No início da revolução foi pronunciado “como cabeça de rebelião, sedução e insurreição”. (9).

Atuou como combatente na fase inicial da revolução, em Pelotas, depois da posse do Presidente Araújo Ribeiro, em Rio Grande.

Atuou como artilheiro e como fortificador da foz do rio Pelotas em estreita colaboração com João Manoel, então Comandante-das-Armas dos revolucionários e de Domingos José de Almeida, que então revelou-se Um logístico nato.

Foi dessa convivência em Pelotas entre os dois fluminenses João Manoel e José Mariano e do mineiro Domingos José de Almeida, que surgiram as inspirações para a organização operacional e logística do primeiro Exército da República Rio-Grandense.

As indicações seguras de Mariano de Mattos sobre o fabrico de pólvora e de granadas no Arsenal de Guerra em que se transformou a charqueada de Domingos José de Almeida e mais aos fortes construídos e artilhados por José Mariano, se deve à vitória farrapa de 2 de junho de 1836. no São Gonçalo. que forçou a retirada do bloqueio do Passo dos Negros, pela Marinha Imperial e executado pela barca a vapor “Liberal”, iate “Oceano” e canhoneira “São Pedro Duarte”.

José Mariano acompanhou a transferência de João Manoel para Piratini e depois para fronteira, de outubro — 7 de dezembro de 1836, quando este deixou o comando e foi curar-se em Montevidéu de ferimento nos maxilares.

João Manoel não era bem aceito. Havia uma barreira sociológica e reação à tática por ele preconizada para aquelas circunstâncias. José Mariano foi o mediador de seu afastamento, merecendo por isto, estas palavras de João Manoel:

Para isso ouvi o parecer de meu antiquíssimo e verdadeiro amigo Mattos... mais me convenci que devia tornar efetiva a minha retirada do Exército”. (10).

José Mariano teve atuação destacada como Ministro da Guerra, por duas vezes. Era de inteira confiança de Bento Gonçalves. Este, inclusive, transferiu-lhe a Presidência por período superior a 2 anos, de 13 de novembro de 1838 — 14 de março de 1841. Presidência iniciada em Caçapava e terminada em São Gabriel, ao transferi-la a Bento Gonçalves.

Eleito deputado à Assembléia Constituinte, Mariano de Mattos, integrou comissão de 5 membros, destinada a elaborar projeto de Constituição da República. Foi o líder da maioria de 30x6 deputados. Apresentou então, projeto da Abolição da Escravatura na República Rio-Grandense, que foi rejeitado por

Fontoura.

Se aprovado o projeto teria dado um grande reforço ao Exército, viabilizando a sua Infantaria, cuja ausência ou fraco efetivo, concorreram para os insucessos militares do ano 1840.

Segundo Morivalde Calvet Fagundes, “Antonio Vicente da Fontoura o pôs-se, irreduzível e tenazmente ao projeto e classificou Mariano de “alma vil e fraca do mulato José Mariano e de mofino Bento Gonçalves — dois demônios”. (11).

O veterano farrapo, coronel Portinho ligado em vida a Fontoura e seu amigo e cunhado, escreveu mais tarde, lamentando a não aprovação da Abolição, “pois isto teria dado à República um exército de mais de 6.000 Libertos”. (12).

José Mariano comandou o levantamento do sítio de Porto Alegre, em 1838, forçada pelo general Elziário, retirando-se então para Lages.

Prisão de Mariano de Mattos

José Mariano foi preso numa incursão de Chico Pedro a Piratini, em 27 de junho de 1844. Ele es teve preso algum tempo em Canguçu, em cadeia que existiu até 1939 e mandada construir por Chico Pedro de Abreu, quando ali esteve baseado. Cadeia que serviu de Posto de Comando do capitão Antônio de Sampaio, ao término da Revolução. (13).

Caxias reclamou de Chico Pedro, em 11 de agosto de 1844: “Desde que recebi sua carta de que foi portador a mulher de José Mariano de Mattos, que não tenho recebido nenhuma participação sua e nem mesma a parte oficial sobre a prisão do mesmo Mattos. Isto me tem posto em embaraços, por não poder enviar ao Governo Imperial a parte oficial de um acontecimento que há muito lá deve ter soado por vias particulares”.

Antonio Vicente da Fontoura em seu “Diário” (14) lamentou que a prisão de José Mariano não fosse feita desde ... 1835.

Mariano fora contempo râneo de Caxias na Academia Real Militar e pou co mais tarde retornara com o mesmo, como seu Ajudante-Geral na guerra contra Oribe e Rosas . 1851-52.

Mariano esteve preso na Fortaleza de Santa Cruz, de 17 de agosto — 18 de dezembro de 1944, quando da anistia geral.

Ajudante- Geral na guerra contra Oribe e Rosas

Em 13 de janeiro de 1846, Mariano reverteu ao Exército Imperial como major. Em 7 de setembro de 1847, foi graduado tenente coronel e em 26 de julho de 1851 efetivado no posto.

Em 6 de setembro de 1851 foi designado Ajudante-Geral do Exército do Sul, ao comando de Caxias.

Caxias na Revolução Farroupilha, utilizara nesta função o inimigo de ontem — Miguel Frias e agora procedia de forma idêntica com Mariano de Mattos.

Sua presença nesta função tornou possível a cooperação franca e descontraída de seus velhos amigos farrapos no esforço de guerra, contra Oribe e Rosas.

Com o velho amigo Do mingos José de Almeida estabeleceu estreita colaboração, o que ficou evidenciado na correspondência entre ambos. (15).

Ao retornar da guerra dirigiu a Fábrica de Pólvora da Estrela, na raiz de Petrópolis (10 ago 1854 — 3 dez 1856) e até hoje funcionando.

Promovido por merecimento a coronel, foi da Comissão de Melhoramentos de Material do Exército e encarregado de instalar a Escola de Tiro de Campo Grande.

Em 6 de dezembro de 1861, atingiu o posto de brigadeiro. Sua última comissão foi no sentido de apresentar um plano de reforma dos arsenais de guerra.

Sobre o assunto adquirira experiência na revolução, ao supervisionar o Arsenal de Guerra revolucionário sucessivamente em Pelotas, Piratini e Caçapava.

O antigo Ministro da Guerra e Vice-Presidente da República Rio-Grandense no exercício da Presidência e cérebro político-militar da mesma, foi guindado, de 15 - 31 de agosto de 1864 as funções de Ministro e Secretário dos Negócios da Guerra do Império do Brasil.

Faleceu em 5 de janeiro de 1866, nomeado vogal do Conselho Superior Militar.

Dados de José Mariano de Mattos na Academia Real Militar

JOSÉ MARIANO DE MATTOS, PAIZANO, natural do Rio de Janeiro de idade de Desesseis anos, Filho de José Mariano de Mattos, foi admitido à matrícula do primeiro ano do curso de Matemático da Academia Real Militar por despacho da Junta da mesma Academia em 3 de Março de 1819.

Plenamente aos 19 de Dezembro de 1819, conferindo-lhe a 3^a. parte do aos 29 de Dezembro de 1819.

— Foi admittido a matrícula do segundo ano por despacho da junta da mesma Academia, em dois de Março de 1820.

2º ano, plenamente aos 9 de Dezembro de 1820, conferindo-lhe a 2^a. parte aos 22 de Dezembro de 1820.

— Foi admitido à matrícula do quarto ano, por despacho da mesma junta em 3 de Março de 1821.

3º ano plenamente aos 11 de dezembro de 1821, conferindo-lhe a 2^a. parte aos 22 de Dezembro de 1821.

— Foi admittido a matrícula do quarto ano, por despacho da mesma junta em dois de março de 1822.

4º ano plenamente 20 de Janeiro de 1823, conferindo-lhe a parte aos 31 de Janeiro de 1823.

— Foi admittido à matrícula do Quinto ano, por despacho da mesma junta em cinco de Março de 1823.

5º ano plenamente aos 5 de Dezembro de 1823, conferindo-lhe a 2^a. parte em 23, de dezembro de 1823.

— Foi admitido à matrícula do sexto ano, por despacho da mesma junta um 25 de fevereiro de 1824.

6º ano em 1824, foi recolhido no respectivo corpo.

Foi novamente a matri cuia do sexto ano em 28 de fevereiro de 1825.

— Foi admitido a matrícula do sétimo ano aos 2 de março de 1826 - no 7º ano foi aprovado plenamente aos 22 de Dezembro de 1826.

Notas

1. FONTOURA. **Diário**, p. 42 (Importante), porto Alegre. Martins Livrei ro, 1984. 2. Idem. p. 80 (Comissão Junto com o Vigário Apostólico padre Chagas e Lute Boticário). 3. BENTO. **Autoria dos Símbolos do RGS** — (Subsídios para revisão histórica tradicionalista e legal). Recife, UFRPE, 1971. 4. **RIHGB** n° 338.

Jan/ Mar 1983, p. 1883 e publicação da Escola Federal de Engenharia de Itajubá, 1982 e nosso discurso de posse no IHGMG em Itajubá, no auditório da EFEI. 5. Livro existente no Museu da Escola de Engenharia da UFRJ na ilha do Fundão, por nós mandado microfilmar em 1985 pelo Arquivo do Exército, sob nossa direção. 6. Idem nota 1, pp 33, 41, 42, 52, 56, 78, 80, 109. 115, 119 e 41, 50, 56 59. 88, 93. 101. 115 e 140 ao referir-se a Bento Gonçalves. Fontoura estava certo ao procurar a Paz, mas não faz justiça aos seus inimigos Bento e José Mariano. 7.-ROSA. **Vultos da epopéia farroupi Iha**, p. 141 — la. ed. 1933. 8. CALDEIRA. Apontamentos Re. Far.. **RIHRGS** n° 27, 1927. 9. SILVA A. Pretextado. **Os generais do Exército Brasileiro**. Rio, 1940, v. 2, 1940. 10. WIEDRSPHAN. **João Manoel de Lima e Silva**. Porto Alegre. Martins Livreiro. 1984. 11. FAGUNDES. **História da Revolução Farroupilha**, 1984, p. 323. 12. **Província do Rio Grande de São Pedro**, .. 1945, v. 2. p. 149 ss. 13 BENTO. **Canguçu reencontro com a História**. Palegre. IEL. 1984

AAHRGS, v. 3 (Correspondência Domingos José de Almeida). 14. Idem nota 1, p. 104 e 115. A partir daí Fontoura passa a ter influência. 15. **AAHRGS**. v. 3 (Correspondência de Domingos de Almeida).



A ZONA SUL DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

A Zona Sul do estado é a primitiva Fronteira do Rio Grande que a partir da Provisão de 7 de outubro de 1809 passou a constituir o município do Rio Grande. Município então integrado, além do atual município de Rio Grande, pelas freguesias N. S. da Conceição do Estreito e São Luiz do Mostardas; capelas curadas N. S. do Rosário de Piratini ... (1789), N. S. da Conceição de Canguçu (1800) e N. S. do Rosário do Cerrito de Canguçu (1802); povoados de São Batista do Herval, São Francisco de Paula (depois Pelotas) e Santo Antônio do Palmar de Lemos (capela só em 1845) e a vila de São José do Norte então criada.

O que era a Zona Sul por ocasião da Independência abordamos na edição deste jornal de 8 novembro de 1972.

Por ocasião do início da Revolução Farroupilha era esta a situação da Zona Sul quanto a seus desdobramentos em municípios que se originaram do Rio Grande: além dele, ao qual pertencia o povoado de Santo Antônio do Palmar de Lemos (atual Santa Vitória do Palmar) existiam mais Pelotas, ao qual pertencia Boqueirão, hoje município de São Lourenço do Sul; Piratini (também vila dos Casaes) do qual faziam parte, além do seu território e mais o de Cacimbinhas, mais o do Cerrito de Canguçu (Vila Freire) o de Canguçu e o de Bagé até o Piraí; São José do Norte, do qual já faziam parte Estreito e Mostardas, e Jaguarão, o qual faziam parte Herval e Arroio Grande.

Enfim, área abrangida hoje pelos municípios de Rio Grande, Pelotas, São José do Norte Piratini, Canguçu, Pinheiro Machado, Pedro Osório, Jaguarão, Herval do Sul, Arroio Grande, Santa Vitória do Palmar e o de Bagé até o Piraí.

Pinheiro Machado por mui to tempo chamou-se Cacimbinhas e só desligou-se de Piratini em 1878. O de Pedro Osório surgiu em 1957, com apoio em desmembramentos de Arroio Grande (Olimpo), Piratini (Orqueta) e Canguçu (Estação Cerrito e antigo Cerrito de Canguçu, Canguçu Velho e ultimamente Vila Freire).

É costume quase consagrado confundir-se Cerrito de Canguçu ou também do Piratini, com o Cerrito de Jaguarão. O Cerrito do Canguçu foi muito importante entre 1801-1812. Dominava o histórico Passo do Acampamento no rio Piratini, importante encruzilhada comercial do Rio Grande do passado.

Começemos a analisar a revolução pelos municípios que existiam então na Zona Sul e na ordem em que foram criados:

A luta em Rio Grande e S. Vitória

O município de Rio Grande a época da revolução incluía o atual município de Santa Vitória do Palmar. Era reduto imperial e berço do Presidente Rodrigues Fernandes Braga, deposto pela revolução de 20 de setembro de 1835 e para onde esta autoridade se dirigiu e tentou resistir.

Bento Gonçalves, através de uma ampla manobra de pinça, atuou diretamente sobre Rio Grande, em combinação com Onofre Pires, por São José do Norte, a partir de Porto Alegre.

Em 20 de outubro, Bento Gonçalves, depois de partir de Porto Alegre, reunir recursos em Camaquã e Encruzilhada, atravessou o passo da Armada no Camaquã e logo a seguir Canguçu. Dali atingiu Pelotas, onde obrigou a Câmara a reconhecer a revolução. Forte de 400 homens cercou Rio Grande em 28 de outubro e obrigou o Presidente a viajar para o Rio três dias depois. Aí decorreu o grande descuido dos farrapos que selou a sorte da revolução. Foi o fato de Rio Grande haver retornado de graça e de modo incruente as mãos do império, mesmo de 2 meses depois, quando ali tomou posse o Presidente Araújo Ribeiro.

Rio Grande voltou a ser a capital de fato da Província. O Império transformou Rio Grande – o maior objetivo estratégico da revolução e jamais reconquistado por ela, em inexpugnável base terrestre e naval aberta a reforços militares e logísticos de toda a ordem protegida pelo canal São Gonçalo.

Destacaram-se no combate aos revolucionários dois ilustres rio-grandinos — o marechal Antero Ferreira Brito e mais tarde Barão de Tramandaí e o major Manoel Marques de Souza — mais tarde Conde de Porto Alegre por ter tido atuação decisiva na reconquista definitiva de Porto Alegre aos revolucionários

em 15 de junho de 1836, pelo que a cidade recebeu o título de “mui leal e valorosa cidade de Porto Alegre”.

Rio Grande serviu de base para a esquadilha imperial ao comando de João Pascoe Greenfell, para progressivamente, conquistar e manter o domínio de todas as águas interiores de Rio Grande, negando a Revolução e depois a República Rio-Grandense um porto marítimo, lacustre e mesmo fluvial para que respirasse.

Com a reconquista de Porto Alegre, Rio Grande manteve com a mesma intenso intercâmbio lacustre, livre de interferência republicana e o mesmo com o Uruguai através da Lagoa Mirim.

Foi em Rio Grande, no Rincão dos Touros, ou Torotama, que o então Barão de Caxias reuniu enorme cavalaria obtida em Cima da Serra, Campos de Viação e Uruguai para iniciar a sua campanha pacificadora que resultou na Paz de D. Pedrito, em 1º março de 1845.

Caxias fez uma finta para fixar o riograndino general Netto na região de Piratini e Canguçu. A seguir atravessou, em 9 de janeiro de 1843, o Passo da Barra no São Gonçalo. E costeando a Lagoa dos Patos e o rio Jacuí foi ter no Passo São Loureço onde o seu Exército, que estava quase a pé, recebeu 5.000 cavalos e passou a atuar na Campanha.

Através das biografias dos riograndinos imperiais e farrapos: general Antônio de Souza Netto, Antônio Rodrigues Fernandes Braga e seu irmão Pedro Rodrigues Fernandes Chaves e Barão de Quaraim, Marechal Antero Ferreira Brito e o general Manoel Marques de Souza o Conde de Porto Alegre abordados por Décio Vignoli das Neves em **Vultos do Rio Grande**, poderá ter o leitor uma visão da participação de Rio Grande na Revolução Farroupilha, com mais riqueza em detalhes.

O mesmo se pode dizer dos estudos do historiador rio grandino Olavo de Albuquerque, grande estudioso de História do Rio Grande.

Se os farrapos tivessem mantido Rio Grande depois de a conquistar entre 20 e 23 de outubro de 1835, outra por certo teria sido a sorte da República Rio-Grandense e, em consequência, a História de Rio Grande e a do Brasil.

Rio Grande progrediu muito com a Revolução. Serviu de entrada de recursos de toda a ordem para bater em terra e na água a revolução.

O Império tirou lição da História, ao defender e fortificar-se a todo o custo no Rio Grande. Lição tirada do domínio da Espanha de Rio Grande durante 13 anos. Domínio cujo fim necessitou a mobilização de um poderoso Exército recrutado em todo o Brasil e em Portugal.

Quanto a Santa Vitória, depois da abertura do Passo dos Negros e 2 de junho de 1836, parte de seu território foi trilhado por Antônio Netto e Domingos Crescêncio em perseguição aos coronéis Isaias Bonifácio Calderon (oriental) e Silva Tavares que se internaram no Uruguai pelo Chuí. Segundo Péricles de Azambuja em **História das Terras e Mares do Chuí**. (Palegre, 1978).

Santa Vitória inicialmente foi controlada pelos irmãos revolucionários Domingos e Manoel Joaquim de Oliveira. Estes foram derrotados no combate das Tesouras pelo imperial e mais tarde coronel José Manuel Alves Nunes (Juca Alves) nomeado por Araújo Ribeiro e que manteve Santa Vitória até o fim – imperial: Domingos de Oliveira, vulgo “Quero-Quero” foi morto em Pelotas quando cobrava impostos em março de 1842, por imperiais vindo do Rio Grande. Foi no Rio Grande que seu filho, nascido em Povo Novo, o historiador Alfredo Ferreira Rodrigues, aluno brilhante do Colégio Sul-Americano, em Pelotas, aditou de 1889-1917 o célebre **Almanaque Literário e Estatístico do**

RGS, onde, através de grande volume de artigos preservou a memória da revolução, tendo participado inclusive da campanha que resultou no monumento a Bento Gonçalves na Praça Tamandaré, que abriga os restos mortais do maior campeão farrapo.

O leitor interessado em aprofundar na revolução em Rio Grande encontrará subsídios fartos na benemérita Biblioteca Rio-Grandense.

Caxias, depois de deixar Rio Grande, em 9 de janeiro de 1843 e fazer um grande círculo em torno das serras do Sudeste, esteve em Rio Grande em maio de 1844, depois de mais um ano de intenso combate à revolução.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO GRANDE MENSAGEM

A data do sesquicentenário da Revolução Farroupilha não pode passar despercebida pelos gaúchos que cultuam as tradições de civismo e de bravura e os sentimentos de liberdade que empolgam a gente riograndense. A cidade do Rio Grande, berço de Antônio de Souza Netto e depositária dos restos mortais de Bento Gonçalves da Silva, vulto exponencial da epopéia farrapa e presidente da República de Piratini, sente-se honrada em registrar a efeméride. E, ao ensejo, rejubia-se por recordar que foi neste nosso torrão, no Rincão dos Touros, ou Torotama, que o então Barão de Caxias encetou sua campanha de pacificação da Província, até a consumação da Paz de Ponche Verde, a 1.º de março de 1845.

Um século e meio decorrido da Revolução Farroupilha, a comunidade riograndina, partilhando dos ideais que inspiram os gaúchos de todos os tempos, regozija-se pelas conquistas do nosso Estado nos diferente setores de atividade e pelo desenvolvimento e progresso alcançados, mercê do trabalho construtivo e da união dos segmentos mais representativos da sociedade em favor do bem comum.

Rio Grande, 20 de setembro de 1985.

ABEL DOURADO

Prefeito

A REVOLUÇÃO EM PELOTAS E SÃO LOURENÇO DO SUL

A preservação da memória pelotense em relação à Revolução Farroupilha se deve aos esforços entre outros dos historiadores locais Simões Lopes Netto, Fernando Luiz Osório, Alberto Coelho da Cunha, Henrique Carlos de Moraes, Paulo Duval, Heloisa Nascimento Assunção e, em data mais recente, a Ângelo Pires Moreira, canguçuense fundador e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, em estudos em que focaliza o Duque de Caxias e a Marinha relativamente a revolução em Pelotas.

Pelotas por ocasião da Revolução era a mais pro gressista comunidade gaúcha. A ela pertencia São Lourenço do Sul atual, tendo como núcleos mais ativos a Picada dos Que vedos e o Boqueirão.

Pelotas foi a localidade que mais sofreu. Pois ficou entre dois fogos: Os farrapos dominando a serra dos Tapes e os imperiais a margem leste do São Gonçalo.

Portanto seus habitantes ficaram a mercê das facções em luta, o que os

forçou a migrarem em massa para São José do Norte. Repetiu-se a lhistória do período de invasão espanhola em que Pelotas ficou terra de ninguém, entre os guerrilheiros de Pinto Bandeira, com sua base nas serras dos Tapes e Herval, e os espanhóis dominando a área a leste do São Gonçalo.

Entrada de Bento Gonçalves em Pelotas

Pelotas não entrou nos planos revolucionários. Foi forçada por Bento Gonçalves a aderir a Revolução entre 10 e 20 de outubro, quando foi forçada por aquele chefe forte de 400 homens, vindo de Canguçu, após longa marcha forçada, por Porto Alegre, Camaquã, Encruzilhada, Passo da Guarda e Canguçu. Dali partiu sobre Pelotas e depois Rio Grande.

Neste interim, em 14 de outubro, no arroio Grande junto a Pelotas, do lado de São Lourenço, o riograndino capitão Manoel Marques de Souza e o ervalense Silva Tavares, bateram o riograndino capitão Manoel Antunes da Porciúncula, concunhado de Bento Gonçalves, que se disse atacado por falta de palavra no cumprimento de um acordo com Silva Tavares.

Dois dias depois, Domingos Crescêncio de Carvalho, junto a atual ponte do Retiro, sobre o arroio Pelotas, bateu Silva Tavares.

Esta vitória ajudou Bento Gonçalves a obter a adesão de Pelotas depois de sua Câmara aderir a revolução no dia 15.

Pelotas só tinha motivo de alegrar-se com o Presidente Fernandes Braga que havia elevado a cidade e feito tudo sempre para prestigiá-la.

Com a posse em Rio Grande do novo Presidente Araújo Ribeiro, este retomou Rio Grande de maneira incruenta, através de hábil manobra política. Consolidou esta situação com reforços navais e terrestres recebidos. Desses reforços destacou para Pelotas, ao comando do riograndino capitão Manoel Marques de Souza 62 homens que acantonaram no ainda existente sobrado na rua Félix da Cunha nº 603, esquina Praça Pedro Osório, atual Casa da Banha.

Entrada de João Manoel em Pelotas

O major João Manoel de Lima e Silva Comandante-das-Armas, revolucionário coadjuvado por seu amigo e co-estaduano major José Mariano de Mattos, os únicos com curso na Academia Real Militar, concentraram todos os meios no passo do Acampamento, no rio Piratini.

Dali, depois de atravessarem Pedro Osório atual, atacaram Pelotas de surpresa na noite de 6/7 abril 1835. A única resistência foi Marques de Souza com seus soldados no histórico sobrado. Finalmente no dia 7 Marques de Souza sob a ameaça de João Manoel e de seu parente o riograndino Antônio Netto, de fazerem o sobrado voar pelos ares depois de minalo com barris de pólvora, teve de render-se. Ele foi enviado preso para Porto Alegre e o armamento de seus homens foi equipar um esquadrão de Netto formado por piratinenses, canguçuenses e bageenses.

Ainda a 8 irrompeu em Pelotas, em auxilio de Marques de Souza, o coronel Albano Bueno de Oliveira, paulista de Guaratinguetá, compadre de Bento Gonçalves e que lutará sob suas ordens em 1811-1822, mas que agora se manteve fiel ao Império.

Evacua Pelotas e marchou na direção do Passo dos Negros, esperando contar com o apoio da Marinha. Foi forçado a atravessar o São Gonçalo a nado,

ocasião em que após homérica e comovente resistência foi preso. Quando era transportado para Porto Alegre foi morto por sua escolta no arroio Velhaco, em circunstâncias até hoje não esclarecidas.

Pelotas QG da Revolução

Pelos próximos 5 meses a charqueada de Domingos José de Almeida, que estudamos na edição deste jornal de 20 set 1981, tornou-se o Quartel General e a Base Logística (ou Trem de Guerra) da revolução para se conquistar Rio Grande.

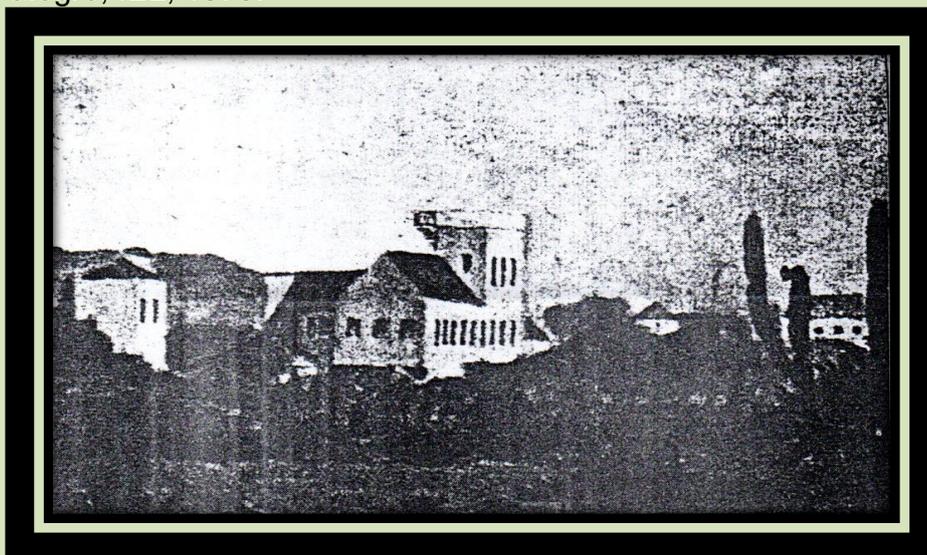
O rio Pelotas foi fortificado na foz com dois fortins. Foram preparadas balsas para atravessar a tropa e fabricado inclusive pólvora e munição de Artilharia.

Em 2 junho teve lugar o combate de São Gonçalo, vencido por João Manoel e ao final da qual a esquadilha do Greenfel teve de ceder à pressão e abrir o passo. Nesta ocasião João Manoel foi ferido gravemente no rosto por um estilhaço de granada disparado da canhoneira "**Oceano**".

Fatos posteriores, como a recuperação de Porto Alegre pelo Império em 15 junho, proclamação da República Rio Grandense, em 1º de setembro, e prisão de Bento Gonçalves, em 4 outubro, na ilha do Fanfa, obrigaram os revolucionários a evacuarem Pelotas rumo a Piratini e depois se internarem no Uruguai.

Pelotas passou a influência imperial por cerca de 5 meses. Retomou ao controle da República Rio-Grandense 1838-1842, ocasião em que ficou a mercê de golpes de mão partidos do outro lado do São Gonçalo.

Em 20 de maio 1837, as forças de terra e mar imperiais no corte do São Gonçalo celebraram um acordo, pelo qual era assegurado à Marinha Imperial livre trânsito pelo São Gonçalo e vedado aos imperiais atuarem no lado de Pelotas e os republicanos atuarem além do São Gonçalo. Mas o acordo foi rompido pelos imperiais, frustrando a tentativa pacificadora de Greenfeld, conforme estudei em "**Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS**", Palegre, IEL, 1975.



Pelotas, vista do Sul de São Gonçalo, na Revolução

Um golpe de mão a Pelotas

Em janeiro de 1839 navios desembarcaram furtivamente em Pelotas 40

homens a cavalo ao comando do capitão imperial David. Enquanto os navios rumaram para um lugar combinado para o reembarque, os imperiais dirigiram-se a toda a rédea sobre Pelotas.

Ao avistarem dois homens na porta de uma casa os investiram, deixando um morto e outro gravemente ferido.

Uma sentinela, lanceiro farrapo, ao ir reconhecê-los foi morto depois de obstinada defesa. Chegando a Praça Pedro Osório atual, outro lanceiro de piquete ao capitão José Lernas Barbosa, Comandante Militar de Pelotas foi atacado. Nove imperiais o investiram. Ele ofereceu obstinada resistência que cessou ao morrer com armas na mão, depois de longa resistência.

A seguir o capitão David deparou, passando à cavalo descuidado, o tenente Decca. Este foi atropelado, entreverou-se com os atacantes e disparou sua pistola. Seu cavalo rodou e ele caiu em pé. Remontou e abriu caminho entre balas e espadas. Escapou ferido a bala nas costas.

O tenente Ferreira Bicca atraído pelo barulho e percebendo o perigo tentou correr para casa em busca das armas. Foi cercado. Cortou a mão com uma espada adversária ao aparar golpe certo. Recebeu um golpe de espada na cabeça que não o impediu de abrir caminho defendendo-se com o ponche. As balas não o atingiram.

A seguir os irmãos Serafim e José Ignácio Moreira, ao tentarem buscar proteção na casa do cidadão Salccione foram percebidos pelos imperiais.

David cercou a casa, arrombou a porta a golpes de acha. Saqueou a casa e prendeu os dois jovens.

A seguir rumou para os navios levando os dois irmãos Moreira, alguns cavalos de civis que estavam a sogá e um escravo de Juca Neves que foi ferido a lança ao reagir a entrega.

Esta é em síntese a versão oficial da República Rio-Grandense através do O **POVO** de 6 mar. 1839.

O versão oficial imperial através do o “Correio Mercantil” do Rio Grande de 16 de janeiro foi então:

“O capitão David passou com 40 homens para o outro lado do rio (São Gonçalo) afim de bater uma partida rebelde que ocupava a cidade de Pelotas. O inimigo teve 7 mortes e 2 prisioneiros, deixando além disso alguns cavalos em poder dos vencedores”.

As versões confirmam que em “tempo de Guerra mentira é como terra”.

Além da reação corajosa dos tenentes Decca e Bicca o autor identificou nesta confusão o seu trisavô. Era o jovem José Ignácio da Silva Moreira, também trisavô de Ângelo Pires Moreira, Presidente do IHG Pelotas.

O jovem José Ignácio era o 1º escriturário do Ministro do Interior e Justiça, farrapo e o seu irmão Serafim, o do Ministério da Guerra e Marinha da República Rio-Grandense e ambos em folga, em Pelotas, em visita a mãe. José Ignácio foi o primeiro serventuário de justiça ao ser criado o município de Canguçu em 1857. Nota: Era o pai dos irmãos Franklin Maximo e Carlos Norberto Moreira patronos de cadeira na Academia Canguçuense de História. Em São Lourenço na Picada dos Quevedos foi organizada em 1838 a Fábrica Nacional de Curtumes e Lombilhos tendo como administrador o capitão João Rodrigues de Quevedo. Era líder militar farrapo em Boqueirão Theodoro José Ribeiro que chegou a tenente coronel. O arroio São Lourenço serviu algumas vezes de abrigo de barcos farrapos corsários que atuaram contra a navegação imperial entre

Porto Alegre e Rio Grande, antes que fossem construídos no passo do Mendonça os lanchões farrapos “**Seival**” e “**Farroupilha**” que foram usados por Garibaldi na expedição a Laguna, depois de os transportar em carretas da Lagoa dos Patos até o Tramandaí.

Em Pelotas da aventura marinheira farrapa registrou-se episódio heróico e comovente, contado pelo historiador Fernando Luiz Osório, neto do general Osório e assinalado cronista da Epopéia Farroupilha.

Contou que Tobais da Silva tendo armado de guerra dois lanchões, foi atacado no passo dos Canudos por um cutter imperial. Vendo-se perdido dirigiu um lanchão em direção ao cutter. Próximo deitou fogo nos paióis de pólvora, fazendo o barco voar pelos ares. Mais tarde concluiu Fernando Osório, “o marinheiro veio ter a margem morto e carbonizado e agarrado a ele outro corpo na mesma situação identificado como o de sua esposa, que o acompanhou naquele sacrifício supremo.”

É possível que neste sesquicentenário farrapo sejam revelados outros episódios desconhecidos.

A partir de agosto 1843, Pelotas passou ao controle imperial sob a cobertura, em Canguçu, da Ala Esquerda do Exército Imperial, comandada por Chico Pedro. Foi guarnecida pelo 8º BC. O Barão de Caxias em 7 maio 1844 esteve em Pelotas vindo de Porto Alegre para unir-se ao Exército, em Pedro Osório.

Artigo de Ângelo Pires Moreira, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico complementa a presente abordagem.

Meu bisavô Antônio Joaquim Bento, nascido em Pelotas, em 1833, possuía cerca de 5 a 6 anos quando do golpe de mão do capitão Davi em 1839. E ele confirmava através de depoimento a descendentes a impressão infantil que teve. Pois, foi um escravo de seu pai, o então comerciante José Joaquim Bento que descobriu as manobras dos atacantes, preparatórias e realizadas num capão próximo a casa do seu patrão. Foi uma impressão fortíssima que acompanhou meu bisavô, sempre, segundo transmitiu-me Adail Bento Costa.

PIRATINI E P. MACHADO DURANTE A GUERRA

Por ocasião da Guerra Cisplatina 1825-28 muitas famílias da fronteira invadida duas vezes pelo general argentino Carlos. Maria Alvear encontraram maior segurança e conforto em Piratini. Nela o Exército Imperial que combateu naquela guerra foi desmobilizado em 1828.

Estes dois fatos asseguraram um grande progresso local. Muitos veteranos da citada guerra, descontentes com o seu desfecho, ali se fixaram. Assim Piratini foi o terceiro município criado na Zona Sul, em 19 dezembro 1930, só 12 dias depois de Pelotas, o 2º município da Zona Sul. Piratini foi instalada em 7 junho 1832, abrangendo um vasto território compreendido pelo seu território e mais o de Bagé até o Piraí e o de Canguçu. Neste território eram grandes os descontentamentos com a política fiscal do Império e o tratamento dispensado a citada Guerra Cisplatina. Eram líderes farrapos locais os capitães Oliveira Nico e Domingos Souza Netto.

Piratini aderiu de pronto e sem resistências a revolução e foi o 2º município a aderir a República Rio-Grandense proclamada no Campo do Menezes por Antônio Netto, com a primitiva Brigada da Guarda Nacional e, então Brigada Liberal, integrada por filhos de Canguçu, Pedro Osório (Vila Freire), Piratini e Píneiro Machado e Bagé até o Piraí.

Em 6 novembro 1836, foi instalado em Piratini a República Rio-Grandense e

esta vila foi transformada em capital. E, nesta condição, ela viveu o período áureo da República de março de 1837 — fevereiro 1839, ou por quase dois anos, até tornar-se insegura para o governo.

Ainda permanecia em 1950, com suas características daquele tempo áureo, os edifícios do Palácio do Governo, do Ministério da Guerra e da Marinha, hoje museu, e o edifício onde foi editado o jornal O POVO de 1º setembro 1838 a 2 fevereiro 1838, ou durante 5 meses num total de 45 números dos 160 que integram a coleção e a maior parte editado em Caçapava, para onde Bento Gonçalves deslocou o governo em janeiro 1839, por possuir “posição mais central”, mas em realidade segurança maior,

Na fase final da revolução, depois de a capital ter sido Caçapava, Alegrete e, até Bagé, segundo Tarcísio Taborda, Piratini voltou a abrigar por um tempo curto a capital.

Sua participação é estudada com maiores detalhes pelo historiador local David de Almeida.

Foi de Piratini que Bento Gonçalves lançou seu mais célebre manifesto, em 25 agosto 1838, para justificar a revolução, dizendo entre outras coisas:

“O povo rio-grandense não fez obra de precipitação irrefletida, Cedeu sim, ao dever rigoroso de consultar a sua honra, felicidade e existência altamente ameaçadas, para fugir a um jugo insuportável, cruel e ignominioso. Só empunhou o gládio dos combates para cobrir-se e defender-se de odiosa pressão”.

E finaliza dizendo **“que os rio-grandenses adotaram o sistema republicano e “estão dispostos todavia, a federarem-se, quando nisto acordem às Províncias Irmãs que venham adotar o mesmo sistema”.**

Foi em Piratini que foram idealizados e adotados os símbolos da República Rio-Grandense que desde 1891 são os do Rio Grande do Sul.

Foi em Piratini, organizado o Exército da República Rio-Grandense pelos fluminenses João Manoel de Lima e Silva (tio de Caxias) e José Mariano de Mattos, os únicos farrapos possuidores do curso na Academia Real Militar do Rio de Janeiro.

Nesta ocasião, por decreto do Presidente Gomes Jardim, Piratini recebeu o título de **“Cidade Heróica e Valorosa”**¹.

Em 11 julho 1843, Piratini foi atacada pelo coronel riograndino Manoel Marques de Souza forte de 1000 homens. Seu objetivo era surpreender o Governo da República lá instalado pela segunda vez. Mas seu ataque frustrou-se, porque o Governo avisado a tempo deixou Piratini. Participaram da ação o 11º Batalhão de Caçadores, o 2º Regimento de Cavalaria Ligeira e o 5º Corpo de Cavalaria de Guarda Nacional. Participou desta ação o mais tarde general Osório. A seguir esta tropa retornou a Pelotas que ocupou.

Em 27 junho 1844 Chico Pedro ou Maringue atacou Piratini a partir de Canguçu. Lá aprisionou o coronel Mariano de Mattos ex-Ministro da Guerra e da Marinha e Vice Presidente da República no Exercício da Presidência, por longo tempo e o único oficial que possuía o curso completo da Academia Real Militar do Rio de Janeiro.

Mariano de Mattos mais tarde foi Ministro do Império (1864). Chico Pedro o manteve preso alguns dias em Canguçu na antiga cadeia demolida em 1839, bem como ao coronel Joaquim Pedro Soares — português.

Caxias na fase final da Revolução, conforme suas “Ordens do Dia” e **“Ofícios”** do período 1842-45, fez de Piratini o Quartel General do seu Exército

e a sede do Governo da Província.

Pinheiro Machado entrou para a História da Revolução Farroupilha, principalmente por abrigar os cerros dos Porongos, onde teve lugar negociação de Paz.



Muitos morreram heroicamente e no completo anonimato

A surpresa de Porongos, quando Chico Pedro atacou Canabarro em 13 novembro 1844 inflingindo-lhe pesada derrota que custou muitas vidas dos lanceiros negros do coronel canguçuense Teixeira Nunes.

Evento histórico até hoje cercado por esta incerteza farrapa. Fomos ou não traídos em Porongos?

Talvez no bicentenário da Revolução esta dúvida fique esclarecida de vez.

E filho de Piratini o tradicionalista Luiz Carlos Barbosa Lessa que, em prosseguimento ao seu excelente livro **“Rio Grande do Sul — prazer em conhecê-lo”**. Palegre, Globo, 1985, dará tratamento destacado para a Epopéia Farroupilha. É igualmente filho de Piratini a primitiva Vila dos Casaes (de açorianos) o Dr. Clayr Lobo Rochefort, diretor deste quase centenário Jornal e que teve a inspiração feliz de realizar esta edição histórica que esperamos tenha a merecida projeção nos festejos dos 95 anos do DIÁRIO POPULAR" e do sesquicentenário da Revolução Farroupilha e mais além.

Em Pedras Altas, município de Pinheiro Machado, Caxias esteve acampado algum tempo! Na sua Ordem do Dia, de 19 de maio 1843, de seu "Quartel General nas Pedras Altas" ele dispensou por 4 meses, para tratar a saúde com vencimentos de soldo simples "em atenção aos seus bons serviços na presente luta", ao valoroso ten. cel. José Ignácio da Silva Ourives (Juca Ourives), comandante do 8º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional. Foi em Pedras Altas que viveu e morreu o gabrielense Dr. Joaquim Francisco Assis Brasil (1857-1938) autor em São Paulo, quando acadêmico de Direito, de a "**História da República Rio-Grandense**". Rio, 1882. 21 — a primeira voz a revalorizar o pioneirismo republicano dos farrapos.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRATINI

"Dai-me um exército de gaúchos que conquisto o mundo." A frase, de Giuseppe Garibaldi, expressada em correspondência a Domingos José de Almeida anos após o decênio, quando o "condottieri" já se encontrava de volta na Itália e era aclamado como herói dos dois mundos, dá bem uma demonstração do valor em que eram tidos os cavaleiros rio-grandenses no conceito daquele valoroso revolucionário.

E Garibaldi sabia o que dizia. Mais do que qualquer outro combatente do período heróico, ele conviveu com a guerra e seus personagens, em ocasiões críticas. Basta atentar para a travessia dos lanchões com que se conquistou Laguna.

Para honra nossa, foi daqui desta valorosa Piratini - primeira capital da República de 35 - que se traçaram os planos e se estabeleceu a estratégia para a concretização daquele memorável feito.

Glórias eternas, pois, com a reafirmação dos sentimento de admiração e reconhecimento de nossa Comunidade àqueles que, tendo à frente a figura inesquecível de Bento Gonçalves da Silva, se submeteram ao sacrifício da própria vida pelos ideais de Liberdade, Igualdade e Humanidade consubstanciados na legenda farroupilha.

- Piratini, 20 de setembro de 1985

CARLOS DE SOUZA CARVALHO

Prefeito

CANGUÇU, A MAIS FARROUPILHA DAS CIDADES

Sobre este assunto escrevemos na edição deste jornal de 1 e 9 janeiro 1976 e em Canguçu reencontro com a História (Palegre, IEL, 1984).

Canguçu foi um dos distritos mais farrapos na expressão de Caxias. A última carta escrita por Bento Gonçalves antes de atravessar o Guaíba para assaltar Porto Alegre, em 20 setembro 1835, foi para Canguçu, para seu primo capitão Florentino de Souza Leite, comandante da Guarda Nacional local.

Bento Gonçalves partiu de Canguçu em outubro de 1835 para investir e submeter sucessivamente Pelotas e Rio Grande e, no último, obrigar a viajar para o Rio o Presidente deposto Fernando Braga,

Foi do passo do Acampamento, no distrito do Cerrito de Canguçu atual Vila Freire) em Pedro Osório, que o major João Manoel Lima e Silva partiu sobre Pelotas, com tropa constituída por expressivo número de canguçuenses para conquistar a cidade na noite de 6/7 de abril, bater Marques de Souza a 7, no centro de Pelotas, e a 8 no Passo dos Negros a tropa do cel. Albano Bueno, natural de Guaratinguetá.

Foram dos distritos de Cerrito de Canguçu (Vila Freire) atual Pedro Osório e de Canguçu que saíram para às tropas revolucionárias em Pelotas, 404 alqueires de trigo e 59 de milho entre setembro e outubro 1836. Grãos entregues ao moinho do italiano Pedro Brizolara, em Pelotas.

Obrigado a evacuar Pelotas, o major João Manoel Lima e Silva escolheu a vila de Canguçu para ser a Capital da República no que foi demovido por Domingos de Almada que escolheu Piratini por oferecer mais comodidades e estar mais próximo da fronteira do que Canguçu.

Canguçu foi das últimas localidades a cair em mãos dos imperiais. E isto só ocorreu a partir de agosto 1843, quando por ali Caxias destacou a Ala Esquerda do seu Exército ao comando do ten. cel. Francisco Pedro de Abreu, o mais temível e competente guerrilheiro imperial, com a finalidade, inclusive, de cobrir Pelotas. Ele entrincheirou as estradas de Canguçu nas imediações de Cerro Partido. Acampou com sua Cavalaria junto a atual sede do E. C. Cruzeiro e com a Infantaria na atual Praça Mal. Floriano, que a época não estava aterrada. Durante sua permanência de cerca de 2 anos em Canguçu, sua base de operações na Zona Sul, mandou construir a antiga cadeia, demolida em 1939 para ceder lugar à atual. Ajudou a restaurar a Igreja N. S. da Conceição que estava quase em ruínas. Depois que Bento Gonçalves deixou a Presidência e o Comando-em-Chefe do Exército, de 1843-45, buscou proteção diversas vezes em Cerrito (Vila Freire) e Vila de Canguçu. Na última frequentou a loja Maçônica Fidelidade e Esperança, à qual doou um malhete que trouxera da Bahia onde esteve preso e fugiu do Forte do Mar, em Salvador. Canguçu foi cenário de pelo menos três combates liderados pelo general Bento Gonçalves contra o ten. cel. Francisco Pedro ou Moringue.

O primeiro foi em 25 janeiro 1843, na Picada do Iguatemi. Moringue desembarcou proveniente de Porte Alegre no Passo do Liscano. Montou em seus cavalos e tentou surpreender Bento Gonçalves, que estava acampado junto ao Cerro Partido, nas nascentes do Pantanoso, atual Associação Rural de Canguçu. Bento saiu a sua frente tendo se dado então o combate do Iguatemi que passou a chamar-se “picada caramuru”.

Por volta de setembro Chico Pedro voltou a ocupar Canguçu por ordem de Caxias. A seguir teriam lugar os dois combates que entraram para a história como combates de Canguçu.

O primeiro combate de Canguçu teve lugar na altura das Pedras das Mentiras, na noite de 25/26 outubro de 1843. Bento, Netto e o pelotense Camilo dos Santos deixaram Piratini visando atacar de surpresa, na manhã de 26. Francisco Pedro conhecendo os planos de Bento saiu de Canguçu na noite de 25, com comida pronta para 2 dias. Entre as alturas da Lacerda e Pedra das Mentiras, atacou de surpresa os republicanos dispersando-os.

Para revidar à surpresa Bento Gonçalves reuniu novos meios. Decorridos 11 dias do I.º combate de Canguçu decidiu surpreender Chico Pedro.

Escolheu o dia 6 de novembro de 1845, sétimo aniversário da instalação da República Rio-Grandense em Piratini.

Ao meio dia Bento Gonçalves atacou, a partir do Cerro do Ataque, ao lado do cerro da Liberdade, as tropas imperiais acampadas nos fundos do Colégio N. S. Aparecida. Foi um combate violento que durou uma hora, cheio de lances heróicos. O saldo foi 35 mortos e 60 feridos de ambos os lados. Os mortos foram sepultados ao lado da matriz junto a antiga Prefeitura Municipal, sob o atual

Colégio construído em 1939.

Depois da surpresa de Porongos, em Pinheiro Machado atual, Chico Pedro por ordem do Caxias retornou e fortificou-se em Canguçu. Quando retirava-se por sua base em Canguçu foi que Chico Pedro foi batido no Cerro da Palma, em Bagé, pelo coronel Antônio Manoel do Amaral.

Destacados vultos de nossa História Militar estiveram em Canguçu na Revolução Farroupilha.

Andrade Neves atuou na Armada e Caxias esteve na Coxilha do Fogo em dezembro de 1844, para impedir que Bento Gonçalves atravessasse o Camaquã para recrutar escravos nas charqueadas de Triunfo.

Dada a posição estratégica de Canguçu, como importante nó orográfico, depois da Paz de Ponche Verde foi para ele destacado e baseado, para assegurar a Paz na Serra dos Tapes, o então capitão Antônio de Sampaio, mais tarde o bravo dos bravos em Tuiuti e atual Patrono da Arma de Infantaria do Exército. Em Canguçu ele permaneceu até 1849, segundo Mallet Joubim, no comando de uma Companhia de Infantaria. Seu poste de comando foi a cadeia velha construída por Chico Pedro.

Ingressou nas forças imperiais então depois de haver lutado ao lado dos farrapos, o canguçuense e mais tarde general Hipólito Ribeiro. Ele foi destacado chefe de Cavalaria no Paraguai e vencedor do combate de Inhanduí, na Revolução de 93.

Em Pedro Osório atual formado com parte dos municípios de Canguçu, Arroio Grande e Piratini, a revolução transcorreu no contexto daqueles locais.

Ressalte-se a importância estratégica do Passo do Acampamento local da Ponte do Império, do passo Maria Antônia e do passo da Orqueta ou Santa Maria.

Caxias, depois de iniciar sua campanha no passo da Barra no São Gonçalo, em 9 janeiro 1843, fez marcha envolvente das serras do Sudeste Tapes e Herval e ao final de mais um ano acampou na região de Pedro Osório, ao sul do Piratini, por cerca de 2 meses de 10 março — 12 maio 1843. Caxias aproveitou então para descer o Piratini e embarcar no Liscano e viajar por água a Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre. Em 10 março na Estância do Paraíso editou a Ordem do Dia n.º 118. Em 13 de abril acampado no Piratini da Orqueta edita a Ordem do Dia n.º 116, pela qual foi promovido a coronel efetivo Miguel Farias Vasconcelos, o homem que entregou a Ordem para E. Pedro I abdicar e que era então o Ajudante General do Exército. Em 11 de maio está novamente na Estância do Paraíso onde edita a Ordem do Dia n.º 119. E finalmente em 12 maio acampou em Basílio.

Foi o padre Miguel Moncada, de Vila Freire, que celebrou o Te Deum em Piratini na instalação da República Rio-Grande. Nesta ocasião foi o canguçuense Teixeira Nunes o primeiro a carregar o pavilhão tricolor adotado pela República como sua bandeira.

Em 15 de outubro de 1835, antes de ser batido na ponte do Retiro por Domingos Crescêncio, o chefe imperial Silva Tavares destacou para Canguçu, para bater o capitão Florentino Souza Leite, uma força de 200 homens. Depois da retirada do Retiro o mesmo capitão Florentino recebeu ordem do capitão Crescêncio para “tomar todos os passos e picadas para impedir” a retirada de Silva Tavares que conseguiu atravessar o bloqueio, ao dispersar sua tropa e marcar encontro geral em Herval. É filho de Canguçu Ângelo Pires Moreira. Presidente do IHGPel, autor de interessantes estudos sobre a revolução, em

Pelotas.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANGUÇU MENSAGEM

Vibrem, nesta efeméride tão significativa da história riograndense, os sentimentos de civismo do povo de Canguçu, na evocação dos heróis de 35 e dos feitos gloriosos em que se destacaram, sob a inspiração dos ideais de Liberdade, Igualdade, Humanidade. É pacífico no conceito generalizado dos historiadores o sentido patriótico da Revolução Farroupilha. Não existiu, jamais, o intuito separatista. Antes, queriam os chefes farrapos a unidade, com dignidade. O Rio Grande altaneiro ante o Brasil voltado à satisfação dos interesses de todos os seus filhos, sem discriminações odiosas, livre de injustos tratamentos.

É com este espírito que a Comunidade Canguçuense, neste dia de festas, remonta a 150 anos atrás, para homenagear, na memória dos vultos heróicos da epopéia de 35, os valores imperecíveis que eles cultivaram e pelos quais se consagraram à admiração e ao reconhecimento das gerações vindouras.

Cumprimentamos, também, ao DIÁRIO POPULAR, pela iniciativa desta Edição Histórica, de autoria do historiador canguçuense Cel Claudio Moreira Bento pelos seus 95 anos de bons serviços à Zona Sul e pelo êxito de sua atualização tecnológica, transformando-se num jornal dinâmico, moderno e de apreciável conteúdo.

Canguçu, 20 de setembro de 1985.

ODILON MESKO
Prefeito

A REVOLUÇÃO EM JAGUARÃO, ARROIO GRANDE E HERVAL

Jaguarão, então Vila do Espírito Santo do Cerrito, era cabeça de um grande município abrangendo, além de seu território; mais os de Herval do Sul e Arroio Grande atuais. Era um dos maiores focos da revolução. Pois ali tinha sede o comando da Fronteira do Rio Grande que vinha sendo exercido desde 1828 pelo coronel Bento Gonçalves da Silva, também comandante do 4.º Regimento de Cavalaria de Linha.

Na então capela do Erval nascera o então tenente coronel da Guarda Nacional João da Silva Tavares. Este vinha comandando a Fronteira do Rio Grande em substituição a Bento Gonçalves. desde 30 dezembro 1834. Ele, depois do Marechal Sebastião Barreto, Comandante-das-Armas da Província se constituía no maior obstáculo militar ao êxito da revolução, projetada por Bento Gonçalves.

Ao estourar a revolução, Jaguarão foi dominada pelo então capitão Domingos Crescêncio de Carvalho com o 4.º RC. O coronel oriental Rafael Verdum no dia 22 foi para Erval tentar prender Silva Tavares. Nesta ocasião junto a atual cidade de Erval tenta prender Silva Tavares. Nesta ocasião junto a atual cidade de Erval teve lugar o primeiro combate sangrento da revolução. Foi um encontro de cavalarias com muitos mortos e feridos. Derrotado e ferido à lança Verdum reinternou-se no Uruguai.

Jaguarão, a partir de 1837 e até cerca de 1844, tornou-se território republicano. Continuou a ser o respiradouro dos revolucionários para receberem apoio externo e emigrarem sob a proteção de Rivera. Fechar a fronteira do Jaguarão com cavalhadas transportadas do Rincão dos Touros em Rio Grande, através de Santa Vitória atual, era o lance estratégico decisivo de Caxias que não foi levado a efeito, em razão da Paz de Pedrito em 1.º de maio 1845.

Foi na praça de Jaguarão, em 21 de junho de 1844, que tombou morto-varado por uma bala de fuzil o intrépido coronel farrapo Antônio Manoel do Amaral. Ele assinara a última vitória farrapa, pouco mais de um mês antes do Cerro da Palma, em Bagé, contra o temível e competente Chico Pedro ou Moringue, comandante da Ala Esquerda do Exército de Caxias desde setembro de 1843 com base em Canguçu.

Amaral havia atacado Jaguarão para obter agasalhos e comida para os republicanos. Quando retirava-se não resistiu a tentação e entrou em choque com policiais e guarnições de um navio imperial.

As terras de Arroio Grande, no passo do Chasqueiro, em 26 novembro 1844, serviram de palco à última reação armada. Ali teve fim depois de luta desigual o canguçuense cel. Joaquim Teixeira Nunes, “o maior lanceiro farrapo” e “o maior herói da Revolução” segundo Assis Brasil. Ele teve seu cavalo boleado, logo a seguir ele próprio foi boleado e com uma lança e ferido de morte com um tiro na coxa.

Silva Tavares, forte de 180 homens, marchou sobre Jaguarão onde restabeleceu o controle imperial em 28 de setembro, depois de obrigar o capitão Domingos Crescêncio a emigrar. Dia 5 retornou ao Erval. Dali marchou para a região de Pelotas para operar junção com Marques de Souza e bater no Arroio Grande o capitão Porciúncula.

Mas em 16 outubro, no Retiro, junto a Pelotas foi batido pelo jaguareense aditivo capitão Crescêncio de volta do Uruguai e intitulado-se comandante das forças liberais.

Com vitória de Netto sobre Silva Tavares, em Seivel, em 10 setembro de 1836, seguida da Proclamação da República Rio-Grandense, Jaguarão foi o primeiro município a aderir à República, em 20 de setembro, por ato de sua Câmara presidida por Domingos Moreira.

Em 17 dezembro de 1836, quando as coisas iam mal para a República, Erval foi cenário de um ousado lance farrapo. Canabarro de surpresa atacou e prendeu Silva Tavares na estância do sogro. Silva Tavares conseguiu fugir com auxílio de um sargento farrapo de nome Segismundo, natural de Pernambuco. Nome por certo proveniente do general holandês Segismund Van Schoppe derrotado pelos luso-brasileiros na 1.ª Batalha dos Guararapes naquele Estado, em 1649 e por nós estudada em 1971. No Rio, para onde foram levados presos vários líderes farrapos, prestou-lhes dedicada assistência o ilustre filho de Arroio Grande — Irineu Evangelista de Souza e mais tarde Visconde de Mauá, segundo Morivalde Calvet Fagundes. A casa de Mauá foi chamada “Quilombo Rio-Grandense”.

Teixeira Nunes, segundo Ordem do Dia n.º 183 de 4 dez 1844, de Caxias,

vinha retornando da capela de Arroio Grande onde fora tentar obter fazendas, e cavalos, quando foi morto.

Maiores detalhes o leitor interessado poderá obter com o Instituto Histórico de Jaguarão que pesquisa e preserva estes fatos com muito carinho. E mais do que isto, na obra do ilustre filho de Jaguarão, Alfredo Varela (1864-1943) — **História da Grande Revolução — O Ciclo Farroupilha**. Palegre, Globo, 1933 em 6 volumes com 3.200 páginas, cuja consulta ele procurou facilitar com **Índice Alfabético e Remissivo da História da Grande Revolução**. Rio, ACUSA, 1955. É sem dúvida alguma um filho da Zona Sul o maior historiador da Revolução Farroupilha. Seu relevante esforço de preservação da memória farrapa vem sendo continuado pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, que vem editando dentro de padrões arquivísticos, a coleção que lhe pertenceu. Tem se destacado nesta tarefa entre outros, Moacyr Flores, um dos especialistas contemporâneos na Revolução Farroupilha e natural de Porto Alegre.

SÃO JOSÉ DO NORTE, MOSTARDAS E ESTREITO NO MOVIMENTO ARMADO

São José do Norte, em 21 de outubro de 1831, foi criada vila sede do município integrado pelas localidades de Estreito e Mostardas. Não aderiu à revolução, junto com Rio Grande e Pelotas que formaram a resistência imperial à revolução.

Por ocasião da revolução, para ali foi transportado preso, desde Pelotas, o então major da Guarda Nacional e deputado provincial Domingos José de Almeida, mais tarde o maior cérebro civil e o maior estadista da República Rio-Grandense. Quando o major João Manoel de Lima e Silva atacou Pelotas em 7 de abril, São José inchou com família que migraram de Pelotas.

Ao ter início a revolução, o cel Onofre Pires comandando a Divisão do Norte, saiu de Porto Alegre a 7 de outubro e dia 20 atingiu a região do Tesoureiro, próximo a São José do Norte. Soube ali que esta já havia aderido a revolução. Este fato foi importante para obrigar o presidente deposto a ir para o Rio e a libertar Domingos de Almeida preso há 17 dias em São José do Norte, num navio ao largo, conforme escrevemos aqui em 20 set 1981.

Ao assumir o Governo em Rio Grande, em dezembro de 1835, o Presidente Araújo Ribeiro tratou de assegurar a posse de São José do Norte.

Onofre Pires mais uma vez saiu de Porto Alegre e depois de passar em Estreito e Mostardas iniciou o sítio de São José do Norte, em 4 de março.

A sua retaguarda foi ameaçada pelos legalistas chefiados por Juca Ourives e o capitão Pinto Bandeira.

Nesta ocasião, em 24 de março de 1836, o Império reforçou São José do Norte com 500 homens de Infantaria e Artilharia, 6 canhões e 3 navios de guerra ao comando do Brigadeiro Antônio Elzeário de Miranda Brito, Sua missão era comandar as forças legais em Rio Grande, Pelotas e São José do Norte, com especialidade os pontos fortificados.

Onofre levantou o sítio e marchou para a retaguarda. Em Mostardas, em 22 de abril, venceu e cometeu o ato impensado de deixar fuzilar os prisioneiros, inclusive o capitão Pinto Bandeira, sobrinho de Rafael Pinto Bandeira, o intrépido riograndino que foi “a primeira continentina”. Era o 2.º rude golpe nos Pinto Bandeira, pois fazia dois meses que no rio dos Sinos foram assassinados o pai e Diogo Bandeira Ferrer, o único neto varão do citado Rafael Pinto Bandeira, por

uma escolta que devia obedecer as ordens do capitão Manoel Vieira da Rocha — o célebre Cabo Rocha, que morreria na ilha do Fanfa.

Estes fatos, bem como a morte na mesma época do cel. Albano no arroio Velhaco, repercutiram muito negativamente na causa farrapa.

Onofre Pires, dez anos mais velho que Bento Gonçalves, veio a morrer em duelo ao final da revolução, depois de ferido de morte a espada, pelo líder maior da revolução — Bento Gonçalves.

Em julho de 1840, em pleno inverno, Bento Gonçalves lançou uma importante cartada. Deixou o sítio de Porto Alegre com Canabarro e marchou para atacar São José do Norte e dali atacar Rio Grande, se bem sucedido. Em 12 atravessou Mostardas. Em 16 atacou São José do Norte a uma hora e meia da madrugada de uma noite fria e tempestuosa, e de surpresa.

A Infantaria farrapa penetrou na vila e tomou a 3.^a bateria. Bento Gonçalves atacou com a Cavalaria e dirigiu-se ao largo da Igreja. Travou-se violento combate nas ruas de São José, inclusive com apoio da Artilharia dos navios surtos no porto. Reforços chegados de Rio Grande reverterem a situação. Para vencer era mister Bento Gonçalves incendiar a praça ao custo da vida de inocentes. E isto “seus sentimentos de piedade e compaixão não consentiam”, conforme revelara em 10 anos de luta, segundo Morivalde Calvet Fagundes, que conta em detalhes o episódio no excelente **História da Revolução Farrapilha**, P. Alegre, Martins, 1984.

Foi um combate sangrento com mais de duas centenas de mortos de ambos os lados. A falta da Infantaria farrapa se fez sentir de modo eloquente. Foi o início de declínio das armas republicanas que muito custou à liderança militar de Bento Gonçalves, que passou a ser superada por Canabarro.

Destacou-se na resistência imperial o cel. Soares de Paiva que obrou com muito cavalheirismo com Bento Gonçalves após o combate e vice e versa.

O Governo imperial agraciou São José do Norte com o título de “**Mui heróica vila São José do Norte**”.

Maiores detalhes o leitor interessado poderá pesquisar na excelente Biobiblioteca Rio-Grandense.

É filho de São José do Norte o destacado historiador rio-grandense Arthur Ferreira Filho, autoridade e especialista em estudos relativos as revoluções gaúchas e seus líderes militares, sendo inclusive veterano da de 1923. É autor de excelente **História Geral do Rio Grande do Sul**, onde focaliza de maneira muito acessível ao leitor em geral, a História da Revolução. E autor de **Revoluções e Caudilhos**, onde interpreta com rara sensibilidade o espírito militar rio-grandense. O inclui entre os mais destacados historiadores militares civis que tem tido o Brasil. Está sepultado na igreja matriz de São José o marechal Soares Andréia que comandou o levantamento do sítio de Porto Alegre, em 1841.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JAGUARÃO

Jaguarão foi o primeiro foco da Grande Revolução.

Não era para menos. Esta fronteira do Rio Grande teve em seu comando de armas a excelsa figura de homem e guerreiro que foi Bento Gonçalves da Silva,

comandante do invicto 4.º Regimento de Cavalaria de Linha, no período de 1828 a 1834.

Neste 20 de setembro, quando transcorre o Sesquicentenário da grande epopéia de 35, interpretando os sentimentos do povo desta terra, reverenciamos na paz do presente, a luta heróica dos valorosos farrapos, que escreveram, com seu sangue, a mais bela página de nossa história.

E é este mesmo povo, legatário de tão caras tradições, que, hoje como ontem, comungando dos altos objetivos que inspiram a Administração desta comuna, constroem com trabalho a grandeza de Jaguarão e a fazem próspera, para orgulho de todos nós.

Jaguarão, 20 de setembro de 1985

Aldo Rosa
Prefeito Municipal

BAGÉ ERA PEQUENA. MAS GANHOU IMPORTÂNCIA

Ao eclodir a Revolução Farroupilha, Bagé era um pequeno povoado em torno da capela de São Sebastião e dependente até o Pirai de município com sede em Piratini, que veio a ser a primeira capital da República Rio Grandense.

Era guarnecida pelo 2º. Regimento de Cavalaria de Linha (2º. RC) que possuía vários destacamentos na fronteira. Na época não atingia o efetivo de um esquadrão.

Liderou a revolução em Bagé, José Antônio Netto. Com ele, outros que aliciou no 2º. RC e mais civis que reuniu em sua chácara no Pirai, atacou Bagé.. O 2º. RC era comandado pelo então tenente Manoel Luiz Osório.

Este marchou com o Regimento para São Gabriel, onde apresentou-se a Bento Manoel Ribeiro, que cercava o 3º. RC. Segundo o cel. Portinho Osório seguiu para Rio Pardo com elementos do 2º. RC que não aderiram a Revolução.

A partir de então Bagé passou a ter grande realce na Revolução. Isto obrigou muitos de seus habitantes a deixá-la à procura de segurança.

Foi em suas terras, em Soival, que tropas ao comando de Antônio Netto e integradas por companhias da Guarda Nacional dos atuais municípios de Bagé até o Pirai, Canguçu, Piratini, Pedro Osório (Cerrito de Canguçu) e Pinheiro Machado atuais, dispostas para o combate pelo veterano do Exército Imperial — o português Joaquim Pedro Soares, venceram tropa Imperial ao comando do bravo ervalense João da Silva Tavares. Vitória que criou condições ainda em terras de Bagé, para que fosse proclamada no dia seguinte, 11 de setembro de 1836, no Campo de Menezes, e pelo mesmo Netto, a República Rio Grandense.

Em 1838, Bagé sob controle farrapo comemorou o combate de Seival e o 3º. Ano da Revolução.

Era a época áurea da Revolução com capital em Piratini na qual Bagé desfrutava tranquilidade livre de ataques.

Em 22 março 1841, o Exército Imperial ao comando do general João Paulo penetrou em Bagé em combate aos farrapos sem encontrá-los.

Assim como no início da Revolução foi desusada a movimentação em Bagé com a vitória de Seival e proclamação da República. No final da revolução sob o comando do Caxias, Bagé reassumiu grande importância, ora sob domínio farrapo, ora sob domínio imperial.

Em 6 de novembro de 1844 Caxias esteve em Bagé. O local serviu de cenário para a primeira conferência de paz entre Caxias e os chefes farrapos.

Foi em Bagé na capela São Sebastião que Caxias mandou celebrar uma missa depois da Surpresa de Porongos, pelos defuntos e não um Te Deum em comemoração a vitória, sob os argumentos que “**mortes de irmãos não são títulos de vitórias. Luto com os dissidentes e choro por seus mortos como um pai por seus filhos**”.

A primeira festa pela pacificação assinada em D. Pedrito pelo Barão de Caxias em seu campamento, em 1º março 1845, que selou a pacificação da Família Brasileira.

Bagé, na fase final da revolução foi capital da República Rio-Grandense e ao final capital da Província do Rio Grande do Sul com a presença diversas vezes na mesma do Barão de Caxias, então Presidente e Comandante - das - Armas conforme se constata; em seus **Ofícios e Ordens do Dia de 1842-1845**.

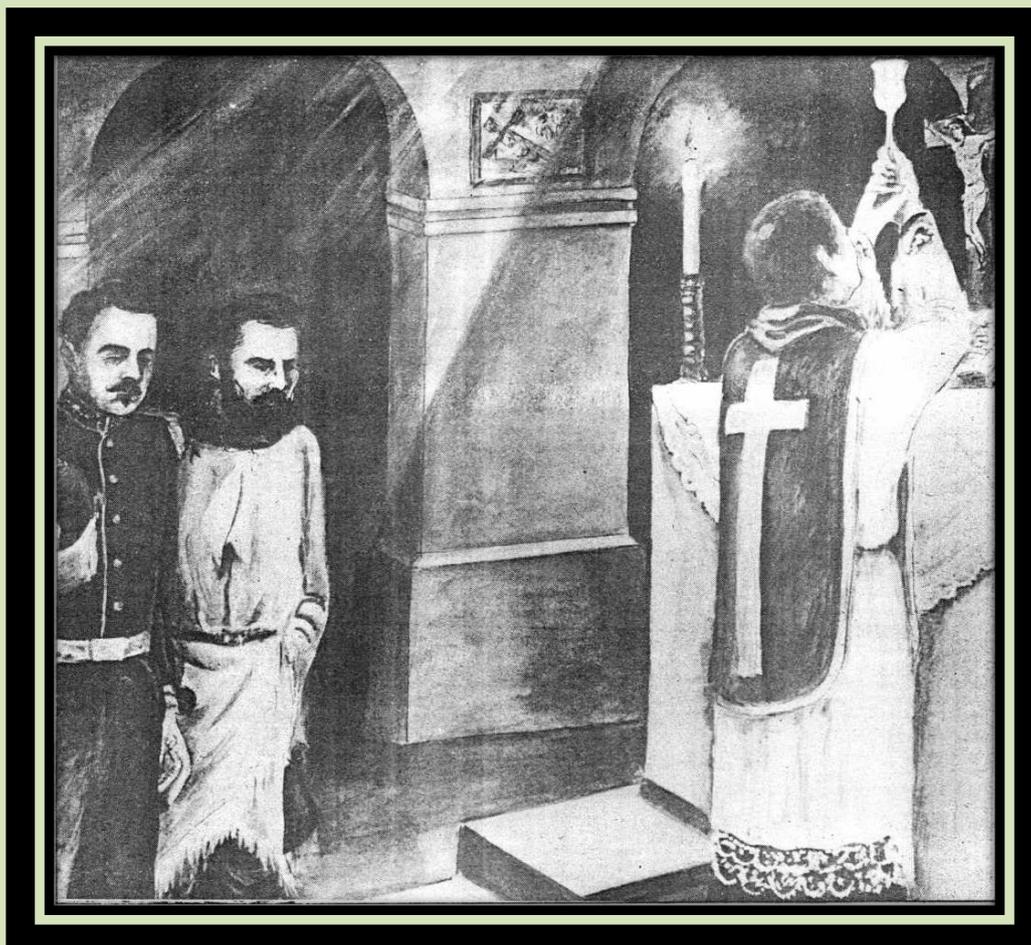
Repousam no cemitério de Bagé dois campeões dessa luta — o rio grandino general farrapo e depois brigadeiro Imperial Antônio de Souza Netto e o ervalense João da Silva Tavares, baluarte na defesa do Império e exemplo de coerência na defesa de suas verdades.

Foi de Bagé, em 17 de novembro 1844, que Caxias mandou uma comitiva integrada por seu irmão mais moço e seu ajudante de ordens capitão Carlos Miguel de Lima e Silva, com o rio-grandino major Manoel Marques de Souza e o cachoeirense Antônio Vicente da Fontoura para irem ao Rio tratarem da Paz junto ao Governo Central. A comitiva cruzou Pedro Osório, permaneceu em Pelotas em 25, 26 e 27. Embarcando no dia 28, chegou a São José do Norte, dia 2 dezembro, onde 25 dias depois estava de volta em 27.

Foi em terras de Bagé, no seu então distrito da Paz, D. Pedrito, que teve lugar em 1º. março de 1845 a Paz. Evento de grande projeção na consolidação da Unidade da Família Brasileira ameaçada por lutas fratricidas, desde 7 abril 1831. Paz que se projetou na preservação da Integridade e Soberania do Brasil ameaçadas nas Guerras contra Oribe e Rosas 1851-52 e guerra da Tríplice Aliança 1865-70.

Eventos nos quais antigos republicanos e imperiais marcharam ombro a ombro, lado a lado em defesa de valores mais altos que as divergências que os conduziram a Revolução Farroupilha.

Estuda a participação de Bagé nesta revolução o seu filho historiador Tarcisio Antônio Taborda em a **Revolução Farroupilha Bagé**, 1985. Ele também estudou especificamente e fez justiça histórica, em conferência publicada em 1977, a seu ilustre parente e campeão imperial João da Silva Tavares e Visconde de Cerro Alegre, um dos maiores campeões imperiais junto com Manoel Marques de Souza. É filho, de Bagé Felix Contreiras Rodrigues (1884-1960) autor de **Farrapo-memórias de um cavalo**, Palegre, Globo, 1935 “A Batalha do Fanfa-Ilha Sagrada” in: **RIHGRGS**, nº 64, 1936.



Caxias, vitorioso, manda celebrar missa pela alma dos mortos

PREFEITURA MUNICIPAL DE PEDRO OSÓRIO MENSAGEM

Foram quase dez anos de lutas e de sacrifícios de sangue; todo um povo se irmanou no mesmo ideal: a liberdade.

Era um povo ultrajado que dizia BASTA! Não somos bárbaros, odiamos a guerra, mas entre o campo da luta e a nódoa da escravidão imijosta pelos déspotas do Rio de Janeiro, optamos pelo furor das armas AVANÇAR!

E houve avanços e recuos durante todo um decênio. Dez anos de uma epopéia que não teve similar em todo o século XIX. Como simples liliputeanos a combater exércitos espartanos, eles assombraram o mundo. Os imperiais, tendo todo um continente como retaguarda de segurança, e eles o campo aberto. De seu, possuíam apenas o cavalo e o fuzil. O lar é o pampa na imensidão do Rio Grande agreste, onde o sacrifício impulsiona cada passo, transformando as marchas pela campanha numa aventura fantástica de dor e de heroísmo, onde só os fortes conseguem chegar.

Eles foram além dos limites do possível. E teriam ido além (se alguém é capaz de ultrapassar o possível) ou teriam desaparecido todos, se por aqui não tivesse chegado um general que trazia por missão construir a paz. E ele conseguiu; a paz foi feita.

Ele se chamava Luis Alves de Lima e Silva - barão, depois Duque de Caxias. Por ter lutado pela paz no furor da guerra, foi denominado o "Conquistador".

Quando o povo pedroosoriense vive o sabor da paz de nossos dias,

rendemos nossa homenagem aos guerreiros de 35 e ao construtor da paz, e que ela seja eterna sobre nós.

Pedro Osório, 20 de setembro de 1985

JAYME PONS
Prefeito Municipal

DUQUE DE CAXIAS E PELOTAS NA REVOLUÇÃO

Pelotas Cidade Em 1835 S. Francisco de Paula, atual Pelotas, pela sua vida social e desenvolvimento econômico, havia conquistado posição invejável sobrepujando outras comunas. Por isso merecia melhor posição na hierarquia administrativa da Província. Foi pleiteada então a sua elevação à categoria de cidade. A única coisa que milita em seu desfavor era contar com pouco tempo de existência de vida administrativa.

Apesar disto foi elevada à categoria de cidade, pela Lei de 27 de junho de 1835, com o nome de Pelotas que prevaleceu entre outros propósitos "em discussão sustentada por Domingos José de Almeida, que apoiou a emenda de Xavier Ferreira".

Pouco ou nada ficou registrado do desenvolvimento dos primeiros dias de existência desta cidade de Pelotas. Eis que, a 20 de setembro de 1835, quando contava com dois meses e vinte e três dias de existência, como cidade, estourou a Revolução Farroupilha.

Pelotas, na época, havia se tornado a capital econômica da Província, dado o volume de seus negócios. Pois, para ali convergiam tropas de gado de todos os quadrantes do estado, com o desenvolvimento e proliferação das charqueadas, canalizando a sua pecuária, que foi o alicerce da sua economia, tornando Pelotas o berço da indústria do charque do Rio Grande.

O que Nicolau Dreys viu em 1835, ao passar por Pelotas, foi uma cidade de ruas largas e direitas, perpendiculares ao rio São. Gonçalo. Cidade esta em franca ebulição de progresso, aquecido por mais de trezentos comerciantes, cuja maioria se dedicava ao comércio do charque.

Os charqueadores — "quiseram que o lugar prosperasse e o lugar prosperou" — escreveu Dreys.

De seu depoimento pessoal, destacamos o seguinte; "O aspecto dessa (cidade) é inteiramente excepcional. Ele depende da posição social de sua população e de suas relações comerciais. O pardo carro popular, tosca testemunha da antiga indústria local, anda o ligeiro carrinho de construção européia. Também, entre os cavalos arreados de prata, luxo especial dos homens do país, aparecem ginetes ricamente ajaezados com selins bordados por mãos inglesas e montados por senhoras que não cedem em elegância e boas maneiras às mais graciosas parisienses".

Assim era a próspera e rica cidade de Pelotas quando rebentou a Revolução Farroupilha.

Pelotas e a Revolução Farroupilha

A Câmara de Pelotas, eleita para o quadriênio 1833-1836, era composta dos seguintes vereadores: Alexandre Vieira da Cunha, presidente; vereadores João Alves Pereira, Cipriano Rodrigues Barcelos, Domingos José de Almeida, Manoel Alves de Moraes, Dr. João Batista de Figueiredo Mascarenhas e João Ferreira Viana. Ela não pôde cumprir o seu mandato devido a Revolução Farroupilha. A

última reunião da Câmara ocorreu no dia 4 de fevereiro de 1836, só voltando a se reunir depois de decorridos 8 anos, 2 meses e 13 dias. Isto é, no dia 17 de abril de 1844, pela ação pessoal do Barão de Caxias como veremos a seguir.

A reunião de 4 de fevereiro de 1836, como consta da respectiva ata, já sob a presidência de Moraes, contou com a presença dos vereadores Viana, Cipriano e Joaquim e suplentes Carvalho e Canarim.

Verifica-se, então, que nesta reunião, não se fizeram presentes os vereadores Alexandre Vieira da Cunha, João Alves Pereira, Domingos José de Almeida e Dr. João Batista de Figueiredo Mascarenhas, de vez que os seus lugares já haviam sido ocupados por outros edis.

Por essa época, ocorreu uma debandada em massa das autoridades consituídas: vereadores; dos juizes ordinários; pessoal do foro e dos juizes de paz. Estes exerciam também as funções policiais e de destacamento policial necessário à manutenção da ordem na cidade. Isto equivale a dizer que Pelotas ficou numa acefalia total que perdurou até 1844.

Domingos José de Almeida fora eleito deputado à primeira Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e estava comprometido com a Revolução.

Antônio José Gonçalves Chaves retirou-se para Montevideu onde se estabeleceu com charqueada no Cerro, vindo a perecer afogado numa travessia, de canoa, no Rio da Prata.

O vereador João Antônio Ferreira Viana, pai do Conselheiro Ferreira Viana, autor do texto da lei que libertou a escravidão no Brasil, retirou-se para o Rio de Janeiro e nunca mais voltou.

O antigo juiz de paz, Manoel Pinto de Moraes, que se refugiou na Ilha dos Marinheiros, em Rio Grande, veio a falecer, repentinamente.

As projetadas obras de desobstrução da barra do S. Gonçalo não puderam ser realizadas. As charqueadas deixaram de funcionar e a instrução pública foi interrompida pela debandada de professores.

As famílias abastadas e ilustres do lugar, por seu turno, seguiram o exemplo dos maiores da terra. Com referência a isto, escreveu Paulo Duval: "O Liberal Rio-Grandense, de 22 de março de 1836, fazia as melhores referências ao Comandante De Lamare (Comandante da barca a vapor Liberal, a serviço da Marinha de Guerra do Brasil) ao qual se deviam "grandes serviços prestados à Causa Pública, ao Comércio e à Navegação, havendo até salvado um iate carregado de famílias a ponto de perder-se". Em consequência dos distúrbios provocados pela Revolução, grande número de famílias retirou-se de Pelotas. Em um só dia foram 18 iates cheios para Rio Grande (Jornal do Comércio, 21.3.36). Mais 32 iates carregados chegaram lá nos primeiros dias de março. O Jornal do Comércio, do Rio, noticiou a 9 de abril: "39 barcos e 14 iates, ancorados no Norte (São José do Norte) guardam as famílias que desampararam Pelotas, hoje totalmente deserta".

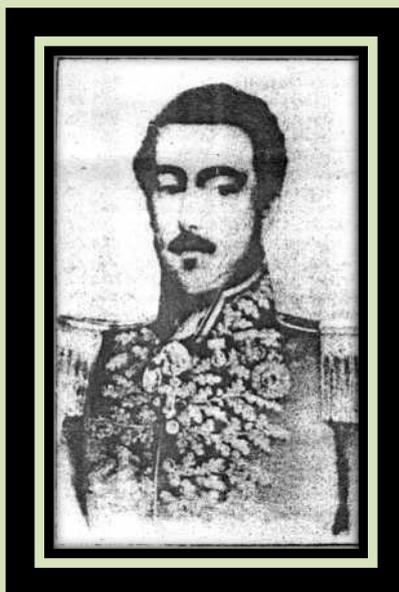
Tudo indica que quem ficou na cidade foram os que, por qualquer motivo, não puderam abandoná-la.

Com referência ao Teatro 7 de Abril, do depoimento pessoal de Alberto Coelho da Cunha, destacamos o seguinte: "Crianças das poucas famílias, que no seu recinto se deixaram ficar com a despreocupação da própria cidade, muniram-se de varas de taquara, invadiam o Teatro 7 de Abril, posto em abandono, para divertirem-se na perseguição dos corujões que, em camarotes de terceira ordem e talvez no palco, tinham estabelecido moradias".

Durante a Revolução Farroupilha, o Teatro 7 de Abril foi aproveitado para fins

militares. De um jornal da época, destacamos: "A guerra civil converteu este elegante edifício em quartel de Infantaria, a máscara e o coturno cederam lugar à cartucheira".

Durante esta noite escura que envolveu Pelotas e que reduziu a zero toda a sua atividade sócio-econômica, a única réstia de luz que se viu foi a construção do Hotel Aliança, em 1843, quando a Revolução já se achava em franco declínio. Este veio a se tornar o hotel mais antigo do Brasil. Foi demolido na década passada para dar lugar a construção do maior edifício de Pelotas, à rua 15 de Novembro, onde se acha a Galeria Zabaleta.



Caxias aos 36 anos

O Barão de Caxias recoloca Pelotas no caminho do progresso

Numa letargia profunda, apenas interrompida pela movimentação das forças beligerantes que por lá transitavam, Pelotas permaneceu até 1844, quando lá Caxias esteve, como Presidente da Província, para recolocá-la no seu curso de progresso e no contexto administrativo do Rio Grande do Sul e em sua escalada para o progresso, que se operava em ritmo acelerado.

Em 15 de abril de 1844, o Barão de Caxias oficiou a Alexandre Vieira da Cunha, vereador mais votado na eleição de 1833, para a Composição da Câmara que não chegara a cumprir o seu mandato e que até então não se havia renovado.

A seguir reproduzimos em linguagem original o histórico ofício de Caxias que recolocou Pelotas na senda do progresso:

“Estando já a bastante tempo ocupada esta cidade por forças Legaes, as quais continuarão nela e no Município a permanecer, cumpre por tanto. Que Vm.ce como Vereador máis votado na antiga elleição para a Câmara Municipal desta cidade, passe a convocar os mais Vereadores que se lhe seguião, e com elles instaure a dita Câmara, que deverá principiari seus trabalhos quanto antes, chamando e juramentando depois de instaurada, a todas as mais autoridades civis, e policiais do Município para ocuparem seus empregos, até que definitivamente sejam substituídos por outros, que na forma da Lei tenho de nomear.

Deus guarde Vm ce.

Cidade de Pelotas. 15 de abril de 1 844.

Barão de Caxias

Sr. Alexandre Vieira da Cunha. Prste da Câmara Municipal desta cidade”.

O Vereador Vieira da Cunha ao receber o ofício e sabedor que dos vereadores que compunham a Câmara eleita em 1833, só se encontravam na cidade ele e o vereador João Alves Ferreira e mais, que os suplentes juramentados não eram suficientes para compor a nova Câmara que agora, por força de lei, o seu número seria de 9 vereadores e no mais de 7, quando era vila, pediu esclarecimentos ao Marquês de Caxias, de como havia de proceder, já que o ofício recebido lhe autorizava nomear e juramentar — “todas as demais autoridades civis e policiais”.

Só depois de receber a autorização devida para convocar e juramentar vereadores suplentes dos mais votados, foi que Vieira da Cunha reuniu a Câmara Municipal, cujo mandato deveria terminar no fim do mesmo atalaão da Câmara, bem como enviando-lhes cópias do ofício do Presidente da província, o Barão de Caxias, que determinava a realização daquele ato.

Foi nomeada comissão para Investigar as necessidades mais urgentes do município a fim de que fosse pedido o auxílio pecuniário competente ao Presidente da Província para que as referidas necessidades fossem sanadas.

Também foi pedido um auxílio imediato para a reforma da cadeia pública que se achava em ruínas.

A nomeação de Fiscal da Câmara caiu na pessoa do Sr. Manoel Cardoso de Souza.

De tudo o que ocorreu nesta sessão foi dado ciência ao Barão de Caxias.

Nas sessões subseqüentes foi resolvido que se pusesse em hasta pública o direito de receber os trino, em 17 de abril de 1844.

A Câmara ficou constituída da seguinte maneira: Alexandre Vieira da Cunha, presidente Vereadores: João Alves Pereira, Guilherme Rodrigues de Carvalho, Domingos Rodrigues Ribas, João Ferreira Paes, Heliodoro de Azevedo e Souza, José de Souza Mursa, José de Souza Silva Aquino e José Vieira Viana.

Da leitura da ata dessa sessão conclue-se que, por ocasião da instalação da Câmara, se os serviços judiciários da cidade não haviam ainda sido recompostos, pelo menos as figuras do juiz de direito e do promotor público já existiam, pois uma das primeiras providências tomadas naquela histórica sessão, foi que se oficiasse àquelas autoridades, dando-lhes ciência da iaferição de pesos e medidas, que recaia sobre o gado abatido para consumo e o de vintém (vinte réis) que recaia sobre o gado abatido nas charqueadas.

Foram tomadas as devidas providências para que a instrução pública fosse restabelecida sob a orientação da professora Bernardina São José Peixoto.

Com outras medidas de igual teor, tomadas na devida oportunidade, a cidade começou a despertar de sua letargia e, aos poucos, caminhava para a sua normalidade.

Em 1846, um fato muito importante aconteceu nesta cidade, logo depois da Pacificação da Província em D. Pedrito. foi a chegada do Imperador D. Pedro II, da Imperatriz D. Tereza Cristina e de sua luzídia comitiva, integrada também

pelo Barão de Caxias. Aquilo que a paz de d. Pedrito não conseguiu, foi conseguido por este inusitado acontecimento.

Os preparativos para a chegada da comitiva quebraram as últimas arestas que restavam para que as famílias que acabavam de retomar à cidade, ainda separadas pelos ressentimentos provocados pela Revolução Farroupilha, voltassem a se dar as mãos novamente.

A chegada do jovem príncipe de pouco mais de 20 anos de idade, já guindado à suprema posição de Imperador e que vinha conhecer a extremadura meridional de seu Império, era um fato incomum. Era a primeira e única vez que muitas pessoas, dadas as naturais dificuldades de comunicação da época, tiveram a oportunidade de ver, em carne e osso, uma pessoa que, no entendimento de muitos, tivesse algo de divino e sobrenatural.

O jovem Imperador comportou-se com uma dignidade impressionante. Compareceu a todas as solenidades programadas sem demonstrar fadiga. Ao beija-mão compareceu a cidade de Pelotas em peso e o povo, por seu turno, teve a oportunidade de beijar a mão de seu jovem soberano.

Ao engalanar-se para receber o seu Imperador. Pelotas lucrou muito com os preparativos. O Teatro Sete de Abril que, em 1844 estava relegado ao abandono, sem cenários e sem guarda-roupa, foi posto em condições para recebê-lo. Ai assistiu a um espetáculo, com o teatro inteiramente lotado. No intervalo entre o primeiro e o segundo atos, ceiou com a sua comitiva em seu saguão. Além da reaproximação das famílias e remodelação do Teatro, Pelotas ganhou um trapiche de madeira, até então inexistente, e que por muitos anos serviria à cidade.

Mapa de Pelotas ao tempo da Revolução Farroupilha na página seguinte

. Identificações: Letra A — local da atual Catedral. B — local destinado ao mercado, C — Cemitério, junto a atual Av. Bento Gonçalves (entre as atuais Andrade Neves e Osório). D — Quartéis dos Permanentes (Polícia). E — Projeto de Praça. F — Casa de Correção (no final da 7 de Setembro, do lado oposto ao da Santa Casa). G — Entrada das tropas. H — Local para construir uma ponte (na rua que sal atrás da antiga usina da Light). I — Projeto de nova Matriz — não foi realizada. L — Teatro 7 de Abril e a Câmara Municipal defronte a Praça Pedro Osório atual. M — Pelourinho no local do atual chafariz da Praça Pedro Osório. N — Praça da Misericórdia. O — Terreno para o Hospital da Misericórdia no final da rua 15 de Novembro. A parte mais densa da cidade ficava entre a atual Praça Pedro Osório e a Catedral, ao longo das ruas 15 de Novembro, (rua São Miguel), rua Anchieta (rua da Igreja) e Felix da Cunha (do Comércio então a mais edificada. Na esquerda da rua Felix da Cunha (Comércio) com a atual Praça Pedro Osório, no prédio da atual Casa da Banha, vê-se o local do prédio isolado onde, em 7 de abril de 1836, o major Manoel Marques de Souza foi cercado pelo major João Manoel de Lima e Silva e Antrônio Netto sob a ameaça de explodir o prédio minando-o com barris de pólvora. Outras conclusões o leitor interessado poderá tirar da planta acima:

(Legenda: Cláudio Moreira Bento. Fonte: Planta existente no Arquivo do Exército).

mares de Santa Vitória do Palmar, então território do hoje vizinho município de Rio Grande. Dificilmente, ficaria à margem do conflito esta posição estratégica. E as refregas foram inevitáveis. Imperiais e farrapos, cada qual, cumpriram seu papel, empenhando-se com dignidade, com ardor e fidelidade à causa que defendiam, até que a Convenção de Ponche Verde viesse, como de fato, veio, a 1º. de março de 1845, selar a pacificação e envolver todos os rio grandenses num só abraço e num único sentimento, em favor da solução dos problemas comuns desta terra de todos os gaúchos, amantes da liberdade, devotados à construção e à grandeza do seu torrão-natal.

A comunidade vitoriense, comungando desses sentimentos, reverencia os heróis de 35 e deposita nas novas gerações, legatárias de tão caras tradições de civismo, sua fé e sua confiança, com a certeza de que os desafios do presente serão vencidos, um a um, para a realização do bem comum e da felicidade de nossa gente.

Santa Vitória do Palmar, 29 de Setembro de 1985

HUGO SOARES

Prefeito

CAXIAS E A PACIFICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL



As charqueadas de Pelotas, na Revolução, deixaram de funcionar

Quando tiveram início as negociações de paz que culminaram com a Paz de Ponche Verde (em realidade Paz de D. Pedrito) “segundo Widersphan”, os farrapos reconheciam a precariedade de sua situação, confinados a uma área da Província quase sem recursos, sem disporem de nenhuma vila ou povoado como base de suas operações, ou para servir de sede ao que restava do governo e administração civil, vagando sem destino certo e procurando evitar um confronto com a coluna principal de Caxias”.

Segundo o autor citado, “D. Pedro II decidiu ainda assim a terminar a guerra nas condições propostas pelos farroupilhas, basicamente estruturadas por Bento Gonçalves”, embora o Imperador preferisse a solução pelas forças das armas. E disto encarregou Caxias que desde então declarou “estar disposto a carregar com qualquer responsabilidade, que possa sobrevir, uma vez que tenho consciência de que obro no bem da Província e do Brasil”.

Por estar doente Bento Gonçalves mandou o pelotense cel. Ismael Soares da Silva representá-lo em reunião convocada por David Canabarro para deliberarem sobre a Paz.

Independente da representação, mandou sua opinião a respeito que sintetizo de carta a Canabarro, de 22 de fevereiro 1845, da Estância do Velho Netto.

“Tendo emitido minha opinião, resta repetir-vos que a paz é absolutamente necessária, que os meios de prosseguir a Guerra se escasseiam, o espírito público, (opinião pública) está contra qualquer idéia que tenda a prolongar seus sofrimentos, classificando de caprichosa a continuação da atual. Uma conclusão é sempre preferível aos azares de uma derrota e a história antiga e moderna dos fornecem mil exemplos que não devemos desprezar”.



A Catedral e o Palácio do Governo (depois Piratini)

E, em carta de 6 de março 1845, a Dionísio Amaro da Silva, cinco dias depois da Paz de Ponche Verde, (em realidade paz de D. Pedrito) Bento Gonçalves faz justiça a Caxias ao escrever:

“Sabes melhor que ninguém, que aceitei a negociação da Paz, ao ponto de ir convosco ao Campo do Barão de Caxias, depois de muitas viagens que para aquele efeito ali havia ido. Sabes que o mesmo Barão de Caxias havia acordado o meio de uma paz verdadeiramente digna de ambas as partes... Por fim temos uma paz que só conseguimos algumas vantagens pela generosidade do Barão de Caxias. Deste homem verdadeiramente amigo dos rio-grandenses, que não podemos fazer-nos publicamente, por causa da péssima escolha dos negociadores e da estupidez sem igual dos que a dirigiram, nos fez o Barão o que já não podíamos esperar, salvando assim, em grande parte, nossa dignidade”.

Finalizando este depoimento que revela a sua grandeza, Bento Gonçalves concluiu a carta:

“Sigo para a minha pequena fazenda, unicamente com a ingente glória de achar-me o homem, talvez, mais pobre do país”.

Bento Gonçalves, em realidade, foi quem fez as primeiras sondagens de Paz com Caxias e da qual resultou o esboço que se concretizou.

Caxias mandou responder a Bento Gonçalves que desse as condições de paz solicitadas dos farrapos, que desde que não fosse a separação da província, podiam pedir o que quisessem, pois tinha poderes para tratar do assunto e que o envio de emissários à Corte era só para preencher formalidades.

Assinada a Paz, Caxias teve dificuldades, por pressão dos escravocratas de cumprir a “cláusula IV. São livres e como tais reconhecidos todos os cativos que serviram a República Rio-Grandense”.

Os escravocratas a julgavam uma afronta ao direito de propriedade.

Chegaram a exigir o cumprimento do artigo 5 das Instruções Reservadas de 18 dez. 1844, enviadas a Caxias;

“5.º Os escravos que fizerem parte das forças rebeldes apresentadas serão remetidos para esta Corte à disposição do Governo Imperial que lhes dará o conveniente destino”.

Canabarro ia cedendo, no que foi desestimulado por Vicente da Fontoura. Canabarro entregou 120 soldados negros dos célebres Lanceiros Negros farrapos do 1.º Corpo de Lanceiros e de um Batalhão de Caçadores para serem levados para a Real Fazenda de Santa Cruz do Rio de Janeiro, inicialmente como escravos estatizados. Lanceiros negros farrapos sobre os quais escrevemos nas edições deste jornal de 21 jun. e 16 e 21 ago. 1970 e 1 e 2 jan. e 22 abr. 1972 e em **O Negro na Sociedade do RGS** (Palegre, IEL, 1975).

Mas o Barão resistiu à pressão, concedeu-lhes a alforria prometida, antes de embarcarem para a Fazenda de Santa Cruz no Rio, com a condição de não retornarem ao Rio Grande.

Aplicou então, o Aviso Ministerial de 19 novembro 1838 que assegurava liberdade, com a retirada do Rio Grande de todos-os soldados republicanos ex-escravos que desertassem de suas fileiras e se apresentassem às fileiras imperiais.

Assim, entre cumprir a instrução reservada que implicava em manter escravos fora do Rio Grande, os negros que lutaram pela República e o de libertá-los totalmente, conforme a Convenção de Ponche Verde, conciliou a divergência, libertando os soldados negros da República e enviando-os nesta condição, para a Real Fazenda de Santa Cruz no Rio de Janeiro, de onde em 1783. tinham vindo 44 escravos para a Real Feitoria do Linho cânhamo de Canguçu. (Ver edição de 30 agosto 1970).

São aspectos importantes de dois destacados chefes brasileiros que tem sido estudados pelo rio-grandense, filho de Montenegro. Henrique Oscar Wiedersphan, em sua alentada obra e particularmente nos **Anais do Congresso Histórico do Segundo Reinado: in RIHGB**, 1984 sob o título “Ação de D. Pedro II na Pacificação do Rio Grande do Sul em 1845”.

Espero e confio, ao tomar conhecimento do n.º v. 4 jan/dez 1983 da Revista do Departamento de Biblioteconomia e História da Fundação Universidade do Rio Grande que esta Universidade venha a se tornar um viveiro de grandes estudiosos de História do Rio Grande do Sul e em especial da Revolução Farroupilha, para substituir Fernando Luiz Osório, Taveira Júnior, Simões Lopes Neto e Alfredo Ferreira Rodrigues, aliás muito bem focalizado na citada revista por Maria Cecília Barcelos e Maria Elizabeth Duarte de Vergara.



Lanceiro negro, glória farroupilha

**PREFEITURA MUNICIPAL DO CAPÃO DO LEÃO
MENSAGEM**

Temos a honra e a grata satisfação de, solidários com as manifestações que ecoam por todo o Rio Grande, reverenciar a memória dos heróis de 35, simbolizando na figura excepcional do General Bento Gonçalves da Silva toda nossa admiração pelo idealismo, pela coragem e pelo amor à causa por que se debateu, dela emergindo com glórias e o reconhecimento dos pósteros.

Congratulamo-nos, também, com Pelotas e a Zona Sul pela passagem dos 95 anos de relevantes serviços prestados pelo DIÁRIO POPULAR e pelo 1º aniversário desse conceituado periódico em formato tablóide e impressão "off-set", apresentando excelente imagem gráfica e apreciável conteúdo, com o aplauso de toda a população.

CAPÃO DO LEÃO, 20 de Setembro de 1985

GETULIO VICTÓRIA
Prefeito

INFLUÊNCIA DO JORNALISMO NA REVOLUÇÃO

Raul Quevedo

Quando se fala em imprensa farroupilha as pessoas são levadas a crer que o jornalismo republicano riograndense teve origem e fim com os três títulos que nasceram e desapareceram com o ciclo revolucionário de 35. É verdade que no decorrer do decênio heróico, três títulos sobressairam no teatro da guerra como órgãos propagandísticos da campanha: "**O Povo**", que circulou em Piratini de 1838 a 1840; seguido de "**O Americano**" e o "**Estrela do Sul**", nas fases seguintes da guerra, quando a capital da República transferiu-se, sucessivamente, para Caçapava e Alegrete. Foram mentores e executores dessa nobre tarefa os italianos Luis Rossetti, o conde Tito Lívio Zambecari e o brasileiro Domingos José de Almeida.

No entanto, muitos anos antes da eclosão da Grande Revolução (como foi chamada a rebelião farrapa), mais de uma dezena de pequenos jornais — contra ou na defesa dos postulados rebeldes — proclamaram seu brado em letra de forma por terras da Província. O jornalismo gaúcho, que nasceu do oficialismo — o "**Diário de Porto Alegre** foi fundado pelo brigadeiro Salvador José Maciel, governador da Província - foi sacudido em seguida por uma infinidade de órgãos, a maioria de vida efêmera, que se posicionavam de um ou do outro lado das querelas políticas, posto que a neutralidade era impossível.

Seguiram-se ao "**Diário de Porto Alegre** (fundado a 1.º de junho de 1827); o "**Constitucional Rio-Grandense**", "**O Vigilante**", a "*Idade de pau*", "**Echo Porto-Alegrense**" e o "**Continentista**". Segundo o historiador professor Dante de Laytano, os jornais que pregaram a revolução foram, por ordem cronológica: o "**Constitucional Rio-Grandense**", "**O Amigo do Homem e da Pátria**", "**O Vigilante**", "**A Sentinela da Liberdade na Guarita ao Norte do Rio Grande de São Pedro**", "**O Continentino**" (em sua primeira fase); "**O Compilador de Porto Alegre**", "*Idade de Pau*", "**O Inexorável**", "**O Republicano**", o "**Federal**", "**O Sete de Abril**", "**O Democrata Rio Grandense**" e o "**Echo Porto-Alegrense**", a maioria deles editados na capital da Província.

Ainda segundo Dante de Laytano, os jornais governistas, defensores do Império, eram: "**O Continentino**" (em sua segunda fase); "**O Correio da Liberdade**", "**Ida de Ouro**", "**Belona**", "**O Pobre**" (...); "**Mestre Barbeiro**" e "**Correio de Porto Alegre**". Quando o movimento revolucionário tomou vigor, esses jornais tiveram ampliada a área de circulação, a despeito das dificuldades de transporte pelo interior da Província, uma vez que nas regiões afastadas da costa dispunha-se apenas da montaria e do carro de boi.

Entre os jornalistas chamados farroupilhas — se assim podem ser classificados — desponta, num primeiro plano. **Lourenço Júnior de Castro**. Apesar de português de nascimento, revelou-se um brasileiro apaixonado pela causa farrapa. No dizer do professor Dante de Laytano, "um homem de cultura, senhor de estilo agradável e ainda orador de largos recursos". Capitão de uma companhia de ordenanças em 1823, assumiu a área militar de Pelotas em 1826 e no ano seguinte (1827), desempenhou missão militar em Porto Alegre.

Político, representou o Rio Grande do Sul no Senado da Câmara. Foi célebre um de seus discursos dedicado diretamente a D. Pedro I, onde arguiu o monarca em nome dos rio-grandenses dizendo: "quanto antes decrete o liberalíssimo projeto da Constituição — esse rico presente com que nos quis mimosear — seja a nossa felicidade". Só um homem de personalidade forte, lúcido e combati-

vo, poderia dirigir-se a D. Pedro com argumentos constituintes.

Francisco Xavier Ferreira, mais conhecido em sua época por Chico da Botica, fundou em Rio Grande “**O Noticiador**”, que foi o primeiro jornal riograndino, data do de 3 de janeiro de 1832. Tanto quanto Lourenço Júnior de Castro, era português, mas dedicado também à causa liberal. Segundo afirmação da Alfredo Ferreira Rodrigues — o famoso almanaquista gaúcho — “**O Noticiador**” era um jornal bem cuidado e bem feito. Sua tipografia localizava-se no beco Direita, na altura em que esta cruza com a 24 de Maio.

A cidade de Rio Grande, que madrugou na implantação da imprensa antecipando-se cerca de 20 anos em relação à sua vizinha Pelotas — tinha duas tipografias e três jornais no ano de 1832 segundo informava o “**Noticiador**”, em sua edição de 8 de outubro daquele ano.

Uma galeria de nomes expressivos do jornalismo liberal gaúcho, cuja pregação influenciou nos rumos dos acontecimentos que acabou por desaguar no rio caudaloso da Revolução, não pode esquecer uma dezena, ou mais, de personagens que desafiaram a ira dos caramurus. Segundo a maioria dos cronistas e historiógrafos de todas as épocas, ela deverá ser formada com os seguintes nomes, obedecida uma certa cronologia: Além dos já mencionados Lourenço Júnior de Castro e Francisco Xavier Ferreira — que eram portugueses de nascimento; despontam os brasileiros natos, Vicente Ferreira Gomes, Pedro José de Almeida — o Pedro Boticário — Silvano Jose de Araújo e Paula, Francisco de Sá Brito, Jose de Paiva Magalhães Calvet, Antonio Alves Pereira Coruja, Isidoro Jose Lopes, Davi José de Estrela (que depois mudou de lado); Luiz Antonio da Silva, Manuel Martins da Silveira Lemos e Guilherme José Corrêa. Foram esses os nomes que conseguimos revelar de nossa pesquisa. É claro que a galeria será muito maior, posto que nos baseamos apenas na **História da República Rio-Grandense**, de Dante de Laytano e nas “**Notas para a História da Imprensa do Rio Grande do Sul**”, de Alfredo Ferreira Rodrigues. Essa pesquisa tornou-se possível graças a colaboração do livreiro pelotense Adão Monquelat, da Livraria Lobo da Costa, o que agradecemos por este modo.

Um capítulo à parte está a merecer Domingos José de Almeida, o fundador da imprensa farroupilha, considerado, naturalmente, o período revolucionário. No entanto, nos falta tempo e espaço para cumprir tal desiderato.

E teríamos, ainda, os estrangeiros, que tanto brilho emprestaram à nossa imprensa típica de “campanha bélica”, com os jornais “**O Povo**”, o “**Americano**” e o “**Estrela do Sul**”. O primeiro deles foi lançado a 1º de setembro de 1838 em Piratini. Sua divisa era: Liberdade, Igualdade, Humanidade. Seu fundador, o italiano Luis Rossetti, popularizava dessa forma o pensamento político da Jovem Itália — uma organização maçônica que lutava para libertar a Pátria de Dante do jugo austríaco: “O poder que dirige a revolução tem que preparar os ânimos dos cidadãos aos sentimentos de fraternidade, de modéstia, de igualdade, desinteressado e ardente amor à Pátria — Jovem Itália, vol. V”.

Ao lado de Luis Rossetti, que depois de “**O Povo**” prosseguiu seu luminoso trabalho no “**O Americano**” e no “**Estrela do Sul**” — quando a capital Rio-Grandense transferiu-se para Caçapava e depois para Alegrete, despontaram outros nomes estrangeiros que dedicaram suas penas ao combativo jornalismo farrapo. Manuel Ruedas, Tito Lívio Zambecari, João Batista Cúneo, Cláudio Dubreuil e Herman von Salich, todos com destacada presença na liliputiana imprensa que levou a men sagem dos farroupilhas, aos mais afastados recantos da Província conflagrada.

Trabalho árduo esse da imprensa; cheio de tropeços e motivador de malquerenças, pois o jornalismo só muito dificilmente é entendido na extensão de sua mensagem. E no caso em análise nem poderia sê-lo, posto que a dialética de uns conflitava violentamente com a de outros. Liberais e caramurus lutavam por causas antagônicas.

Mas a verdade é que a imprensa cumpriu seu papel. A que estava do lado dos republicanos defendeu a causa que lhe competia e inspirava, fazendo soprar mais fortes os ventos do liberalismo libertário, objetivo de sua luta. A que defendia a causa imperial — cujos méritos não está sendo o objetivo deste comentário — advogou o acatamento às instituições monárquicas.

De nosso ponto-de-vista, ambas devem merecer o mesmo acatamento, pois defenderam idéias. Quem defende apenas idéias — mesmo que contrárias às nossas e erradas de nosso ângulo visual — o único mal que pode haver causado é obrigar o antagonista a exercitar a mente para contraditá-las com outras idéias, o que é sempre muito salutar. Raul Quevedo.

I. I. PIRATINI, SABBADO 1 DE SETEMBRO DE 1833. V. J.

* O P O V O . *

JORNAL POLITICO, LITTERARIO, E MINISTERIAL DA REPUBLICA RIO GRANDENSE.

Este Periodico he propriedade do Governo. Se publica na 4.ª feira e Sabbado de cada Semana. Vende-se em Piratini na Casa do Redactor, onde tambem se recebem Assignaturas á 48(40) rs. em prata cada Semestre, pag.º adiantado. Folhas avulsas 80 rs.

O poder que dirige a revolução, tem que preparar os animos dos Cidadãos aos Sentimentos de fraternidade, de modestia, de igualdade e desinteressado e ardente amor da Patria.

Joven Italia. Vol. V.

PIRATINI, TYPOGRAPHIA REPUBLICANA RIO-GRANDENSE: ANNO DE 1833.

P R O S P E C T O .

Para chegar da tyrania á Liberdade, he mister valer-se de medidas, incompatíveis com a Liberdade regular, e permanente. Aquelle tempo de transito não pode ser de Liberdade. O Poder que governa a revolução tem que ser essencialmente a força livre de qualquer vinculo, e superior a todo o obstaculo.... Querer governar a epoca tumultuosa da revolução com as regras conservadoras do regimen definitivo, seria o mesmo que avoçar a paz como a guerra.... O Poder que dirige a revolução tem que preparar os animos dos Cidadãos aos sentimentos de fraternidade, de modestia, de igualdade, e desinteressado e ardente amor da Patria.

As palavras, que traduzimos da *Joven Italia*, fiavelto que se imprime na Europa, resumem inteiramente os principios, que nos lizo de guiar na redacção deste Jornal.

Ou em outros termos:

Devemos nos identificar com o poder que rego a guerra, e tentar todos os meios licitos, para lhe adquirir maior probabilidade de huma decisiva victoria.

Procurar com todas as nossas forças propagar entre o Povo doutrinas essencialmente democraticas, sendo aquellas das quaes depende a salvagão, e a felicidade da Republica. Tal he a missão que a nossa consciencia imperiosamente nos ordena nos circumstancias.

Quem se propôr á outro fito além deste, teria a nosso ver, mal concebido o espirito de huma guerra de insurreição.

A opposição aos actos do Governo, quando o Governo he considerado, e os regulamentos da paz substituídos nos Decretos da guerra; quando cada coisa tem que reger-se pela soberana vontade do Povo, então não somente he util, mas torna-se necessaria para advertir a Nação, ou das usurpações do poder, ou da incapacidade dos governantes, assim de que ella

possa prover, e obstar es males, de que está ameaçada; mas quando se trata de destruir os obstaculos que embaraço o fim da revolução, e se considera que para vencer o inimigo he necessario huma extrema vigilancia, huma actividade incensavel, e huma celeridade extraordinaria á fim de conhecer-se seus movimentos; dar providencias as necessIDADES que dilações se seguem, e vigiar promptamente, e em tempo sua execução; todas estas exigencias não se pode de outro modo satisfazer senão concentrando a vontade do todos em muy poucas, ou em huma só, e esta tanto mais poderosa, quanto mais livre na escolha dos meios, senhora de si, despida, e desembarçada de obstaculos nos seus procedimentos; quando os Decretos tem de succeder-se com a rapidez dos golpes no combate, e a mais pequena dilação poderia ser fatal ao exito da guerra, quem de lion se poderia propôr outro fim, a não ser aquelle enuciado por nós?

Seria inoportuno, e perigoso instituir huma cruzada contra hum Governo, que está lutando para conquistar a independencia da Nação, e que para conseguila, não pode, nem deve, seu faltar ao ministerio para o qual foi estabelecido deixar de valer-se de tudo o que está no seu alreange; pois quando se trata dos destinos da Patria, qualquer meio licito é tanto, qualquer arma impunhada pelo valoroso que se offerece victima consagrada, he abençoada de Deos, que somente concede a palma da victoria aos que insurgem firmemente resolidos a obtilla.

Do q' temos até aqui expendido apparece rigorosa huma consequencia da qual nos não podemos de nem uma maneira; subtrahir-nos; esta he, a de excluir de nossas columnas qualquer correspondencia, ou communicado que não esteja em perfeita harmonia com nossas doutrinas.

O officio do jornalista hoje em dia, por culpa de muitos, suspeito e mercantilmente em parte infamado, he officio santissimo quando exercido rectamente, e se não devia de sublime e luminosa carreira que os novos destinos da humanidade lizo confiar.

HERÓIS FARRAPOS FILHOS DA ZONA SUL

A Zona Sul contribuiu com muitos heróis farrapos que se assinalaram em combate e em outras ações durante a Revolução Farroupilha.

Filhos heróicos da Zona Sul que no dizer do grande poeta Olavo Bilac, figuram dentre “os primeiros criadores de nossa liberdade política, que não olhavam para si, mas para a estepe infinita que os cercava e para o infinito céu que os cobria.

É, foi nestes dois infinitos que eles viram se dilatar, irradiar e vencer, ao ar livre, o seu grande ideal de justiça e fraternidade”.

E dentre eles, nascidos na Zona Sul, merecem destaque Antônio Netto, Domingos Crescêncio, Teixeira Nunes, Lucas de Oliveira, Bernardo Pires e Manoel Alves Caldeira que serão homenageados nesta reportagem.

Homenageando-os não podemos olvidar de mencionar e reverenciar dois ilustres chefes do Exército Imperial, filhos da Zona Sul — o rio-grandino Manoel Marques de Souza o Conde de Porto Alegre e o ervalense João da Silva Tavares o Visconde de Cerro Alegre pelo valor, coerência e honra com que defenderam suas verdades do lado do Império.

GENERAL NETTO PROCLAMOU A REPÚBLICA

O general Antônio de Souza Netto, um dos seis generais farrapos prestou assinalados serviços à Integridade e Soberania do Brasil nas guerras da Cisplatina, 1825-28, contra Aguirre 1864 e na da Tríplice Aliança contra o Paraguai, de 1865-66 na qual faleceu em campanha.

Na guerra da Cisplatina, como jovem e intrépido capitão de Cavalaria da Guarda Nacional, na cobertura de nossa fronteira, no corte do rio Jaguarão.

Na Guerra contra Aguirre 1864, no comando da Brigada de Cavalaria Ligeira que fez a vanguarda do Exército Brasileiro, ocasião em que se destacou na conquista de Paissandú.

Na Guerra do Paraguai, no comando de uma Brigada de Cavalaria Ligeira de Voluntários, fazendo a vanguarda do Exército Brasileiro, ao comando de Osório, de Uruguaiana até Tuiuti. Foi dos primeiros, junto com Osório, a pisar no solo adversário, em Passo da Pátria, em 16 de abril de 1866. Em 24 de maio de 1866, por ocasião da batalha de Tuiuti, a maior batalha campal da América do Sul, desempenhou com seus cavaleiros montando cavalos amilhados, importante função tática em Potrero Pires, de grande significação para aquela vitória de nossas armas.

Foi logo depois dessa batalha que o grande campeão da liberdade e da República veio a morrer vítima da febre e assim imolado em defesa da Soberania e Integridade.

Na Revolução Farroupilha, foi a segunda figura militar, depois de seu grande amigo, o general Bento Gonçalves.

Iniciando a Revolução em 1835 como capitão da Guarda Nacional ascendeu por seu valor e liderança, ao posto de general da República, pela qual lutou como ninguém e sem descanso do primeiro ao último dia, ou até a Paz de Ponche Verde (em relidade Paz de D. Pedrito) após o que foi residir no Uruguai, por ser o Império incompatível com o seu ideal.

Foi o maior cavaleiro e o maior líder de combate da Cavalaria da República Rio-Grandense. Comandou a Brigada Liberal integrada por filhos dos atuais municípios de Piratini, Canguçu, Pedro Osório, Pinheiro Machado e Bagé, até o Piral, no combate de Seival, o maior feito de armas dos republicanos, que criou

condições para ele proclamar a República Rio-Grandense, em 11 de setembro de 1836, fato auspicioso que reascendeu a chama da esperança num período extremamente adverso à revolução, assinalado por derrotas frustrantes e a prisão de Bento Gonçalves.

Desempenhou por largo tempo até a fuga de Bento Gonçalves da Bahia, as funções de Comandante-em-Chefe do Exército interino e, com o retorno de Bento, as funções de Chefe do Estado-Maior da República Rio-Grandense.

Desde 1866 os restos do grande campeão rio-grandense voltaram ao Rio Grande do Sul, do Teatro da Guerra do Paraguai. Estão descansando em Bagé, ao lado dos de Silva Tavares, seu adversário um dia em Seival, mas com ele unido, hoje, na glória pela coerência na defesa leal de suas verdades — a República e o Império e na grande verdade que foi comum aos dois ilustres soldados filho de nossa Zona Sul — a defesa intransigente da Integridade, da Soberania e da Honra do Brasil.

Origem, Ascendência e Estudos

Nasceu em 25 de maio de 1803, na estância paterna, em Capão Seco, distrito de Povo Novo, da atual cidade de Rio Grande, portanto, rio-grandino de nascimento.

Era filho de José de Souza Netto, natural de Estreito e de Teutônia Bueno, natural de Vacaria. Era neto de Francisco Souza, natural de Colônia do Sacramento e de Ana Maria, natural de Açores. Pelo lado materno, era neto de Salvador Bueno e Ignácia Antônia de Araújo Rocha, natural de Itú — São Paulo.

Veio como colonizador para o Brasil, como militar destinado a guarnecer Colônia do Sacramento, o seu bisavô — Francisco de Souza Soares. Este foi oficial de Auxiliares no Terço Auxiliar de Colônia. Casou, em 1791, com Ana Marques do Souza na capela da Fortaleza S. João, ao lado da qual foi fundada a cidade do Rio de Janeiro, por Estácio de Sá. (1).

Era descendente pelo lado materno, do português João Ramalho que vivia em São Paulo, antes do povoamento e que casou com a índia Bartira (Izabel) filha do cacique Tibiriçá. Também pelo lado materno, descendia do paulista capitão-mor Amador Bueno, figura muito popular e estimada que foi aclamado em 1641, rei do Brasil, na cidade de São Paulo. O avô de Netto, Salvador Bueno da Fonseca, nascido em São Paulo, em 1724, foi estancieiro em Vacaria. Segundo Simões Lopes Neto no nº 4 da “**Revista do Centenário de Pelotas**”, 1912, dedicada a Canguçu, a família Bueno foi atacada por índios em Vacaria, vindo ter alguns remanescentes em Canguçu. Netto era do ramo dos Marques de Souza. Portanto, possuía rara estirpe genealógica que incluía os Leme da ilha da Madeira e que se fixaram em São Paulo. (2).

Netto fez seus estudos iniciais na incipiente mas muito progressiva freguesia de São Francisco de Paula. Morava na margem do São Gonçalo, junto ao histórico passo dos Negros, então chamado Passo Rico, pela imensa riqueza que por ali passava e pagava impostos à Fazenda de Portugal. Antes chamou-se passo das Neves.

Adiantando-se nos estudos, residiu largo tempo em São Francisco de Paula (Pelotas atual), na época, talvez a povoação que assinalava mais progresso depois da expulsão dos espanhóis da Vila de Rio Grande, em 1º de abril de 1776, no dia de São Francisco de Paula, razão do nome primitivo de Pelotas.

Homem feito foi estabelecer-se em Bagé, fundada em 1811-12 por D. Diogo de Souza e depois que o atual Uruguai foi incorporado ao Brasil com o nome de

Província Cisplatina de 1821-28.

Nesta época estabeleceu-se com estância. Dedicou-se à compra e venda de gado e a seu "hobby", a criação de cavalos para corridas ou parilheiros para cancha reta).

Como comerciante de gado, criador e desportista (carreirista), percorreu o Rio Grande e o Uruguai atuais, onde estabeleceu largo círculo de amizades e despertou admiração.

Era exímio equitador e dançava muito bem, além de possuir muito boa figura: Era o que se diria hoje, um "boa pinta" e um grande partido. E solteiro permaneceu muito tempo e sempre disputado.

Na defesa da integridade, no Jaguarão

Sua vocação guerreira despertou cedo. Na guerra Cisplatina 1825-28, foi nomeado capitão de Milícias, encarregado da vigilância e defesa da Fronteira, por duas vezes invadida pelo general Alvear, por Aceguá.

Data daí o início de uma sólida amizade e admiração recíproca com Bento Gonçalves, que nesta guerra teve saliente papel. Seja na proteção da junção do Exército do Sul, no arroio Lexiguana, em 5 de fevereiro de 1827 e que aí se interpôs entre Alvear, em Bagé, e os principais centros do Rio Grande e, na própria Batalha do Passo do Rosário, de 20 de fevereiro de 1827, em que coube-lhe comandar à Ala Direita, do Exército do Sul.

Com a Regência, por Lei de 18 de agosto de 1831, foram extintas as Milícias e em seu lugar criada a Guarda Nacional.



Proclamação da República Riograndense pelo general Netto

Netto na eclosão da Revolução Farroupilha

Quando estourou a Revolução Farroupilha. Netto aos 28 anos, era comandante do Corpo da Guarda Nacional de Piratini, composto de 2

esquadrões a 2 Companhias ou 4 Companhias recrutadas em Piratini, Canguçu, Cerrito (Vila Freire) e Bagé até Piraí que abrangiam à época o município do Piratini, cuja sede foi a primeira capital da República Rio-Grandense que viria a se proclamar, em 11 de setembro de 1836, após a memorável vitória de Seival do dia anterior. Vitória obtida com o Corpo da Guarda Nacional citado transformado no início da revolução, em Brigada Liberal, com o reforço do Corpo de Lanceiros Negros que se tornou célebre na revolução.

Com a organização do Exército da República, em 2 de novembro de 1836 sob a égide do general Lima e Silva, esta Brigada Liberal transformou-se em 1ª. Brigada ao comando de Netto. Esta unidade, em espírito ou por tradição, foi mobilizada e atuou nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851-1852) e contra Aguirre 1865 e contra Solano Lopes do Paraguai, em 1865-1870.

Traços do perfil militar

Caldeira que conviveu com Netto, assim definiu seu perfil militar: "Netto, este oficial era um dos mais bem apessoados que havia na República Rio-Grandense. Era um dos fiéis amigos que Bento Gonçalves tinha nas nossas fileiras. Antes da revolução tinha o posto de capitão da Guarda Nacional. Era um dos valentes daquele tempo e dava muita importância ao homem valente. Conquanto não fosse muito estratégico sabia fazer a guerra (tático). Era um bom general de Cavalaria, no que diferia de Bento Gonçalves que sabia manobrar um exército composto de três armas. Netto era prudente, atencioso de bom trato e muito estimado. Foi um dos primeiros que Bento Gonçalves contou para fazer a revolução e foi dos últimos que dela se retirou. Isto é, retirou-se quando foi assinada a Paz de Ponche Verde (1º de março de 1845). Em realidade Paz de D. Pedrito Felizmente salvou-se da cilada de Porongos. Foi ele que sustentou a revolução na ausência do Bento Gonçalves e a quem o inimigo sempre respeitou. E completa o depoente noutra parte: (5) "Antônio Souza Netto foi o general que soube desempenhar o seu posto com muita honra e denodo. Atacava o inimigo indo à frente de sua coluna de espada em punho. Era general muito resoluto na ocasião do ataque. Era senhor da espada, muito alto e apessoado, muito reservado, sério e reflexivo. Amigo de seus amigos. Ele era um herói!"

Netto participou pessoalmente de muitas lutas vitoriosas e insucessos sem esmorecimentos. Nenhum general farrapo lutou mais que ele. Constatar isto basta ler-se as obras sobre a revolução de Alfredo Varela. Assis Brasil. Arthur Ferreira Filho, Dante de Laytano, Morivalde Calvet Fagundes, Souza Docca e Walter Spalding.

Em 10 de setembro de 1836 impôs fragorosa derrota aos imperiais, em Seival, comandados pelo coronel João da Silva Tavares, mais tarde Visconde de Cerro Alegre. Personagem que mereceu de Tarcísio Taborda, valioso estudo que faz justiça a este ilustre soldado que soube defender com brio e valor a sua verdade.

Conta Arthur Ferreira Filho, que na manhã do combate de Seival "Netto montado em seu cavalo, aperado (enfeitado) de prataria e de espada em punho, conduz sua Brigada Liberal na direção do adversário. Ao avistar a cavalaria imperial ordena a sua: — "Não quero ouvir um só tiro. — Vamos acabar com isto, a espada e a lança" (7). E ainda "foi realizado o mais brilhante feito das armas farroupilhas". (8). No dia seguinte, 11 de setembro, no Campo do Menezes, Netto proclamou a República Rio-Grandense. Em 4 de outubro de 1836, decorridos pouco mais de 20 dias da proclamação, Bento Gonçalves foi

feito prisioneiro na ilha do Fanfa e enviado preso para o Rio de Janeiro e depois Bahia.

Em 17 de outubro de 1831, Lima e Silva desocupou Pelotas e rumou para Piratini. Em 6 de novembro, em Piratini foi instalada a República Rio-Grandense, eleito Bento Gonçalves, ausente, para seu Presidente e Comandante-em-Chefe do Exército, instituição Organizada por Deere to de 8 de novembro de 1836 de inspiração de João Manuel de Lima e Silva, eleito o primeiro general do Exército Rio-Grandense que organizou além de ser nomeado Comandante-em-Chefe Interino. A Netto, de fato, coube a liderança político-militar na ausência de Bento Gonçalves e o comando da 1ª. Brigada de Cavalaria da República.

A sabedoria popular captou e difundiu esta realidade através de quadra popular que dizia:

"Bento Gonçalves, foi preso, foi desterrado, mas deixou o bravo Netto para cumprir os seus tratados".

E de fato, ao fugir da Bahia e chegar ao Sul, Bento Gonçalves assumiu a presidência e o Comando-em-Chefe. Este vinha sendo exercido interinamente por Netto, desde 7 de dezembro de 1836, quando lhe foi passado pelo general João Manoel de Lima e Silva que o exercera de 1º de novembro — 7 de dezembro de 1836, quando, por doença que lhe dificultava o pleno exercício funcional teve de internar-se no Uruguai, a conselho do seu grande e verdadeiro amigo, major José Mariano de Mattos, então Ministro da Guerra farrapo. (9).

Netto chefe do Estado-Maior do Exército

Com o retorno de Bento Gonçalves, Netto passou a ser o seu braço militar no exercício das funções de Chefe de Estado-Maior do Exército, e já general desde janeiro de 1837.

Em 12 de agosto de 1837, em ataque vitorioso a Triunfo, terra natal de Bento Gonçalves, Netto comoveu-se com a heroicidade do coronel do Exército Imperial Gabriel Gomes Ribeiro, que escolheu morrer lutando de espada em punho, numa batalha desigual "do que rendê-la a rebeldes".

Netto, então formou sua tropa e a fez desfilar respeitosa em honra e continência ao herói que soubera lutar e morrer heroicamente por sua verdade.

Netto dava uma demonstração que além de cavaleiro, o melhor do mundo, segundo Garibaldi, era um cavalheiro.

Este seu gesto em Triunfo, lembra os de alguns pilotos da 1ª. Guerra Mundial, que depois de abaterem um adversário, sobrevoavam a aeronave abatida, não em escárneo, mas em tributo à coragem e ao valor da águia abatida".

Netto era a síntese do autêntico gaúcho histórico brasileiro. Em Triunfo deu demonstração das virtudes dos farrapos de Firmeza e Doçura. Firmeza ao lutar com garra e denodo depois do combate demonstrado pelo respeito, ao gesto heróico e nobre do vencido, ao morrer lutando por sua verdade.

Sobre o exímio cavaleiro e talvez o maior dentre os farrapos, escreveu Garibaldi (11) que montar tão bem um cavalo, não vi ninguém que superasse Bento Gonçalves "a não ser o general Netto — modelo completo para um cavaleiro..." ou ginete.

Durante as guerras contra Oribe e Rosas de 1851-52. Netto esteve duas vezes no Rio na defesa de interesses 40.000 brasileiros, no Rio.

Numa delas propiciou à Família Real, na Quinta da Boa Vista, uma memorável demonstração de equitação gaúcha (gineteada) no qual gozava a

merecida fama de virtuoso. Fama que já chegara ao Rio. Foi muito aplaudido e admirado. (12).

Netto depois da vitória de São Felipe, em 18 de novembro de 1840, assim respondeu as sondagens de pacificação a Domingos de Almeida:

“Diga ao general Bento Gonçalves que enquanto tivermos 1.000 piratinenses e 2.000 cavalos a resposta está: e bateu nos copos da espada com a mão direita”. (13). Piratinienses na época eram os filhos de hoje de Piratini, Canguçu, Pedro Osório, Pinheiro Machado e Bagé até o Pirai.

Por ocasião da discutida surpresa de Porongos da qual escapou de ser preso ou morto, conta-se que dirigiu-se a Cana barro, então Comandante-em-Chefe do Exército com esta observação:

“— Canabarro o Moringue andaM por perto é necessário redobrar a vigi-
lância.’

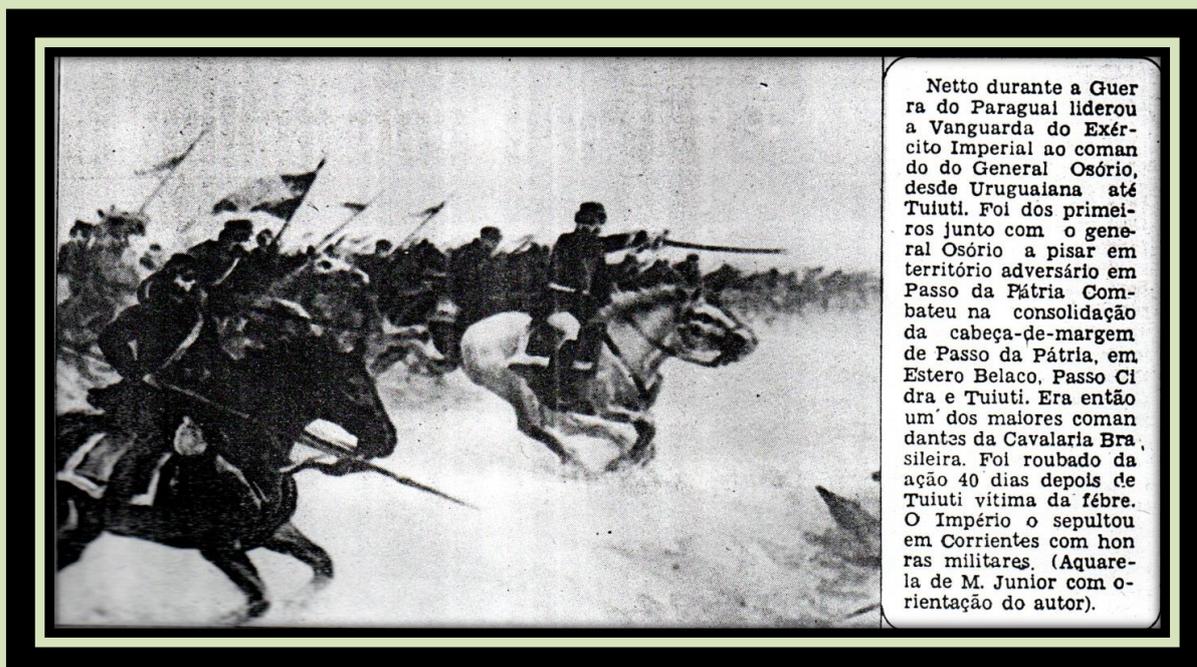
E recebeu resposta mais ou menos assim, de Canabarro:

‘— Não te preocupa Netto — O Moringue sentindo a minha catinga, não vem cá!’

E Netto com humor respondeu:

“— Canabarro, apesar da tua “catinga”, eu vou passar a noite em vigília com minha tropa.”

Causo ou verdade, “Moringue” ou Chico Pedro, o mais competente guerreiro imperial atacou Porongos e não conseguiu prender Netto.



Netto durante a Guerra do Paraguai liderou a Vanguarda do Exército Imperial ao comando do General Osório, desde Uruguaiana até Tuiuti. Foi dos primeiros junto com o general Osório a pisar em território adversário em Passo da Pátria. Combateu na consolidação da cabeça-de-margem de Passo da Pátria, em Estero Belaco, Passo Cidra e Tuiuti. Era então um dos maiores comandantes da Cavalaria Brasileira. Foi roubado da ação 40 dias depois de Tuiuti vítima da febre. O Império o sepultou em Corrientes (com honras militares. (Aquarela de M. Junior com orientação do autor).

Netto nas guerras externas

Netto nos múltiplos embates do Decênio Heróico de capitão da Guarda Nacional a general farrapo, aprendeu muito ao ponto de tornar-se um dos maiores líderes de combate de Cavalaria. Sua Academia Militar foi a das coxilhas no dizer de Moro Mariante entre “para tatás de centauros, pontões de lanças, tilin tilins, de armas brancas e cargas de Cavalaria”. Ou na Arte Militar dos Pampas, tão exaltada por Garibaldi em suas “**Memórias**” escritas por Alexandre Dumas.

Na guerra contra Oribe e Rosas 1851-1852, não participou, pois, segundo Wiedersphan, “vivia no Uruguai, suspeito e espião do pelo Império. (15).

No entanto, nas guerras contra Aguirre do Uruguai 1865, e contra Solano Lopes do Paraguai 1865-1870, teve oportunidade de prestar relevantes serviços à Integridade e à Soberania do Brasil, bem como aos interesses da Colônia brasileira no Uruguai, como líder natural da mesma, a frente de uma Brigada Ligeira de Cavalaria. Isto ao fazer a vanguarda do Exército, ao comando do Marechal João Propício Mena Barreto, tendo destacada atuação em Paissandú, então como brigadeiro.

Na campanha contra o Paraguai, até 1866, fez a vanguarda das forças do Brasil, ao comando do general Osório, de Uruguiaia na a Corrientes.

Destacou-se no comando de sua Brigada Ligeira de Voluntários, que fazia vanguarda de Osório na invasão do Paraguai em Passo da Pátria, em 16 de abril de 1866 e nos dias seguintes no estabelecimento da cabeça-de-margem no território adversário, para o prosseguimento das operações. Em 2 de maio lutou em Estero Belaco, em 20, em Passo Cidra e em 24 de maio de 1866, em Tuiuti, a maior batalha campal da América do Sul, vencida pelo general Osório. Nela, Netto com seus esquadrões de cavalos amilhados, desempenharam relevante e muito importante papel em Potrero Pires, no retardar o envolvimento do flanco esquerdo do Exército Aliado, tentado por Barrios, até que Osório pudesse enviar reforços para anular a tentativa envolvente por aquele lado. (16).

Por esta época, Netto com 63 anos, foi tomado de forte febre, em consequência da qual, veio a falecer, cerca de 40 dias depois de Tuiuti, no Hospital Militar de Corrientes, cidade onde foi sepultado com honras militares.

Como últimas vontades manifestou, em vida o desejo de abrir mão dos vencimentos de oficial general que lhe eram devidos desde a campanha contra Aguirre e de seus restos mortais irem descansar em mausoléu que em vida mandara construir em Bagé.

Netto desde o final da Revolução Farroupilha radicara-se no Uruguai como estancieiro.

Casara cincoentão com a filha de um estancieiro de cujo consórcio, teve duas filhas, de muito pouca idade quando faleceu,

Retorno ao pago para o sono eterno

Em 1966, no ano do centenário de sua morte, Netto foi exumado em Corrientes. Um avião da FAB aterrou em Bagé transportando os restos de um dos mais destacados líderes de Cavalaria do Brasil. Restos endereçados à Chefia do Estado-Maior do III Exército. Em meio à tocante cerimônia, o general comandante da 2ª. Divisão de Cavalaria, em Bagé, introduziu a urna do grande cavalariano farrapo e vanguardeiro de Osório, até Tuiuti, na defesa da Integridade do Brasil, num mausoléu de mármore branco com a seguinte epitáfio:

“Aqui descansam os restos mortais do Brigadeiro Antônio de Souza Netto, falecido na cidade de Corrientes, em 1º de julho de 1866”.

Entre os discursos pronunciados recolhi estas pérolas:

“O brigadeiro Antonio Netto, também foi representativo de torrão continentino e do maior quilate, figura espartana de soldado, e modelo de lealdade”.

O historiador Tarcísio Taborda assim falou em discurso no cemitério em seus trechos mais expressivos:

“O manes do herói voltam à Pátria. E voltam à frente da Cavalaria Rio-Grandense. Foi de Bagé que ele saiu à frente do Exército Brasileiro para lutar no Paraguai...”

Seus restos aqui vem se juntar aos de seu adversário constante — Silva Tavares, Visconde de Cerro Alegre. Unidos como durante o período em que lutaram contra nossos vizinhos em defesa da Integridade do Brasil. Unidos, na morte, como unidos estiveram na glória, dois ilustres rio-grandenses e heróis do Brasil". (17).

E completariamos, dois grandes e valorosos soldados do Brasil no Rio Grande do Sul exemplares e coerentes, na luta pelas suas verdades à República e à Monarquia na Revolução Farroupilha, mas unidos numa verdade comum — à defesa da Integridade e da Honra do Brasil. “**Os Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**”, trazem interessantes subsídios sobre Netto.

Descendência

Netto casou em Paissandú, em 4 de dezembro de 1860, aos 57 anos, com Maria Medina Escayola, de cujo consórcio nasceram no mesmo local, em 1862, Teotônia Netto e em 1863 Maria Antônia. Teotônia casou com o coronel francês Guilards e faleceu na França, sem descendentes. Maria Antônia casou em Montevideú, com o Dr. Domingo Mendilahrsei, — onde faleceu em 1949. É seu único filho Carlos Mendilahrsei que mora em Montevideú, com duas filhas. Antonio Netto foi proprietário no Uruguai das estâncias Zamora e Queguai. (18). Era irmão de Florisbelo de Souza Netto, pai do general Zeca Netto (José Mattos Netto) com Rafaela de Souza Mattos, por sua vez, irmão do tenente-coronel Theófilo de Souza Mattos, nosso bisavô e comandante dos canguçuenses na Guerra do Paraguai. (19).

NOTAS

1. REINGHANTZ. **Anais Restauração RGS**, v. 2, pp 406, 406 e 601.
 2. SOARES, Ilka. **Dos Leme da Ilha da Madeira aos Moreira Bento de Canguçu**. Estudo genealógico da família do autor, em seu poder.
 3. WIEDRSPHAN, Henrique Oscar. Possui estudo sobre esta campanha.
- Ou a que se seguiu a Passo do Rosário até a Paz - 1828. Forneceu vários subsídios para o presente em saio.
4. CALDEIRA. “Apontamentos Rev. Far”, **RIHGRGS** n° 27, 1827, p. 403.
 5. AAHRGS, V. 5 — p. 399.
 6. Obras escritas por Arthur Ferreira Filho. Dante de Laytano, Morivalde de Calvet Flagundes, Walter Spalding, Alfredo Varela e Assis Brasil, etc.
 7. FERREIRA FILHO. **Revoluções e caudilhos**.
 8. FERREIRA FILHO. **História Geral do RGS** — p. 95. (5a. ed).
 9. Carta. Domingos de Almeida. **AAHRGS**, v. 3.
 10. Livro de Matrícula 1811-1822 da Academia Real Militar (em microfilme no Arquivo do Exército e original no Museu da Escola de Engenharia do Fundão — UFRJ).
 11. Memórias escritas por Alexandre Dumas.

12. FRAGOSO. **História da Guerra da Tríplice Aliança**, v. 1 (Registra a viagem e PONDE, Manuscritos da Casa do Trem (xerox) registra a demonstração).
13. ROSA. Vultos da epopéia... Antonio Netto).
14. Refere-se a mau cheiro ou odor característico dos animais.
15. Notas fornecidas ao autor e integrantes de seu arquivo particular.
16. Idem nota 12, v. 3 — Ver Batalha de Tuiuti.
17. Baseado em estudo que nos foi entregue pelo general Omar Emir Chaves, no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.
18. NEVES. **Vultos do Rio Grande** (Biografia de Antonio Netto).
19. BENTO, **Canguçu reencontro com a História**—p. 87 – 39.

TEIXEIRA NUNES COMANDOU OS LANCEIROS NEGROS



O coronel Teixeira Nunes, “a maior lança farrapa” segundo o general Tasso Fragoso e “o maior herói farrapo” segundo Assis Brasil, nasceu em Canguçu, na costa do Camaquã. Tornou-se célebre no comando dos Lanceiros Negros farrapos recrutados na Zona Sul (Alegoria de Cilka da Silva com orientação do autor).

O coronel Joaquim Teixeira Nunes, natural de Canguçu — Costa do Camaquã, prestou distintos serviços militares à Independência e Soberania do Brasil na Guerra Cisplatina 1825-28, como alferes de um Regimento de Cavalaria das Missões. Participou da Batalha de Passo do Rosário, em 20 fevereiro 1827 e teve papel destacado ainda nesta guerra, contra uma incursão profunda inimiga que penetrou até o Rio Camaquã a partir do rio Jaguarão. Na Revolução Farroupilha foi um dos mais constantes, intrépidos e denodados líderes de combate. Brilhou em diversas ações, ao ponto de ser classificado por

Assis Brasil de “o maior herói da revolução” e por Tasso Fragoso de “a maior lança farrapa”. Participou com destaque do combate de Rio Pardo, em 1838, e da expedição a Laguna, em 1839, na liderança do celebre 1º Corpo de Lanceiros Negros, constituído de escravos libertos. Seu maior feito estratégico foi derrotar em Santa Vitória (Bom Jesus) a Divisão Paulista ou da Serra, enviada de São Paulo para lutar contra a Revolução. Isto quando em companhia de Garibaldi, Rosseti e Anita Garibaldi, retornava da malograda expedição a Laguna, em 1839.

A Teixeira Nunes coube, em 26 novembro 1844, a última reação armada da República Rio-Grandense, que custou-lhe a vida, após memorável e comovente reação junto com seus lanceiros negros na Surpresa de Porongos, doze dias antes.

Sua importância pode ser medida pela lembrança de Garibaldi, agora herói da Itália, nestas palavras em carta a Domingos José de Almeida, o pelotense adotivo.

“Eu vi batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homem mais valente, nem lanceiros mais brilhantes que os da Cavalaria Rio-Grandense... Onde estão estes belicosos filhos do Continente, tão majestosamente intrépidos nos combates? Onde Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, Teixeira Nunes e tantos outros...”

Naturalidade, ascendência e perfil militar

Teixeira Nunes nasceu em 1802 na costa do Rio Camaquã em Canguçu atual e filho dos primeiros povoadores de Canguçu (1).

Sobre seu perfil militar escreveu seu conterrâneo Caldeira que foi seu porta-estandarte no combate do Rio Pardo em 1838 e que, em Canguçu, prestou a historiadores gaúchos os mais importantes depoimentos sobre perfis dos líderes farrapos, talvez os únicos que se dispõem e publicados (2).

“Teixeira Nunes foi um dos oficiais de maior nomeada que possuía Revolução Farroupilha. Era uma lança das primeiras.

Com o corpo de lanceiros a seu mando, alongava-se do Exército, para operar com seus próprios meios, em qualquer parte que o inimigo aparecesse.

Era o terror dos seus inimigos. Onde carregava o Corpo de Lanceiros ao seu comando surgia a vitória. Teixeira era humano. Durante a peleja matava por ser contigência da luta, e depois da vitória não morria um só prisioneiro. Era um oficial que sabia fazer a guerra de recursos. Esbelto e galhardo, apresentava-se à frente de seu corpo na ocasião do combate.

Oficial que manejava a lança com invulgar destreza, de estatura mais alta do que baixa, montando garbosamente seu cavalo, sobranceiro, seria capaz de dominar qualquer inimigo. Sua voz de comandante feria os ouvidos. Possuía invulgar espírito militar.

Em novembro de 1836, Teixeira Nunes era major do Corpo de Lanceiros Negros (corpo formado por pretos escravos ou libertos), a esse tempo comandados pelo tenente-coronel Joaquim Pedro Soares, natural de Lagos — Portugal.)

No dia 6 desse mês, feita a eleição para Presidente da República, realizou-se na igreja de Piratini um “Te Deum”. E quando as autoridades do novel Estado Rio-Grandense e a massa popular em cortejo solene, se dirigiam para templo, ia à frente deles e pela primeira vez desdobrado à luz do céu, o pavilhão tricolor, o símbolo da República Rio grandense.

E quem o conduz, fremente de emoção e entusiasmo, ufano da glória de ser o primeiro a carregar a bandeira gaúcha, é o major de lanceiros Joaquim Teixeira Nunes.

Dentro de pouco tempo seria ele o comandante dos lanceiros negros. E à frente desta força praticaria façanhas sem conta, intervindo em inúmeros combates, até ornar os punhos com os galões de coronel".

Teixeira Nunes, por seu raro valor como líder de combate, habilidade em conduzir operações de guerra prolongadas, vivendo de poucos recursos locais e a legenda de combate humano e generoso que se criou em torno de seu nome, seria tratado pelo título honroso de Bravo dos bravos.

Expedição a Laguna — SC

Ele foi um dos mais constantes farroupilhas. Sua consagração como soldado adveio da expedição que realizou por terra à Laguna- SC, por Garibaldi por água resultando a Proclamação da República Juliana. Esta, em sinal de reconhecimento, o promoveu a coronel, e fez de Garibaldi o comandante de sua Esquadilha Naval.

Ao apossar-se, sem reação, de Laguna, em virtude de retraimento do comandante daquela praça, além dos navios de guerra que auxiliou Garibaldi e John Griggs a aprosionar ou colocar fora de combate, reforçou consideravelmente sua logística, ao cair em seu poder quatorze barcos abarrotados de mercadorias, seis bocas de fogo, cerca de 500 armas e para mais de 36.000 cartuchos carregados.

Em Ordem do Dia, após a vitória alcançada, Teixeira Nunes assim se expressou ao agradecer a ação de seus bravos comandados:

"Iguais se não maiores respeitos e consideração adquiriu o capitão José Garibaldi, comandante da força naval da República. Em nome da Pátria agradeço-lhe a maneira como desempenhou a parte do plano de ataque que lhe coube executar, fazendo uma jornada de mais de duas léguas por terra (transporte dos lanchões "Seival" e "Farroupilha"), sendo o primeiro a lançar-se n'água desencilhar o lanchão "Seival", preso ao baixio do Camacho". (3)

Teixeira Nunes, ao chegar em Laguna, lançou proclamação vasada nos seguintes termos:

"Irmãos catarinenses, empunhai as armas conosco e arrancai a segunda província ao diadema, do segundo Pedro: Mostrai porém, que os verdadeiros livres, mesmo no afã da guerra, sabem manter a Ordem, obedecer às leis e respeitar a propriedade.

Teixeira Nunes e o ideal federativo

Em seguida, fez chegar aos líderes catarinenses uma carta circular, cujo teor reproduzimos a Seguir:

"Proclamando a Independência de Santa Catarina, não penseis que isto afetará os interesses do Brasil, do solo sagrado dos brasileiros, pois que a República Rio-Grandense, conscienciosa de sua dignidade, do espírito da grande maioria dos brasileiros e da honrosa missão que lhe foi confiada, não tem tanto, a peito, quanto a federação aos estados seus irmãos". (4) Não havia idéia de separatismo.

Após derrotado Garibaldi no mar, Teixeira Nunes foi forçado a retrair sob forte pressão de João Fernandes, chefe legalista. Atravessou o canal da Laguna a nado, indo reunir-se com Canabarro, na passo do Camacho.

Havendo discordâncias sobre operações futuras entre Canabarro e Teixeira Nunes, enquanto o primeiro se dirigiu ao Rio Grande, Teixeira Nunes convicto de que perdeu uma batalha, mas não a guerra, dirigiu-se para o planalto e com ele Garibaldi, agora infante, e Anita e Rossetti, todos já ligados por laços de amizade.

Derrota a Divisão da Serra

Na margem norte do rio Pelotas, no interior de um manueirão de pedra, feriu-se um cruento e encarniçado combate que passou à história, com o nome de Santa Vitória. Nele, Teixeira Nunes, tendo Garibaldi no comando de sua Infantaria, infringiu fragorosa derrota na Divisão da Serra ou de São Paulo, ao comando do brigadeiro Xavier da Cunha.

Este combate possibilitou-lhe entrar triunfalmente em Lages, vila que encontrou com os cofres raspados e sem administração, o que procurou refazer, bem como a refazer os uniformes de sua tropa, dando contas precisas de tudo aos seus superiores em Caçapava.

Em Lages, Teixeira Nunes, agora com o comando militar e político, procurou tratar o povo como amigo, dirigindo a guerra não contra a população, mas contra os defensores do governo. Procurou ignorar atitudes hostis e, habilmente por todos os meios, conquistar a confiança dos simpatizantes da causa, revelando mais um positivo aspecto militar de sua personalidade.

Visão Estratégica

Sobre sua visão política e estratégica, podemos concluir muito boa, pelos termos da carta abaixo, em que advogava a manutenção de Santa Catarina e sobretudo de Lages;

“Esta fronteira (Lages), é de primeira importância para nós, seja com respeito ao grande rendimento das tropas de gado, seja porque daqui podemos manter comunicações, não só com a província de Santa Catarina, como também a de São Paulo e vigiar com maior facilidade os distritos de Vacaria, Cima da Serra e Missões. Logo deve ser este ponto guarnecido, por uma força correspondente às infinitas vantagens que o mesmo apresenta”. (5)

Combate de curitibanos

Sabendo Teixeira Nunes que tropa do coronel Antônio Albuquerque Mello andava em seu encalço, saiu à procura da mesma na direção de Curitiba, onde se feriu o combate de Marombas. Nele, Teixeira Nunes, após um sucesso inicial, caiu numa emboscada, sendo salvo pela Infantaria de Garibaldi que o acolheu.

Salvou-se da destruição total, ao embrenhar-se numa mata, através da qual atingiu Lages no 5º dia, após indescritíveis sofrimentos no matagal.

Anita Garibaldi extraviou-se neste combate. Sendo presa por Albuquerque Mello 1º, conseguiu empreender uma fuga épica, vindo a encontrar-se com a coluna de Teixeira Nunes e com Garibaldi, em Vacaria.

No Rio Grande, juntamente com Garibaldi e sob o comando de Bento Gonçalves, tomou parte do indeciso combate de Taquari, no qual comandou uma Brigada Ligeira de Cavalaria.

Posteriormente, sob o comando Bento Gonçalves, se destacou no ataque de S. José do Norte, no qual combateram a seu lado seus velhos amigos de tantas jornadas na República Juliana — Garibaldi e Rossetti.

Ai, Teixeira Nunes, “Coronel Gavião”, bateu-se com um denodo sem precedentes, fato reconhecido em Ordem do Dia de Bento Gonçalves.

Depois foi operar para os lados de Bagé, atacou Jaguarão, em 19 dez 43.

Os lanceiros negros de Teixeira Nunes, foram, em grande número, recrutados nos municípios atuais de Arroio Grande, Canguçu, Piratini, Pinheiro Machado, Herval, Bagé, Camaquã, São Lourenço do Sul, Pelotas, Pedro Osório, Caçapava e Encruzilhada do Sul.

Ao homem que desfraldou e portou pela primeira vez o pavilhão tricolor da República Rio-Grandense, coube o privilégio de comandar no Rio Grande, a

última reação armada do ideal republicano farroupilha, 26 novembro 1844. Ideal que não viveu para ver concretizado para todo o Brasil 45 anos após.

Garibaldi recorda Teixeira Nunes

Foi por certo pensado no bravo canguçuense Teixeira Nunes e nos seus bravos lanceiros, com os quais Garibaldi conviveu e padeceu irmanado, na longa odisséia desde sua derrota naval em Laguna, até o frustrado ataque a São José do Norte, que escreveu em suas MEMÓRIAS e cartas estes trechos: (6)

"Os gaúchos rio-grandenses eram homens habituados a todas as privações, e nunca de uma só boca ouvi lamentação de fome e sede; ao contrário, mesmo em tão dolorosa situação, desejava combater".

"Eu vi batalhas mais disputadas, mas nunca vi em nenhuma parte, homens mais valentes, nem lanceiros mais brilhantes, que os da cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das gentes".

Quando a Europa celebrava Garibaldi como a figura mais romântica do mundo, ele se lembraria do canguçuense Teixeira Nunes, seu comandante na retirada da República Juliana.

"E repassando na memória as vicissitudes da minha vida no vosso meio, em 6 anos de atividade de guerra, de constante prática de ações magnânimas como que em delírio exclamo! Onde estão agora esses belicosos filhos do Continente, tão majestosamente intrépidos nos combates? Onde Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, Teixeira Nunes e tantos valorosos lanceiros que não me lembro!

Que o Rio Grande atesta com uma modesta lápide o sítio em que descansam os seus ossos; e que vossas belíssimas patrícias, cubram de flores esses santuários das vossas glórias¹¹."

Final de Teixeira Nunes

O final do maior lanceiro farrapo foi assim descrito por seu citado conterrâneo, até 1957, o tenente farrapo Manuel Alves Caldeira e seu comando como porta-bandeira no combate de Rio Pardo. (7)

Por ordem de Canabarro após Porongos, Teixeira Nunes foi acampar no arroio Chasqueiro. Aí foi a procurá-lo Chico Pedro, em 26 novembro 1844.

"Chico Pedro marchava pela estrada real em direção do passo onde se achava Teixeira Nunes — o seu inimigo dos mais temíveis e respeitados... O inimigo carregou sobre a força de Teixeira Nunes que não podendo sofrer as cargas foi derrotada e perseguida de morte em morte. O cavalo de Teixeira Nunes foi boleado (atingido por boleadeira) e assim mesmo ele seguiu defendendo-se com sua lança.

Mas foi também boleado com a dita lança e não podendo mais manejá-la, foi rodeado pelos que de mais perto o seguiam e deram-lhe um tiro em uma coxa. A seguir caiu de seu cavalo, ocasião em que chegava Chico Pedro ao qual disse " — Coronel não me deixe matar. Chico Pedro seguiu e virando a cara para o lado disse: — Não matem o homem. Teixeira tinha feito um sinal de socorro e morreu".

A História do Exército publica alegoria que refere a sua ação e a de seus lanceiros negros em Porongos. (8)

Tasso Fragoso ao escrever a sua HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA impressionado com o valor de Teixeira Nunes o classificou de "a maior lança farrapa" (9).

Teixeira Nunes foi um esquecidos por Alfredo Ferreira Rodrigues no seu **Almanaque Literário e Estatístico do RGS 1889-1517**, ao lado do próprio Caldeira que tão valiosos subsídios forneceu-lhe.

NOTAS

- 1 — Ver Bento, **Canguçu reencontro com a História**. Palegre, I EL, 1984 p. 139 (Síntese biográfica de Teixeira Nunes)
- 2 – CALDEIRA, Apontamentos Revolução Farroupilha **RIHGRCS**, 1927 nº27 e Anais do Arquivo Histórico do RDS v.5.
- 3 – Jornal O POVO.
- 4 – Idem nota anterior
- 5 – BENTO, **A grande festa dos lanceiros**. Recife, UFPE, 1971
- 6 – GARIBALDI, **Memórias escritas por Alexandre Dumas**
- 7 – Idem nota 2



O coronel Crescêncio comandou a Divisão da Esquerda do Exército Farrapo que compreendia o território da Zona Sul. Fora capitão do 3.º Regimento de Cavalaria de Linha sediado em Jaguarão. Era excelente tático e líder de combate. Conhecia as leis da guerra e foi um dos melhores coronéis farrapos. Comandou os filhos da Zona Sul na memorável vitória de Rio Pardo, no ano de 1838.

CRESCÊNCIO COMANDOU JAGUARÃO

O coronel Domingos Crescêncio de Carvalho, renomado tático, prestou assinalados serviços militares à Soberania e Integridade do Brasil ao Sul, na guerra 1801, campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental 1811-12; guerras contra Artigas 1816 e 1821, guerra da Independência da Cisplatina 1824 e guerra da Cisplatina 1825-28, nas quais se tomou guerreiro e ascendeu de soldado a capitão de 1ª Linha.

Na Revolução Farroupilha a liderou em Jaguarão como integrante destacado do 4.º Regimento de Cavalaria de Linha, que até pouco tempo fora comandado por Bento Gonçalves.

Foi uma das mais expressivas figuras do segundo escalão de lideranças

militares. Comandou inicialmente a 4ª Brigada do Exército da República Rio-Grandense, que foi elevada em 1838 à condição de Divisão Esquerda do Exército, tendo como zona de ação a área entre os rios Jaguarão e Camaquã, abrangendo a Serra dos Tapes, onde se situa Piratini — a primeira capital. No início a revolução, em Retiro — Pelotas, intitulava-se comandante das Forças Liberais. Impôs-se entre seus pares por sua bravura, aliada ao conhecimento da Doutrina Militar, renome como tático, prudência, calma, apesar da idade, mais de 55 anos ao ter início a Revolução. Não fora sua morte em campanha em Cima da Serra contra o general Labatut, da qual participou com a saúde abalada, teria sido general da República.

Origem, Ascendência, Descendência

Sabe-se que era filho do Rio Grande, mas que radicou-se e viveu largo tempo na Fronteira do Jaguarão, sendo inclusive, aparentado de Bento Gonçalves, além de amigo.

Segundo Calvet Fagundes, Crescêncio foi sepultado em São Gabriel, em 10 de abril de 1840. Possuía, então 45 anos de serviços militares, iniciados por volta de 1796. Ao falecer deixou a família muito pobre (esposa, 7 filhas e 2 filhos). (1)

Na correspondência com seu tocaio Domingos José de Almeida, são encontradas cartas suas pedindo o pagamento de seus vencimentos, em dia, por não possuir outra renda.

É presumível que seus descendentes tenham ficado em Jaguarão, sua terra adotiva.

Traços de seu perfil militar

Caldeira assim traçou seu perfil: “Foi um bravo entre os bravos. Era prudente e calmo frente a inimigo. Antes da revolução era capitão e a sua tática militar lhe dava muita importância. Era um dos amigos de Bento Gonçalves, do qual havia merecido a confiança. Ele conhecia as leis da guerra” (Doutrina Militar). (2)

Noutro depoimento. Caldeira completa o perfil de Crescência. “Era muito militar, muito prudente e sereno em combate. Não era instruído, mas era educado militarmente e por isso muito prático e inteligente, foiele um dos melhores coronéis que tínhamos na revolução, da qual foi uma das fortes colunas”. (3)

Principais ações

Crescêncio participou de diversas ações. Ao Bento Gonçalves cair na armadilha da ilha do Fanfa ele o esperava ao Sul para acolhê-lo.

No combate do Rio Pardo, em 1838, assim Caldeira descreveu sua ação infundindo ânimo aos republicanos:

Ao dirigir-se ao Corpo de Lanceiros Negros, antes de ordenar-lhe um ataque.

Depois de mandar tocar silêncio falou — “Brioso Corpo de Lanceiros, eu vim do Rio Grande só para conhecer o valor desse Corpo. E apontando o inimigo à frente, ordenou ao corpo que atacasse, o que este fez com a maior garra pelo estímulo recebido”.

Noutra situação ao fazer uma tropa de Cavalaria ser ultrapassada por um Batalhão de Caçadores que perdera seu comandante em combate!

Ordenou: — “Avança batalhão da glória!”

Estas palavras acenderam o ânimo do Batalhão. (4)

As histórias da revolução estas cheias de referências a este campeão farrapo, cuja última campanha foi contra o general Labatut, veterano de Napoleão.

Ao final dessa campanha morreu de doença quando voltava vitorioso. Possuía, cerca de 60 anos.

Nada foi encontrado sobre a sua vida nos milhares de dossiê de soldados brasileiros do passado, no Arquivo do Exército.

É possível que os Anais do Arquivo Histórico do RGS, a publicar venham revelar outros aspectos.

Era um dos grandes campeões farrapos esquecidos.

NOTAS

1. FAGUNDES. **História da Revolução Farroupilha**, Palegre, Martins Livreiro et alli, 1984

2. CALDEIRA. Apontamentos.. Rev. Far. **RHIGRGS**, n.º 27, 1927

3. AAHRGS. v. 5. 1981. p. 400

4. Idem nota 2 — combate do Rio Pardo.

DE PEDRO OSÓRIO O MAIOR CRONISTA FARRAPO



Caldeira no combate de Rio Pardo de 1838 foi o porta estandarte do Corpo de Lanceiros Negros, ao comando de Teixeira Nunes de quem recebeu ordem antes do ataque – “Onde eu for o estandarte farrapo me segue. E onde for o estandarte todo o Corpo deve segui-lo”.

O tenente farrapo Manoel Alves da Silva Caldeira, filho da Zona Sul, participou intensamente e de maneira romanesca dos dez anos de Revolução Farroupilha, de soldado a tenente do célebre 1º Corpo de Lanceiros da 1ª Linha do Exército da República Rio-Grandense. (1) Privou ou conviveu com a maior parte das lideranças militares, entre elas Bento Gonçalves. Ferido em combate gravemente, sobreviveu.

Graças ao que viu, participou e sentiu, captou e memorizou sobre o Decênio Heróico, veio tornar-se, segundo interpreto, o seu maior cronista e preservador da memória da Revolução e particularmente do perfil guerreiro que muito bem captou de seus maiores campeões.

Isto por prestar de 1888-1898 lúcidos, honestos e detalhados depoimentos escritos, em sua maior parte redigidos em Canguçu, e, em atendimento a

solicitações dos historiadores. Alcides Lima. Alfredo Ferreira Rodrigues. Alfredo Varela e Piratinino de Almeida. O último, filho de Domingos José de Almeida. o mineiro de Diamantina que foi o cérebro civil e o maior estadista da República Rio-Grandense. (2) e intimamente ligado à Princesa do Sul.

Depoimentos que foram incorporados significativamente pelos (historiadores pioneiros da revolução, os mestres 'Alfredo Ferreira Rodrigues em seu célebre **"Almanaque Literário e Estatístico do RGS"** (1889-1917) e Alfredo Varela em sua monumental **"História da Grande Revolução"**. Depoimentos fundamentais a todos os historiadores do assunto, dede então, sem esquecer Othelo Rosa em **"Vultos da Epopéia Farroupilha"**. Mas em que pese a sua grande projeção histórica como preservador da memória, da maior e mais longa guerra civil sul-americana, Caldeira até hoje tem permanecido em posição obscura que não lhe faz justiça. (3).

Depois de um longo período de obscuridade, ele ressurgiu como fundador e Presidente do 1º Clube Republicano de Canguçu, organizado no 2º Distrito (região de Flórida, em 1882), (4) no posto de tenente-coronel da Guarda Nacional. Em 1898-94 é o comandante da Guarda Nacional, encarregado da proteção do município de Canguçu, ao qual, em 1896, aos 81 anos, foi lançado como um dos candidatos a Intendente. Logo a seguir irá prestar ainda de Canguçu, seu torrão natal, os famosos depoimentos sobre a Revolução Farroupilha. Depoimentos que a cada dia terão maior valor.

Naturalidade, descendência

O tenente farrapo Caldeira, nasceu na região de Cerro Pelado, que passou a integrar, a partir de 1857, o município de Canguçu. Ali ele e seu irmão José Joaquim Caldeira (Juca Caldeira), possuíam propriedade em 1841. (5) Segundo Frei Cristóvão de Vacaria e J. Simões Lopes Netto. (6) os Caldeiras e os Bentos, junto com outras famílias foram os fundadores do povoado Estação Cerrito, que pertenceu ao município de Canguçu, até formar com Olimpo, a cidade de Pedro Osório.

Em 1841, Manoel era tenente farrapo e seu irmão, coletor da República. (7).

Os últimos anos de Caldeira ligam-se ao 2º Distrito de Canguçu (Iguatimi, Florida. Posto Branco), onde presumo, tinha residido e deixado descendência.

Contribuições à história da Revolução Farroupilha

Caldeira enviou carta a Alcides Lima de Quaró-Chico, em 21 de novembro de 1888 e três cartas de Canguçu a Alfredo Ferreira Rodrigues, datadas de 25 jan. 20 Set e 20 Out 1898, sendo que as duas últimas do 2º Distrito (Florida, Iguatemi). Estas cartas foram publicadas na **"Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul"**, nº 27, em 1927, em cerca de 100 páginas.

Ao Dr. Alfredo Varela ele enviou cartas de Canguçu. em 13 de setembro de 1894 e em 5 de maio de 1895, durante a Revolução de 93 e, em 1º de dezembro de 1898. Indiretamente chegou às mãos de Varela seus escritos em Pelotas, em 20 de agosto de 1896 e dirigidos ao Dr. Piratinino de Almeida. Todos estes depoimentos reproduzidos de memória, foram publicados no volume 5 dos **"Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul"** em 1981, em 70 páginas. Portanto, foram 170 páginas que o velho farrapo escreveu de depoimentos que merecem ser lidos pelos estudiosos, que neles sempre encontrarão novas inspirações.

Alfredo Ferreira Rodrigues teve conhecimento da existência em Canguçu, do velho farrapo, através de seu colega no **Colégio Sul Americano em Pelotas** — Genes Gentil Bento, filho de Canguçu e mais tarde seu intendente de 1905-1917. (8).

Para mim a grande contribuição de Caldeira, foi capitar de maneira precisa e feliz e preservar para a posteridade os perfis militares dos principais líderes farrapos, nos quais temos baseados nossos estudos sobre o assunto. Eles são fundamentais para compor o perfil do combatente brasileiro no Sul, (9) assunto de interesse das pesquisas históricas do Estado-Maior do Exército.

Candidatos a intendente de Canguçu

Através de reportagem no jornal "**Opinião Pública**" de Pelotas, de 28 de maio de 1896, conhecemos mais sobre o maior cronista da república. Dessa reportagem sintetizamos o seguinte: (10).

"O partido republicano, guarda avançada da República em Canguçu, reuniu-se ali em 3 de maio de 1806, elegendo sua comissão executiva. Em eleição prévia escolheu para candidato à Intendência de Canguçu, o venerando ancião e velho farrapo, tenente-coronel Manoel Alves da Sil va Caldeira, valente soldado de 35... Trata-se de republicano, convicto, com panheiro inseparável de Bento Gonçalves e Garibaldi. Ele arrostou corajosamente o decênio da memorável cruzada de 35, cujo atestado traz patente na funda cicatriz que lhe atravessa a frente... Apesar de contar 81 anos, ainda é varonil. Dotado de esclarecida inteligência. honesto e probo, desafiando neste particular a quem quer que seja.

Na Revolução de 93, estando no comando dos patriotas que guarneciam a vila de Canguçu, estava sempre toda a noite e constantemente no quartel com seus camaradas, dormitando sobre dura tarimba, sem pensar nas comodidades da vida. (11).

O artigo assinado por Juvenal concluiu com este estímulo a Caldeira:

"Avante Grande patriota e velho farrapo!"

Mas o candidato escolhido em seu lugar pela Comissão Executiva, foi .. Leão dos Santos Terres.

Integravam esta comissão, Carlos Norberto e Franklin Moreira, filhos do 1º Escriurário do Ministério do Interior e Justiça da República Rio-Grandense, em 1838, em Piratini — José Ignacio Gonçalves Moreira. José Ignacio seria em 1857 o primeiro serventuário de Justiça de Canguçu. Era irmão de Serafim e Antonio, que em 1838, foram escriturários do Ministério da Guerra e da Marinha da República Rio-Grandense e ao que consta, sobrinhos de Domingos Moreira, Presidente da Câmara de Jaguarão, a primeira a aderir à República Rio-Grandense.

O Grupo republicano em Canguçu, em 1889 possuía raízes na República Rio-Grandense. Foi denominado Grupo 27. (12).

Participação resumida

Caldeira em seus apontamentos conta sua participação na revolução, desde os 20 anos, quando foi preso no sítio de Porto Alegre e enviado ao Rio, onde foi obrigado a sentar praça na Artilharia da Marinha, na ilha das Cobras. Ali participou da fuga de Fortaleza de Santa Cruz, dos coronéis Onofre Pires e Corte Real em companhia dos quais, retornou ao Rio Grande. De retorno ingressou como sargento-ajudante no célebre Corpo de Lanceiros Negros, ao

comando de seu conterrâneo, o coronel Joaquim Teixeira Nunes. No memorável combate de Rio Pardo, ele foi o porta-estandarte do Corpo e cumpriu religiosamente esta ordem de Teixeira Nunes — “Onde eu for o estandarte me segue e onde for o estandarte todo o Corpo deve segui-lo”.

Em 3 de janeiro de 1839, Caldeira foi ferido gravemente numa escaramuça. Seu cavalo foi atingido a bala, no peito e ele no pé e no queixo que foi quase esfacelado a bala e a língua teve o freio cortado. Mas sobreviveu, apesar de lhe darem dois dias de vida. Foi tratado pelo Dr. José Carlos Pinto, em Viamão.

Noutra ocasião foi ferido a espada na frente.

A abordagem do velho farrapo canguçuense como o primeiro cronista militar da Revolução Farroupilha não se esgota aqui. Acreditamos que muito se falará da sua obra, a semelhança do tenente argentino Cândido Lopes que fixou em pintura primitivista toda a Guerra do Paraguai até a batalha de Curupaiti, onde foi ferido e teve de amputar a mão.

NOTAS

1. BENTO. **O Negro e descendentes na Socieda de do RGS**, Palegre, IEL 1975.
2. BENTO, O Mineiro de Diamantina que foi o cérebro e o maior estadista da República Rio-Grandense. **RIHRGS**. nº 338. 1983; **DIÁRIO POPULAR**. Pelotas, 20 set 1981; Diário Legislativo de Minas Gerais, 17 nov. 1981 e **O Sul de Minas**, Itajubá ,19 set. 1981.
3. BENTO, **Canguçu reencontro com a História**. Palegre. IEL, 1984.
4. LOPES NETO, Simões, **Revista do Centenário de Pelotas em 1912**. nº 4 ‘Dedicada a Canguçu’.
5. AAHRGS, v. 5 (Ver correspondência José Joaquim Caldeira).
6. Rebelião das Aguas (focaliza enchente do rio Piratini em Pedro Osório atual. 1959 e nota 4.
7. Idem nota 5, v. 6, p. 192 (Em 5 set 1844 ainda era tenente).
8. Idem nota 3 e **Correio Mercantil**, 4 jan 1885.
9. Estudo que o Estado- Maior tem enfatizado em pesquisas feitas pelas .. AMAN e ECEME.
10. O autor usa o pseudônimo de Juvenal.
11. Este quartel foi na antiga casa na rua Osório, que pertenceu a Badica Viana, mãe de Agostinho Viana, meu cunhado que captou esta informação.
12. Idem nota 3.

DE PIRATINI O ÚLTIMO MINISTRO DA GUERRA

O coronel Manoel Lucas de Oliveira intimamente ligado a Zona Sul foi o ideólogo liberal republicano da República Rio-Grandense proclamada em Campo do Menezes, em 11 de setembro de 1836, um dia depois do combate de Seival, em que combateu como comandante de um Corpo da Guarda Nacional da auto

denominada Brigada Liberal de Antônio de Souza Netto. Este, as suas instâncias proclamou a citada República, comunicada aos rio-grandenses com proclamação de sua lavra. Sucedeu a Netto no comando da citada brigada, quando denominada 1ª Brigada.

Foi deputado à Assembléia Constituinte em 1840, da República Rio-grandense e o último Ministro da Guerra que, representando o Presidente da República Rio-Grandense, assinou a Paz de Ponche Verde em 1º de março de 1845, que selou a pacificação da Família Brasileira. Foi além o autor e signatário da proclamação que comunicava aos rio-grandenses republicanos o fim da Revolução.

Na paz, prestou bons serviços a Integridade e Soberania do Brasil, como Comandante da Guarda Nacional da Fronteira do Jaguarão a partir de 1847 e, comandante da Brigada Reserva do Exército, ao comando da atual Duque de Caxias, no início da guerra contra Oribe e Rosas 1851-52 e, finalmente, de uma brigada organizada as suas expensas, com corpos da Guarda Nacional de Canguçu, Pelotas e Piratini que com ele seguiram para a Guerra do Paraguai.

Naturalidade, ascendência

Lucas de Oliveira, nasceu por volta de 1810, em Piratini, na época pertencente ao município de Rio Grande. Era filho de pais abastados. Casou muito jovem com sua sobrinha Ignêz Lucas de Oliveira, radicando-se ambos em Piratini por volta de 1828, quando ali foi desmobilizado o Exército Brasileiro, ao comando do general Carlos Frederico Lecor, ao final da guerra Cisplatina 1825-28.

Durante esta guerra muitas famílias de fazendeiros da faixa entre Os rios Piratini e Jaguarão foram buscar proteção em Piratini, que por esta razão foi elevado a município por Decreto Imperial em 3 de abril de 1830 e instalado em 7 de junho de 1832, um ano depois da abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831.

Piratini cabeça de vasto município, tornou-se um foco de veteranos da guerra 1825-28, desgostosos com sua condução e desfecho e que passaram a alimentar sonhos liberais e republicanos.

Dentre eles se destacou Lucas de Oliveira, que por seu prestígio, foi guindado **a Capitão da Guarda Nacional**, de Piratini (sede) em estreita afinidade com outro capitão da Guarda Nacional, em Bagé, Antônio de Souza Netto. Eles mantiveram durante toda a revolução estreita e íntima ligação e se complementavam.

Traços do seu perfil militar

De Lucas de Oliveira, Caldeira que com ele conviveu intimamente troçou-lhe o seguinte perfil:

“Ele era capitão da Guarda Nacional quando apareceu a Revolução. Na mesma ocasião em que Netto empunhou a espada, ele também cingiu a sua à cinta. Era mais um cidadão armado que um militar aguerrido. Porém era homem de muita instrução e de muito bom trato.

Constituiu-se um dos republicanos de mais prestígio daquele tempo. Depois de Netto ele passou a comandar a primeira Brigada da Guarda Nacional da Comarca de Piratini. Foi ele junto Com o coronel Joaquim Pedro que convenceram Netto da idéia de proclamar a República Rio-Grandense. Foi ele mesmo quem redigiu as ordens e proclamação que se publicaram no Seival, depois daquele assinalado ataque. Manoel Lucas chegou a Ministro da Guerra da

República Rio-Grandense.

Ele era de estatura baixa e de fisionomia muito agradável. (1) .

Segundo Othelo Rosa, com apoio em contemporâneo de Lucas de Oliveira “este era de gênio comunicativo e alegre, sendo conhecido como o homem dos abraços”. (2).

Segundo Fernando Luiz Osório, neto do general Osório. Lucas de Oliveira pregava como virtudes de verdadeiro soldado republicano rio-grandense:

“Valentia nos combates, amigo da ordem, respeitador dos direitos humanos e grande inimigo do arbítrio. (3).



Lucas de Oliveira, o ideólogo

Principais ações

Logo no início da revolução, ao comandante Netto, passou a integrar a Brigada Liberal, constituída de 2 corpos da Guarda Nacional da Comarca de Piratini. (atuais municípios de Canguçu, Piratini, Pinheiro Machado e Bagé até o Piraí e Pedro Osório, ao norte do rio Piratini).

Inicialmente passou a comandar o Corpo da Guarda Nacional de Piratini (Piratini, Pinheiro Machado e Bagé até o Piraí atuais).

Tomou parte no combate de Seival em 10 de setembro de 1836, do que resultou a proclamação da República Rio-grandense, no dia seguinte, no Campo do Menezes.

Ele e o capitão Pedro Soares influenciaram decisivamente na atitude de Netto em proclamar a República.

Homem culto e preparado, redigiu as proclamações lidas em Campo dos Menezes, como a que ele mesmo assinou em 28 de fevereiro de 1845, em Ponche Verde, como Ministro da Guerra e representando o Presidente da República, comunicando o fim da Revolução.

A todas as ações militar de Netto ligou-se Lucas de Oliveira.

Ao ser organizado o Exército Republicano, em novembro de 1846, ele foi promovido a tenente coronel. Atuou com Netto integrando a 1ª Brigada do Exército,

cujos comando passou a exercer quando Netto foi guindado a Comandante-em-Chefe interino do Exército.

Lucas de Oliveira atuou no sítio de Porto Alegre com sua Brigada.

Depois integrou a Divisão A da Esquerda do comando do cel. Domingos Crescêncio de Carvalho, com jurisdição entre o Jaguarão e o Camaquã, ao longo das lagoas Mirim e Patos e canal São Gonçalo. Abrangia a serra dos Tapes e tinha como missão proteger Piratini.

Em 25 de março de 1840, pouco antes do combate do Rio Pardo, ele caiu preso em mãos dos imperiais junto com Onofre Pires, sendo solto ao que presumo numa troca de prisioneiros. (4).

Foi eleito deputado constituinte, tendo participado das tumultuadas sessões em Alegrete, de 1º de dez. de 1842 — 10 de fev. de 1843.

Atuação na pacificação

Com a abdicação da Presidência da República e do Comando-em-Chefe do seu Exército por Bento Gonçalves, Lucas de Oliveira foi o Ministro da Guerra, concentrado em suas mãos o expediente de todo o governo, agora em campanha, de acampamento em acampamento, sobre pressão de Caxias.

Conseguiu escapar junto com Canabarro da surpresa de Porongos. Ambos representaram o governo da República na Paz de Ponche Verde. Canabarro como Comandante-em-Chefe das forças e ele a Presidência e o restante do Governo.

Em sua proclamação, depois de alertar com indiretas, para a ameaça representada por Rosas, da Argentina, dizia a certa altura:

“O Império do Brasil por um rasgo de filantropia, nos vai hoje reunir ao grêmio da grande família de que todos descendemos.

Ato nobre e magnânimo a que acudimos unânimes, pelo que dele resulta ao interesse geral”.

“Dizei comigo — somos outra vez brasileiros seremos sempre idólatras da liberdade Constitucional — Campo em Ponche Verde, 28 de fevereiro de 1845”.

Serviços a soberania e integridade do Brasil

Em 1847 foi nomeado comandante Superior da Guarda Nacional da Fronteira do Jaguarão (Jaguarão, Arroio Grande, Pedro Osório, Bagé, Herval do Sul, Pinheiro Machado, Piratini e Canguçu atuais).

Na guerra de 1851-52, em sua fase inicial, pela Ordem do Dia n.º 15 de 28 de agosto de 1851, foi encarregado, do comando do atual Duque de Caxias, com a missão de cobrir a Fronteira, de ponto a determinar.

A citada ordem emitida do Quartel General, em Santana do Livramento, era assinada pelo coronel José Mariano de Mattos, como Deputado Ajudante General de Caxias, e que fôra o primeiro e o terceiro Ministro da Guerra da República Rio-Grandense.

Por ocasião da guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai 1865-70 e, em sua fase inicial, coube-lhe organizar uma Brigada de Cavalaria Ligeira integrada pelos seguintes corpos de Cavalaria da Guarda Nacional:

12.º Corpo da Guarda Nacional de Piratini;

27.º Corpo da Guarda Nacional de Pelotas;

30.º Corpo da Guarda Nacional de Canguçu.

O corpo de Canguçu era comandado pelo tenente coronel Honorário do

Exército Theófilo de Souza Mattos, nosso bisavô materno.

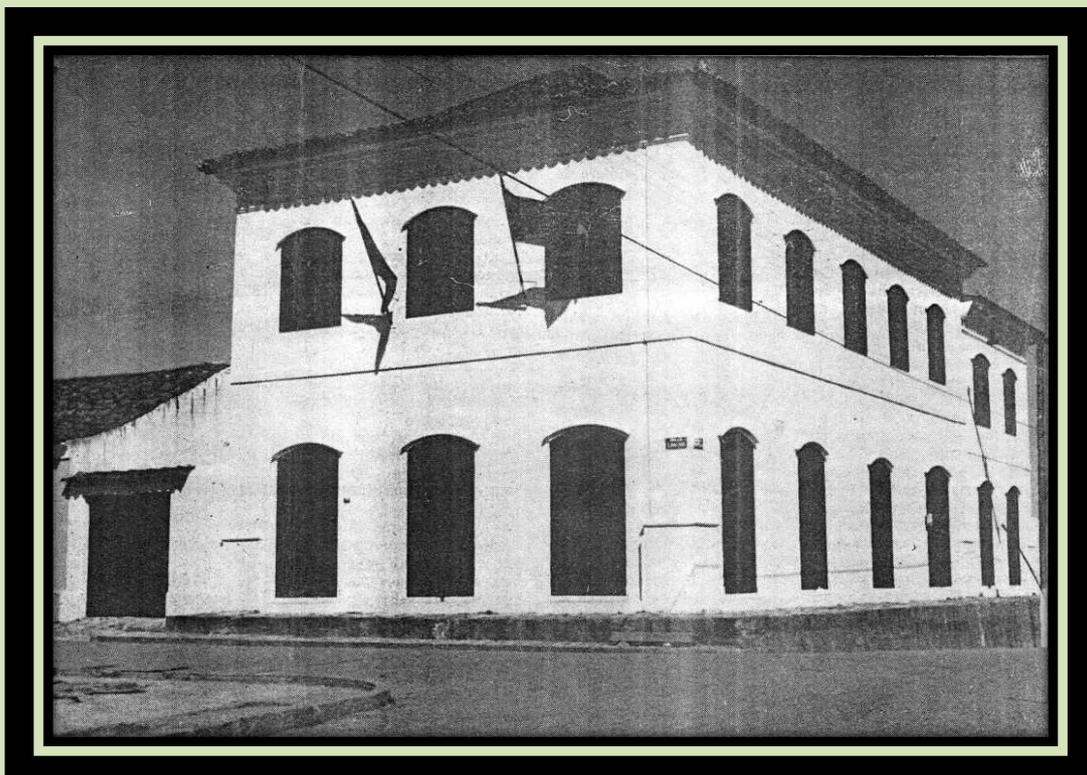
Depois de Curuzú passou a denominar-se 11.º Corpo Provisório de Guardas Nacionais e chegou ao final da guerra como 14º Corpo de Voluntários de Cavalaria. (5).

Lucas de Oliveira levou esta Brigada desde a Orqueta do Piratini (Pedro Osório) até São Borja.

De retorno ao Teatro da Guerra, desgostoso com algumas incompreensões que sofreu, passou a dedicar-se a atividades políticas no Partido Liberal.

Sobre seu final escreveu Fernando Luiz Osório:

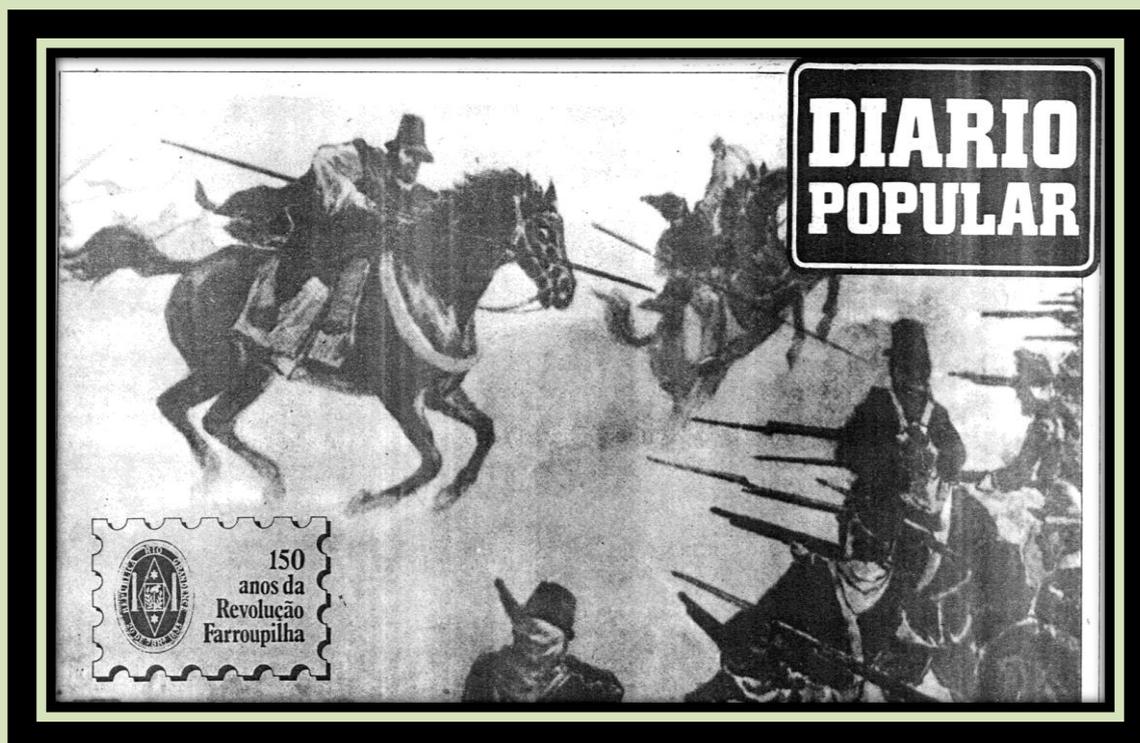
Presentindo a morte pediu que lhe fardassem de coronel farrapo. “Morreu assim em Rio Grande, em . 1874, pobre, mas com toda a integridade moral que o caracterizou em vida e fez dele uma legenda”. (6).



Atual prédio do Museu foi o Ministério da Guerra e da Marinha farroupilha

NOTAS

- 1 — CALDEIRA — Apontamentos. **RIHGRGS** n.º 27, 1927.
- 2 — ROSA, **Vultos epopéia farroupilha**.
- 3 — OSÓRIO — **A cidade de Pelotas**, 2.^a ed.
- 4 — AAHRGS. v. 3 Doc. CU-1436.
- 5 — Bento. **Canguçu reencontro com a História**, Porto Alegre, IEL, 1984.
- 6 — IDEM nota 5.



A dureza dos combates, a marca maior da cruenta guerra que marcou o Rio Grande para sempre

DE HERVAL DO SUL O SIMBOLISTA FARRAPO

Dentre os farrapos nascidos na Zona Sul, o major da Guarda Nacional Bernardo Pires também prestou distintos serviços militares à Integridade e à Soberania do Brasil, como combatente nas campanhas de 1811-12 do Exército Pacificador da Banda Oriental; nas guerras contra Artigas 1816 e 1821; Cisplatina 1825-28, contra Oribe e Rosas 1851- 52; na guerra contra Aguirre 1864 e, no início da guerra do Paraguai, já aos 77 anos, na condição de Voluntário da Pátria. Em síntese, tomou parte em 7 campanhas externas.

Durante a Revolução Farroupilha participou como combatente, até ser ferido no combate de Seival, passando a ser conhecido como o Mártir de Seival. Amigo de Bento Gonçalves, desempenhou por largo tempo as funções de Chefe Geral de Polícia da República, a convite do mesmo.

Ligou-se à idealização dos Símbolos da República Rio-Grandense (bandeira, hino, escudo e lenços), conforme tratamos em ensaio sob o título — **Autoria dos Símbolos do Rio Grande do Sul — subsídios para revisão história, tradicionalista e legal** (1) em que o biografamos.

Bernardo Pires foi o idealizador da criação do município de Canguçu em 1857, onde hoje possui descendentes das famílias Pires Moreira e Pires Terres. Segundo Morivalde Calvet Fagundes, Canguçu fora cogitado pelo general João Manoel de Lima e Silva, em novembro de 1836, para ser capital da República Rio-Grandense, no que foi vencido por Domingos José de Almeida que opinou por Piratini. (2)

Foi dos poucos a viver para ver concretizado o ideal de República, em 15 de novembro de 1889, para cuja conquista foi ferido no combate de Seival, que criou condições para a proclamação da República Rio-Grandense. Viveu ainda para ver a bandeira da República Rio-Grandense, que ajudou a desenhar, ser

adotada, desde 1891, como a bandeira do Rio Grande do Sul.

Naturalidade, família, veterano de lutas no Sul

Bernardo Pires nasceu em 1790 no disputado território entre os rios Piratini e Jaguarão, somente incorporado a Portugal, pela força das armas, na guerra de 1801 que assistiu com 11 anos. Ele nasceu em terras hoje pertencentes ao município de Herval do Sul.

Seu pai formou entre os 800 bravos que tomaram parte da mencionada incorporação, em 1801.

Em 1811, com 21 anos, alistou-se voluntário em Cerrito (Jaguarão atual) e tomou parte da Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental 1811-12, ao comando de D. Diogo de Souza. E participou também das guerras contra Artigas 1816 e 1821 e finalmente da Guerra Cisplatina 1825-28.

Em 21 de agosto de 1828 entrou com Exército do Sul, ao comando do general Lecor e Visconde de Laguna, em Piratini.

Com a desmobilização do Exército, em Piratini, então local bem desenvolvido pelos que o procuraram para proteção, na Guerra Cisplatina, Bernardo Pires, junto com outros combatentes, ali radicou-se.

É de sua lavra carta depondo sobre a chegada e desmobilização do Exército do Sul, em Piratini (3) enviada ao historiador Comendador Manoel Gomes de Freitas, filho de Canguçu. (4)

Em 1830, quando da instalação da Vila de Piratini vamos encontrá-lo como fiscal da Câmara de Vereadores.

Em 8 de outubro de 1835, integrando forças de Lucas de Oliveira, José Oliveira Nico e Domingos Souza Netto, ajudou a firmar a vitória da revolução em Piratini.

“Mártir de Seival”

Seival em 10 de setembro de 1836, onde foi ferido a bala, duas vezes. Um ferimento o invalidou para o combate por longo tempo.

Quando depois de proclamada a República no Campo do Menezes (5) os 5 republicanos entraram em Piratini, Bernardo Pires foi festejado como “O mártir de Seival”.

Chefe geral de Polícia da República

Depois de proclamada a República, Bernardo Pires, foi recebido em Piratini como herói. Durante a convalescença desenhou o pavilhão tricolor adotado pela República. Pavilhão que apelo major de lanceiros, Joaquim Teixeira Nunes (6) foi adotada de direito, em 12 de novembro de 1836, por Decreto do mineiro de Diamantina, Domingos José de Almeida. (7) Bandeira conservando as cores verde e a marelado do Brasil, na Casa de Bragança.

Quando Bento Gonçalves retornou da Bahia, depois de sua fuga espetacular, ao chegar a Piratini convidou Bernardo Pires para a Chefia Geral de Polícia da República, cargo cujo desempenho pode ser apreciado no jornal **O POVO** e **Anais do Arquivo Histórico do RGS**.

Autor da bandeira adotada pelo Rio Grande do Sul

A bandeira atual do Rio Grande do Sul é a antiga bandeira da República Rio Grandense, cuja história, segundo Bsmardo Pires, em entrevista lúcida e precisa a este **DIÁRIO POPULAR** de 24 de julho de 1891 e aos 101 anos..

“Esta bandeira tem uma história que me orgulha. O plano pertence a Mariano José de Mattos, meu velho amigo, mas o desenho e todo o trabalho de arte é meu. Nunca estudei desenho, como não estudei coisa alguma, mas esta obra que aí vêm é minha. Os amores-perfeitos que circulam as armas, foram desenhados por mim. Simbolizam estas palavras memoráveis — Firmeza Doçura. Esta bandeira foi organizada no ano em que se imprimiu em Piratini a moeda papel da República... Sei que minha bandeira foi adotada como bandeira do Rio Grande do Sul, o que é uma grande honra para mim”.

Bernardo Pires foi o idealizador dos célebres lenços de pescoço, confeccionados no exterior, contendo o escudo da República Rio Grandense, vitórias republicanas, etc. Lenços que foram os catalizadores dos ideais republicanos dos rio-grandenses de 1845-89. Lenços que chegaram a ser usados pregados nas bandeiras dos clubes republicanos do Rio Grande do Sul, na campanha pela república, até a sua proclamação, no Brasil, em 15 de novembro de 1889, pelo marechal Deodoro da Fonseca.

Final do veterano de oito campanhas

Bernardo Pires, o veterano de oito campanhas, inclusive, a revolução Farroupilha, faleceu em Pelotas, em 9 de novembro de 1891, com 101 anos, pouco depois de prestar histórica e lúcida entrevista publicada no **DIÁRIO POPULAR**.

Morreu no dia coincidente com queda do “Governicho” a que se opunha, razão de não lhe prestarem honras militares no seu sepultamento, feito às expensas do município de Pelotas, onde deixou descendentes! (8)

Os amores-perfeitos que desenhou na bandeira, tinham o seguinte sentido filosófico para o gaúcho brasileiro histórico de que muitos dos líderes militares farrapos foram grandes expressões: Firmeza no combate ou nas lutas da vida, lutar com firmeza, garra, determinação, tenacidade e lealdade, visando a vitória. Doçura – depois da vitória, traduzida por respeito como religião, a vida, a família, a honra, a dignidade e a família do vencido.

Foi grande a influência dessa filosofia no comportamento dos gaúchos autênticos, desde então.

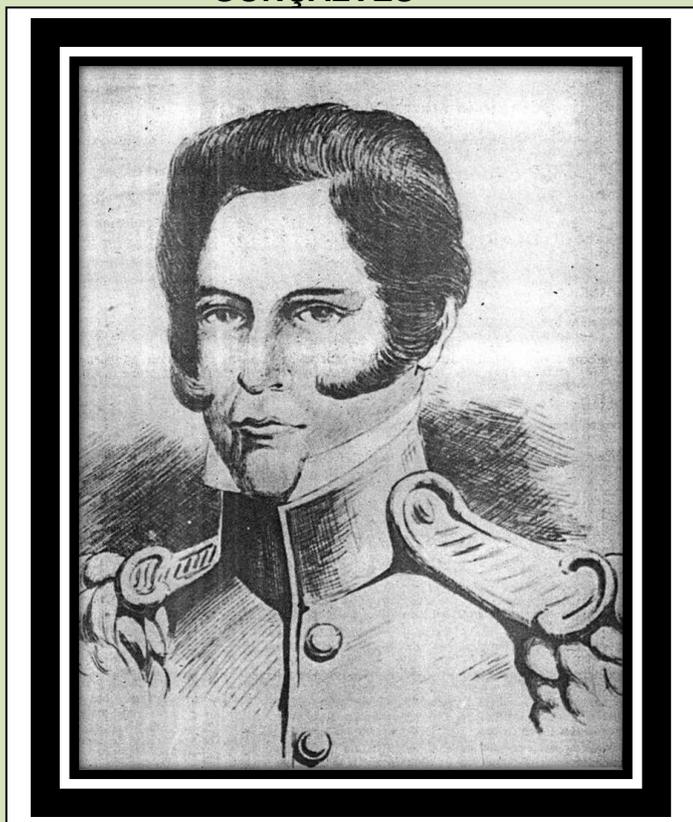
Constatar isto é obra de simples verificação, particularmente na Revolução de 1923, batizada por Arthur Ferreira Filho de “Revolução de Cavalheiros” (9) em contradição à de 93 em que houve excessos que contrariaram a tradição gaúcha de Firmeza e Doçura.

NOTAS

1. Recife. UFRPE, 1971
2. FAGUNDES. **História da Revolução Farroupilha**. Palegre, Martins Livreiro, 1984, p. 188
3. Publicado na **RIHGB**, n.º 266, ano 1965, por Walter Spalding
4. BENTO. **Canguçu reencontro, com a História**. Palegre, IEL, 1984
5. Campo do Menezes ficaria na altura da Estação Santa Rosa, da Ferrovia Pelotas — Bagé, segundo Morivalde Calvet Fagundes
6. CALDEIRA. Apontamentos para a Rev. Far. **RIHGRGS**, n.º 27, 1927
7. BENTO. **“O Mineiro que foi o cérebro e o estadista da Revolução Farroupilha”**. Itajubá, EFEI, 1982. (Discurso de posse no IHGMG (Correspondente)
8. F. seu bisneto o major Ângelo Piles Moreira, tradicionalista, escritor e historiador, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas

9. FERREIRA FILHO, Arthur. **Revolução de 1923**. (Porto Alegre), 1975.

A ZONA SUL GUARDA OS RESTOS MORTAIS DO GENERAL BENTO GONÇALVES



Neste ensaio biográfico, pretendemos, num contexto mais amplo, reinterpretar a vida e obra do general Bento Gonçalves da Silva, à luz de sua contribuição à República e à preservação da Integridade e Soberania do Brasil nas lutas externas de 1811-1828; fato este comumente olvidado ou minimizado. Parte de um estudo inicial feito ainda em Pelotas por Domingos José de Almeida — o pelotense adotivo, cérebro civil e maior estadista da República Rio-Grandense publicado nos **Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**. v.3.

Bento Gonçalves até o início da revolução ligou-se bastante a Pelotas onde fazia seus negócios. Era seu padrinho o tenente Manoel de Carvalho, primeiro proprietário das terras onde hoje se ergue Pelotas, e que na conquista e arrasamento de Santa Tecla, em 1776, próximo, a Bagé atual, levantou a planta que até hoje, se conhece daquela fortificação espanhola.

Em 20 de outubro de 1835, entrou em Pelotas, como líder da revolução e de modo pacífico, pois dias antes, sua Câmara havia aderido à revolução. É personagem muito ligado a Piratini de onde presidiu a República Rio-Grandense e a Canguçu onde buscou melhor proteção para suas tropas, segundo Caxias nos “pedregosos cerros de Canguçu” e onde depois de haver; deixado a Presidência travou três combates com Chido Pedro. O primeiro em Iguatemi e os outros dois, em local denominado Pedra das Mentiras, e outro no interior da Cidade de Canguçu. na alturado Colegio N.S. Aparecida

Embora filho de Triunfo é a cidade, de Rio Grande que desde 20 set. 1900 abriga; em monumento erguido pelos riograndinos em sua memória, os seus veneráveis restos mortais — a lembrar ao Rio Grande preciosas lições e exemplos de um dos maiores de seus filhos.

Significação histórica

Prestou assinalados serviços militares à preservação da soberania e integridade do Brasil nas Guerras de 1811-1812 (Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental); - guerra contra Artigas (1816-17 e 1821, (1) Guerra da Independência do Brasil na Cisplatina (1822-24) (1) e Guerra Cisplatina 1825-28, na qual teve atuação destacada na proteção da junção do Exército do Sul, ao comando de Barbacena, nas margens do arroio Lexiguana, em 5 de fevereiro 1827, manobra considerada "obra-prima de estratégia" (2), E, além, na Batalha de Passo do Rosário, em 20 fevereiro, no comando da 2ª. Brigada de Cavalaria Ligeira (3). Por isso Bento Gonçalves atingiu a condição de coronel de Estado-Maior da 1ª. Linha do Exército Imperial.

Na Revolução Farroupilha foi o seu líder político-militar, tendo sido eleito Presidente da República Rio-Grandense e seu segundo general, mesmo preso, no Rio.

Foi um grande estudioso de História Militar Romana e da Revolução Francesa, de onde tirou muitas inspirações para a sua atuação militar, circunstâncias que compensavam não haver cursado a Academia Real Militar do Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro. Em reconhecimento a seus serviços, foi condecorado com a medalha da Campanha 1816-1821 contra Artigas e com as ordens de Cristo e da Rosa.

Para Arthur Ferreira Filho, grande Intérprete do heróico espírito militar do Rio Grande do Sul, "Bento Gonçalves, da Silva foi o maior rio-grandense do período, herói autêntica, figura de romance e a encarnação das melhores virtudes de nossa raça".. E prosegue "Personagem sem contrastes, brilhou como sol entre as luminárias de uma época em que o Rio Grande se notabilizou pela superioridade moral de seus filhos "(4).

Confirmar esta afirmação do mestre é obra de simples verificação, da ligação do nome do cel. Bento Gonçalves usada como denominação de uma, cidade e ruas, além de patrono da histórica e briosa Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

Naturalidade, ascendência e laços de família

Bento nasceu em Triunfo-RS, na margem do Jacuí, em 23 de setembro 1788, tendo passado sua infância na Estância da Piedade, próximo a Triunfo que fora fundado por seus avós maternos". Foi o 10º filho do casal Alferes Joaquim Gonçalves da Silva e de D;Perpétua.

Pelo lado materno era neto do paulista de Guaratinguetá, Antônio Costa Barbosa e bisneto do casal Jerônimo de Ornelas — o patriarca de Porto Alegre, que por esta razão foi chamado Porto de Ornelas, e de Lucrecia Leme Barbosa, também de Guaratinguetá e consanguínea do bandeirante Fernão Dias Pais Leme. Seu bisavô, Jerônimo, era da ilha, da Madeira e descendente de fidalgos. Com ele Bento privou, em Triunfo, em sua infância, desde que Jerônimo se mudara de Porto Alegre para Triunfo, em 1762. O pai de Bento, que lutara na Guerra de 1763-1763, comprou junto ao rio Camaquã as sesmarias do Cristal, do Cordeiro do Duro, do Santo Antônio do Paraíso, e das Sobras. Atingiu o posto de capitão de Ordenanças, foi vereador da Câmara de Porto Alegre tesoureiro da Delegacia Fiscal, tendo servido de exemplo e conselheiro acatado para Bento Gonçalves até morrer:

Bento criou-se nas estâncias do rio Camáquã, tornando-se cedo um expoente nas lides campeiras, a par de apreciável cultura absorvida sob a orientação do pai, um homem de largos horizontes como o provou seu currículo sintético.

Bento, além de suas origens familiares, distintas em São Paulo, na ilha da Madeira e Portugal, ligou-se por laços de família a diversas outras famílias distintas na parte Leste do Rio Grande. Eram seus parentes na Revolução Farroupilha, entre outros Araújo Ribeiro, Gomes Jardim (primo), Onofre Pires, Antônio Soares da Porciúncula, Florentino Souza Leite (de Canguçu) e Chico Pedro ou “Moringue”.

Serviu-lhe de padrinho de batismo o tenente Manoel Carvalho, que levantou a única planta até hoje conhecida de Fortaleza Santa Tecla, em Bagé, antes de ser arrasada em 1776. Seu padrinho foi também o primeiro sesmeiro das terras onde hoje se ergue a cidade de Pelotas.

De Triunfo, depois da expulsão dos espanhóis da Vila do Rio Grande, partiram muitos dos povoadores de Tapes, Camaquã; Encruzilhada do Sul, São-Lourenço, Canguçu, Bagé, Jaguarão e Pelotas.

Furriel de auxiliares

Na Campanha de Pacificação da Banda Oriental, 1811-12, integrou o Exército ao comando de D. Diogo de Souza. Assistiu a fundação de Bagé por D. Diogo e de lá, aos 15 anos, escreveu ao pai “que tudo corre bem e que a experiência correspondia às minhas expectativas”, depois de apresentar-se, em 15 de Julho de 1811.

Sua primeira missão militar será logística. Foi promovido a furriel de Auxillares e colocado por D. Diogo, com Alcaide ou Juiz de Paz de Cerro Largo, ou Melo atual, para dali ajudar a suprir o Exército Pacificador, em operações.

Terminada a campanha, se estabeleceu no local como comerciante. Ali conheceu sua futura esposa, Caetana, filha de espanhol com uma rio-grandense de Povo Novo. Casou-se em Caetana, em 1814, com 26 anos. Em Cerro Largo trabalhou e estabeleceu largo círculo de amizades. Em Las Canas, afluente do rio Jaguarão, próximo a fronteira do Rio Grande, estabeleceu estância de criar e invernar gado.

Informante da fronteira do Rio Grande

Face à difícil situação no Prata, Bento Gonçalves tornou-se agente de Informações no Uruguai, para o célebre Manuel Marques de Souza, comandante da Fronteira do Rio Grande, herói da expulsão dos espanhóis da Vila do Rio Grande, em 1º de abril de 1776, como Ajudante-de-Ordens, do General Bohn. E assim, Bento enviou informes, posteriormente confirmados, alguns com riscos pessoais, sobre as movimentações de Artigas.

Mantendo comércio com o Brasil, foi atingido duramente por medidas decretadas por Artigas, no sentido de impedir passagem para o Brasil, de gado, couros e sebo da Cisplatina.

Capitão de milícias contra Artigas

Acreditando que outras medidas restritivas seriam adotadas, uniu-se ao mais tarde coronel de Milícias Albano de Oliveira Bueno, seu amigo e compadre, para o seguinte oferecimento, caso o Brasil invadissem a Cisplatina.

“Avisados com tempo, desarmariam a guarnição de Cerro Largo, tirando-lhe cavalos. Colocariam à disposição das tropas do Brasil 600 cavalos e reuniriam 60 (homens armados, desertores e foragidos, desde que fossem perdoados ou anistiados”).

O coronel Albano era filho de um paulista de Guaratinguetá. Na Revolução Farroupilha se colocou do lado do Império. Preso em Pelotas, no combate de

Passo dos Negros ,em 8 de abril de 1836, morto no arroio pela escolta, não se sabe em que circunstâncias. A oferta foi aceita, mas as operações evoluíram.

Segundo interpretações dominantes. Bento foi eleito Juiz de Paz e Alcaide de Cerro Largo, invadida por artigueiros. Estes saquearam e incendiaram suas vendas.

Antes dessa ação, em carta ao pai, Bento escreveu em 4 de setembro de 1816.

“Estar estabelecido em Cerro Largo com negócios de fazendas e bebidas, haver comprado uma estância por 30 mil cruzados, com 12 mil de aviso, a qual possuía 15.000 reses, cavalos, carretas, escravos etc... e em dois anos pretendo estar livre de dívidas”.

Durante a guerra contra Artigas 1816-17, Bento iniciou sua carreira militar, com 28 anos, no posto de capitão de Milícias. Revelou então excepcional vocação militar, que o conduziu 13 anos depois, à sua promoção a coronel de 1ª linha de Estado-Maior. E, em 1836, decorridos 20 anos de vida militar, a general da República Rio-Grandense e Comandante em Chefe de seu Exército.

Atuação nas guerras contra Artigas 1816 e 1821

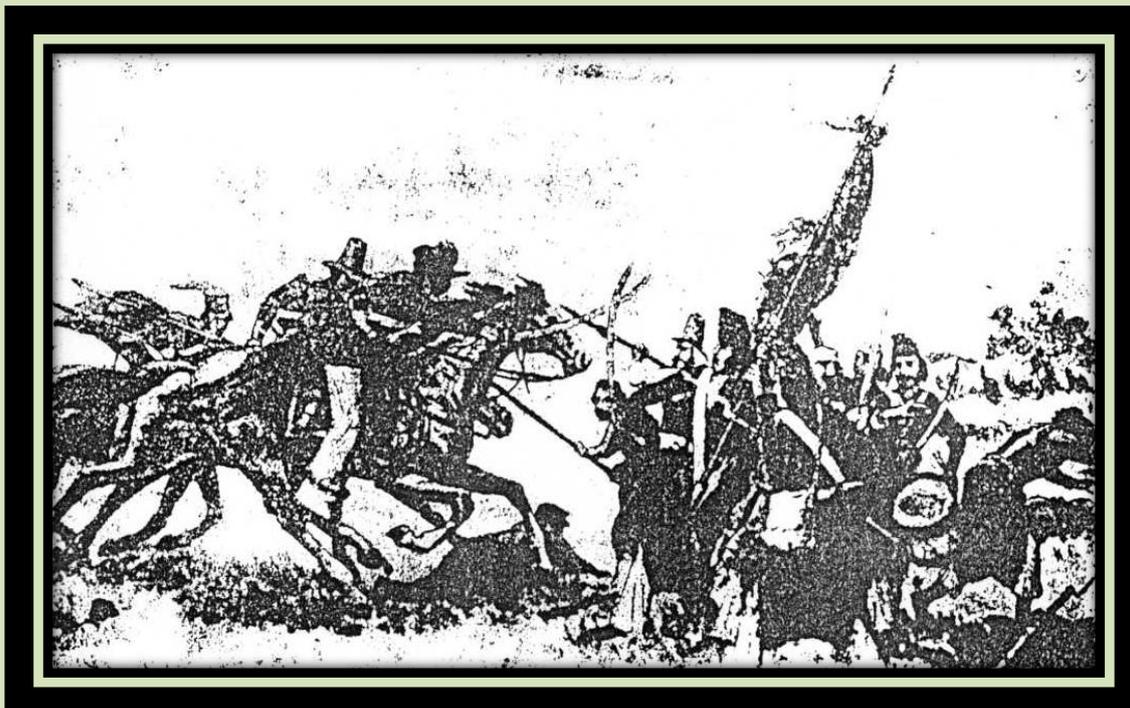
A partir de Cerro Largo apoiou logisticamente a Divisão de Voluntários Reais, que invadiu o Uruguai pelo litoral, na qualidade de alcaide e juiz de paz.

Foi alvo de represália que destruiu e saqueou sua casa comercial. Obrigado a ir para o Serrito do Jaguarão (Jaguarão atual) foi colocado à frente de uma guerrilha.

Em fevereiro 1817 destruiu partida inimiga que saqueara Erval. Em 22 de abril de 1817, a partir de Encruzilhada do Sul, recrutou guerrilheiros de Encruzilhada. Canguçu, Piratini, Pinheiro Machado, Herval e Jaguarão para liderar a defesa móvel da Fronteira, no rio Jaguarão, depois de a medida ser aprovada pelo Marques de Souza (I). Comandante da Fronteira, em Rio Grande. Com esta tropa e o título de Comandante da Partida Volante da Fronteira de Jaguarão ingressou, em 22 setembro 1817, no serviço militar, em caráter oficial, através do ato do Marques de Alegrete , com,.

“Ordem para organizar de novo a guerrilha do capitão Bento Gonçalves da Silva, com homens desde que não desertores, a partir de hoje. O ponto de reunião deve ser ao sul do Jaguarão, na faixa entre Jaguarão e Bagé. Bento terá liberdade de interiorizar-se no Uruguai e lá praticar todas as hostilidades permitidas pelo direito de guerra”. Terminava dizendo que Bento “pelas provas de valor e lealdade, iria bem cumprir os deveres do bom português”. (5).

Dentro desse contexto Bento Gonçalves participou das seguintes ações: Em 1818 em Currales derrotou o oriental Moreira. Em 20 de Julho de 1818, em Las Canas, derrotou e aprisionou Delgado. E 6 de maio de 1815, em Cordovez bateu e aprisionou Ortoguez. Em 25 de julho de 1815, em Carumbé destruiu "Lopes Chico". Em janeiro de 1820, no arroio Olimar, derrotou o coronel Aguiar. Estava pois, formado, na Academia Militar dos Coxilhas da Fronteira do Vai e Vem. (6).



Bento Gonçalves de 1811-1828 “vendo, tratando e pelejando”, segundo Camões, formou-se na Academia Militar das Coxilhas, o segundo também o cel. Momo Mariante, “na fronteira do vai e vem, entre para tatás de centauros, pontãos de lanças, tilin e tilins de armas brancas, troar de canhões, quadrados de Infantaria e cargas, de Cavalaria” na belicosa coreografia da Arte Militar dos Pampas (Fonte: CALMON. Pedro. História do Brasil d. Watch Rodrigues)

Traços de seu perfil militar

Sobre seu perfil militar escreveria mais tarde uma testemunha ocular na Revolução Farroupilha (7).Caldeira “Foi o primeiro general, da República, tanto pela tática militar, como pelo prestígio na província do Rio Grande. Era um cidadão muito atencioso, prudente e valente como o mais valente dos generais do Exército (Rio-grandense).

Era de boa estatura e bem feito de corpo. Tinha a cabeça pequena e redonda. Era a primeira espada da Província e tinha conhecimento da História Romana”.

Noutra oportunidade o mesmo depoente o definiu melhor ainda (8):

“Bento Gonçalves era um homem prudente, não só frente ao Inimigo e também no círculo de seus amigos. Em combate ele era o primeiro visado pelo inimigo. Sabia o momento de atacar e vencer, bem como o da retirada quando julgada conveniente. Era um homem popular e apreciado. Era bem apessoado. mais alto do que baixo. Possuía ombros largos e corpo bem desembaraçado e flexível. Era bonito de rosto e simpático. Era uma das primeiras espadas do seu tempo. Desconhecia homem que lhe impusesse condições. Por tudo, o povo o seguia como se fora ele a alma dos rio-grahdenses... Ele era símbolo de Liberdade, como João Antônio Silveira era o da Prudência.

Era um perfeito patriota! Possuía predicados desconhecidos pelo homem normal. Não era um homem de cultura comum. Era ilustrado e dava-se muito a leitura de obras de peso”.

Aqui ressalta a importância da cultura geral do líder e especialmente em História Romana. Esta fonte e inspiração de sua cultura militar notável.

José Garibaldi, veterano farrapo e comandado de Bento Gonçalves escreveu que “como cavaleiro, não vira igual a Bento, a não ser Antônio Netto”.



Um dos uniformes usados pela Guarda Nacional imperial e republicana ao tempo da Revolução Farroupilha — (Fonte: BARROSO e RODRIGUES, Uniformes do Exército Brasileiro 1922).

Segundo se conclui de Wiedersphan ao biografá-lo, assim escreveram sobre Bento Gonçalves seus superiores nas guerras contra Artigas:

“Muito desembaraçado e prestimoso para o serviço desta campanha (uruguaia) em que é sumamente prático (Marques de Souza, Comandante da Fronteira do Rio Grande). "Subordinado ativíssimo e valoroso (Do Ajudante-de-Ordens do Marques de Alegrete)". “Prestou relevantes serviços. É valente” (Conde da Figueira). (9).

Compõe seu perfil militar e atesta seus serviços, decreto de 24 de janeiro de 1834 de Regência que lhe concedeu pensão de 1.200\$000 réis anual (10).

“Atendendo aos relevantes serviços que tem prestado por longos anos nas trabalhosas camparihas do Sul, "onde sacrificou toda sua fortuna, a maior parte dela dispendia ao serviço da Pátria" e, tomando em consideração que esse benemérito oficial, possuindo fazendas no Estado Oriental, as abandonou ao inimigo que corajosamente debelara desprezando seus convites (ofertas) com brio e honra, o que lhe é próprio. portando-se em todo o tempo com a maior firmeza de caráter, amor e adesão à Independência do Império, à sua Constituição e ao Sr. D. Pedro II. "tendo sempre, em maior conta, o serviço da Nação" do que a sua numerosa família, que com ele passara as maiores privações".

E reconhecendo a Regência que estes serviços tão importantes, até então não foram premiados ou compensados, foi-lhe concedida a pensão que foi aprovada pela Assembléia.

Quando Bento Gonçalves foi promovido general da República em 12 de novembro de 1836, a justificativa da República Rio-Grandense escudou-se no seguinte argumento que compõe seu perfil militar:

“Por merecimento, valor, acrisolado patriotismo, perícia militar e relevantes serviços prestados à causa da liberdade rio-grandense”. (11).

O canguçuense adotivo Caldeira ao comparar Bento e Netto diz que o

primeiro sabia combinar as três armas e que Netto não, pois só sabia empregar Cavalaria". (12).

Domingos José de Almeida que conviveu intimamente com Bento Gonçalves assim traçou seu perfil por volta de 1850: "Aprendeu apenas as primeiras letras. Sendo criado no exercício do campo, se fez insigne cavaleiro. Era de estatura ordinária e proporcionada, mas dotado de força e dextro (hábil) no manejo de diversas armas. Era de fisionomia regular e simpática e muito popular. Cultivou com grande assiduidade seu grande talento no estudo da História. Principalmente sobre a vida dos grandes homens, dos quais sempre trazia alguns casos em suas conversações particulares..." (13).

Vê-se que foi um autodidata. Outro contemporâneo refere aos estudos de Bento Gonçalves de História Romana. Em correspondência ele referiu a personagens da história Romana e da Revolução Francesa. Aí estão algumas de suas inspirações.

Almeida confirmou noutra oportunidade o que afirmara. Escreveu que Bento Gonçalves iniciou a vida como furriel de Auxiliares em 1811-1816 e, o mais importante:

"Que era um homem incapaz de dirigir uma revolução porque seu coração' de mulher (bondoso) estava sempre em luta com seu espírito forte e superior a as vicissitudes".

Depois de afirmar que seu "coração bondoso predominava a maior parte das vezes sobre o seu espírito forte e resoluto", concluiu que as decisões de Bento Gonçalves "eram sempre rápidas e enérgicas", seja sobre influência da bondade ou de seu espírito forte e superior. (14).

Ação na Guerra Cisplatina 1825-28

Bento Gonçalves saiu major de Milícias da guerra contra Artigas. Participou ativamente, em Serro Largo, da incorporação do Uruguai e do dispositivo militar que consolidou em Montevideú, a Independência do Brasil, na província Cisplatina.

Desde 1824, Bento Gonçalves, tenente-coronel de Milícias radicado em Serro Largo, passou a comandar, dali, aquela Fronteira, com apoio no Regimento de Cavalaria de Milícias que organizou, com sede em Jaguarão. Regimento que com a criação do Exército Brasileiro, em 1º de dezembro de 1824, passou a ser o Regimento de Cavalaria da 2ª. Linha a seu comando.

Antes de irromper a guerra Cisplatina, Bento Gonçalves já havia vendido sua estância Leonche, em Serro Largo. Mudou então sua família para estância do Cristal, junto ao rio Camaquã, hoje sede do Parque Histórico Bento Gonçalves, junto a BR-116.

Em 12 de outubro de 1825, aniversário de D. Pedro I, Bento Gonçalves foi promovido a coronel no mesmo dia em que, na Cisplatina, no combate de Sarandi, conhecia o sabor da derrota, ao comando do coronel Bento Manoel Ribeiro.

Em 24 de maio de 1827, no Passo São Diogo, bateu força argentina. Em 22 de junho seguinte, na Estância do Segó, bateu destacamento do general La Valle.

Por ocasião das marchas estratégicas dos Exércitos do Brasil, ao comando do Marquês de Barbacena e o republicano, ao comando de Alvear, para a

Batalha do Passo do Rosário, em 20 fev. 1827 e, nesta histórica batalha, teve papel de relevo no comando da 2ª Brigada de Cavalaria. (14).

Inicialmente cobrindo o flanco, a partir de Jaguarão, da coluna do general Brown que de Pelotas rumou para operar junção com Barbacena que marchava desde Santana, protegida no flanco direito por Bento Manoel.

Depois, protegeu a homérica transposição do Camaquã — Chico, da coluna de Barbacena, quando impediu a interferência de Alvear. Proteção decisiva para o Exército do Sul operar junção em região de serra, no arroio Lexiguana. Posição interposta entre Alvear e os principais centros gaúchos da época. Porto Alegre. Pelotas e Rio Grande.

Finalmente, na Batalha de encontro de Passo do Rosário, na proteção de flanco direito do Exército, e cobertura da retirada estratégica para o Passo São Lourenço no rio Jacui, para fugir ao incêndio, conforme estudamos na revista a "Defesa Nacional". (15).

Antecedentes da revolução

Em 1825 Bento Gonçalves foi promovido a coronel de 1ª Linha e Estado-Maior, cabendo-lhe o comando da Fronteira do Jaguarão, entre Rio Grande e o Jaguarão e da unidade de 1ª Linha — o 4º Regimento de Cavalaria, com parada em Jaguarão (Serrito), não confundir com Serrito do Piratini (Vila Freire). O espírito liberal gaúcho tendia para o ideal de república-federativa, desde 1830, uma realidade no Brasil. Idéias propagadas no século XIX e que se projetaram no Brasil e no espírito da revolução, conforme estuda Calvet Fagundes, no fundamental instrumento de trabalho **“A Maçonaria e as forças secretas da Revolução”** (16), que não pode ser desconhecido do historiador político, ao tratar do século citado, tão marcado pela influência da Maçonaria. Isto, sob pena de incorrer em falsas visões e interpretações, Bento Gonçalves passou por suas qualidades a impor-se como líder e a catalizar e a encarnar o espírito rio-grandense, este inconformado através de lideranças de charqueadores e estancieiros, com o exorbitante imposto sobre o charque, couro e légua de campo; fechamento da fronteira, ao ingresso de gado uruguaio no Brasil, depois liberado com pesados impostos, não protecionismo do charque gaúcho, nos portos do Brasil, onde não podia concorrer com o charque uruguaio. Esta situação depois da guerra Cisplatina 1825-28, em que os campos gaúchos foram talados pelo invasor e pelo Exército Imperial, não fazia justiça aos rio-grandenses e, inclusive a chefes militares locais que foram preteridos no comando do Exército do Sul.

A República Federativa, vitoriosa no Prata, muito influiu no ânimo de muitos rio-grandenses, segundo se conclui de Ferreira Filho. (17).

Bento Gonçalves inclusive fora duramente atingido pelas medidas econômicas adotadas pelo Império sob a forma de impostos e protecionismo ao charque uruguaio.

Nas guerras contra Artigas perdera suas propriedades na Cisplatina. Ao tentar recuperar-se financeiramente, na estância do Cristal, em Camaquã, uma situação fiscal adversa que provocou recessão da economia gaúcha, o colheu em cheio.

Na guerra Cisplatina 1825-28, inúmeros estancieiros que sofreram prejuízos não foram indenizados pelo Império. A Revolução de 7 de abril de 1831 que depôs D. Pedro I, pareceu à primeira vista que traria em sua esteira consequências benéficas a aflitiva situação dos rio-grandenses.

Bento Gonçalves mantinha na fronteira, ligações com Lavadeja e outros líderes, através de canais maçônicos.

Denunciado na Corte, chamado ao Rio, foi defendido pelo major João Manuel de Lima e Silva, junto ao seu irmão regente - Francisco, pai do futuro Duque de Caxias. Bento Gonçalves retornou depois de contato pelos canais maçônicos, segundo Calvet Fagundes (18) com diversos liberais, inclusive com Evaristo da Veiga.

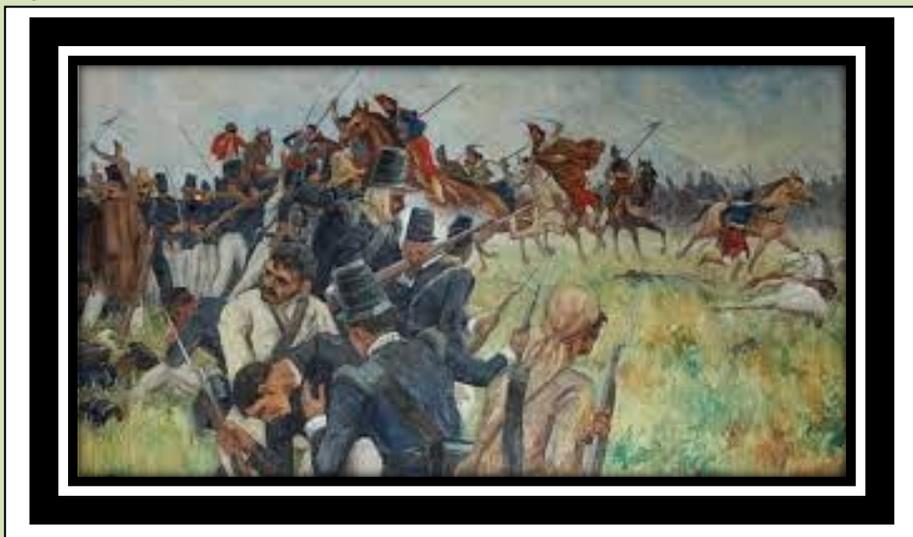
Com o Ato Adicional, de 12 de agosto de 1834, foram eleitos para a Assembléia Legislativa do Rio Grande que foi instalada em 12 abril de 1835, cinco meses antes da Revolução Farroupilha, entre outros liberais, os seguintes oficiais da 1ª linha do Exército:

Bento Gonçalves, Bento Manoel, José Mariano de Mattos e José Pinheiro de Ulhoa Cintra (Suplente). Em reunião da Assembléia, o Presidente acusou nominalmente Bento Gonçalves. "De combinação com Lavadeja e seu mentor o padre Antônio Caldas e, ambos, em território do Brasil, estarem trabalhando para separar o Rio Grande do Império e federá-lo ao Uruguai".

O padre Antônio Caldas era alagoano, constituinte de 1824, que preso na Fortaleza de Santa Cruz, dela fugiu e foi acolhido pelos líderes argentinos e uruguaios em nome de Maçonaria, conforme estudamos na "**Revista ao Museu do Açúcar**" (19),

Esta atitude acendeu a fogueira. Bento recolheu-se à sua estância no Cristal. Em Alegrete, Bento Manuel Ribeiro foi substituído no comando da Fronteira. A fogueira aumentou com a lenha lançada pelo incidente major João Manuel de Lima e Silva Visconde de Camamú (major Egídio Barbuda Gordillo). Camamú acusou falsamente João Manuel pelo jornal. Este processou Camamú que foi condenado a prisão comum. O irmão do Presidente da Província Pedro Chaves, tentou relaxar a prisão. Aí entrou em cena o advogado português Pedro Boticário, que conseguiu, derrotando o Presidente e seu irmão, que Camamú fosse entregue e recolhido à prisão comum.

Disto tudo concluiu Ferreira Filho, que a Revolução Farroupilha estourou. graças, em grande parte, à intolerância de alguns governantes. Entre estes se encontrava o Marechal Sebastião Barreto, comandante das Armas, (inimigo do marechal José de Abreu que morreu em Passo do Rosário) e que votava ódio a Bento Gonçalves (20).



Na batalha do Passo do Rosário, de 20 de fevereiro de 1827, Bento Gonçalves comandou a

2ª Brigada de Cavalaria Ligeira que é representada no canto inferior esquerdo. Comandava o 21º RC o pelotense Ismael Soares da Silva. Seja na batalha, seja na proteção do flanco das tropas ao comando do General Henrique Brown, que se deslocaram desde Pelotas, e na proteção de Barbacena na travessia do Camaquã Chico, foi relevante a atuação de Bento Gonçalves. (Fonte: História do Exército Brasileiro v. 2 (Alegoria))

Plano para início da Revolução Farroupilha

Bento Gonçalves, como comandante superior da Guarda Nacional da Província, cujos principais líderes eram estancieiros e charqueadores, (sendo que muitos de seus parentes e amigos) desenvolveu o seguinte plano militar, que com o apoio no filho de Jaguarão, Alfredo Varela procuro interpretar e sintetizar. (21).

Finalidade: Derrubar o Governo da Província, representado pelo Presidente e seu suporte militar o Comandante das Armas e o Comandante da Fronteira do Jaguarão e assumir o controle político-militar de toda a Província.

Objetivos: 1) - Conquistar Porto Alegre e derrubar o Governo da Província substituindo-o por um revolucionário.

2) — Neutralizar as ações do Comandante das Armas e do Comandante da Fronteira do Jaguarão, (cargo do qual Bento Gonçalves fora demitido pelo Comandante das Armas desde 30 de dezembro de 1834) e na oportunidade em que se encontravam tratando de interesses particulares em suas estâncias.

3) — Conquistar o controle de Alegrete, São Borja, Cruz Alta e respectivas áreas de influência, sob a liderança de Bento Manoel e com o concurso do 8º BC de Linha de São Borja ao comando do major João Manoel de Lima e Silva, (tio de Caxias).

4) — Conquistar o controle político-militar das seguintes localidades, além de Alegrete: Jaguarão, Bagé, São Gabriel na fronteira com o Uruguai. E, mais a retaguarda — Erval, Canguçu e Piratini, na Serra dos Tapes e Encruzilhada e Caçapava, na Serra do Herval.

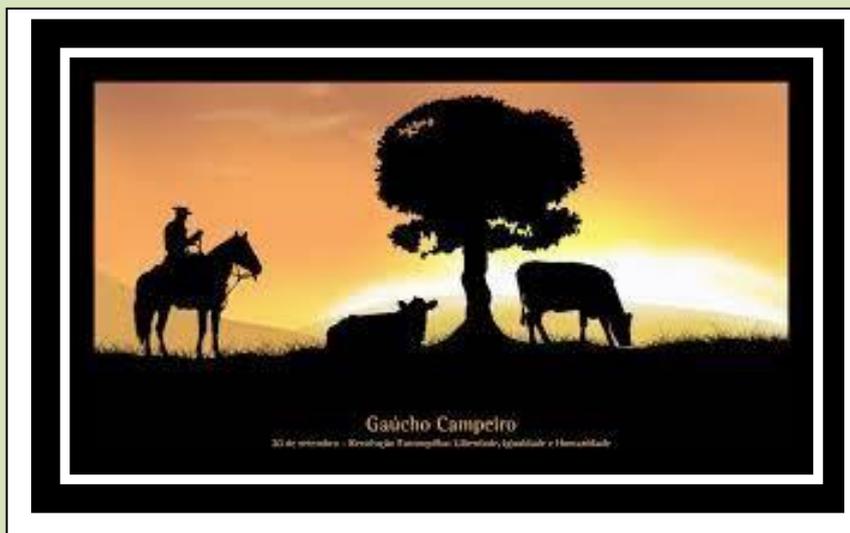
No corte do Jacuí, Rio Pardo importante centro provincial e Cachoeira e Triunfo. Em torno de Rio Grande, ao sul. Povo Novo (terra *de Netto*) e ao norte, Mostardas e Estreito. Em tomo de Porto Alegre. Guaíba (na época Pedras Brancas), Viamão e Santo Antônio da Patrulha.

Não foram incluídas Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, São José do Norte e a Colônia de São Leopoldo, núcles sob controle dos Imperiais.

Bento Gonçalves contava com o apoio das unidades de linha do Jaguarão, Bagé, São Gabriel, Rio Pardo e São Borja pois, dois comandantes delas - Joao Manoel de Lima e Silva e José Mariano de Mattos estavam comprometidos com a Revolução.

No dia do início da Revolução julgava-se Bento Gonçalves distante e em licença em Entre-Rios. Mas ele encontrava-se em seu QG revolucionário, em Guaíba (Pedras Brancas), acolhido na casa do primo Gomes Jardim, dando os últimos retoques e instruções para que o movimento fosse simultâneo. Sua última instrução foi dirigida a Canguçu, para seu amigo e primo Florentino Souza Leite (23).

Dali ele poderia acompanhar o lance decisivo - a conquista de Porto Alegre.



Bento Gonçalves criou-se e tornou-se notável nas lides campeiras nas estâncias paternas ao norte do rio Camaquã. Como cavaleiro, segundo Garibaldi — o herói de dois mundos, só era superado por Antônio Netto. Ao lado da vocação campeira dedicou-se a estudos de História Militar Romana. (Gravura de Wendroth).

Execução do plano

Em 19 de setembro de 1835, forças ao comando dos parentes de Bento Gonçalves, Onofre Pires e Gomes Jardim, cerram sobre Porto Alegre, Onofre, depois de concentrar, em Viamão, elementos locais de Osório. Santo Antônio e Gravataí atuais. Gomes Jardim depois de atravessar o Guaíba, com elementos que reuniu em Pedras Brancas (Guaíba),

A Onofre Pires, mais tarde morto em duelo por Bento Gonçalves, coube dirigir a ação, a partir de posições hoje ocupadas pelos cemitérios, junto a ponte da Azenha (ponte do Moinho).

O ataque teve lugar a noite, com vantagens para os revolucionários que penetraram dia 20 no perímetro, sem reação, com adesão da Guarda Nacional e reforço de cerca de 300 homens do capitão Manuel Antunes de Porciúncula (concunhado de Bento), que este propusera para comandar os Permanentes antes de 30 de novembro, no que foi recusado pelo Presidente Braga. Aumentada a pressão a Polícia (Corpo de Permanentes) desertou. O Presidente Braga procurou reagir no Arsenal de Guerra.

No desamparo, embarcou na escuna “**Rio-Grandense**” e rumou para Pelotas, à procura de apoio, onde prendeu, sob suspeita de querer atuar sobre ele, o mineiro Domingos José de Almeida, que transportou preso para Rio Grande, soltando-o somente quando vitoriosa a Revolução, e embarcou para o Rio de Janeiro.

Em todos os outros lugares a revolução impôs-se sem resistência, à exceção dos seguintes:

Rio Pardo resistiu até 50 de setembro, sob a liderança do marechal João de Deus Mena Barreto. Capitulou na presença de Bento Gonçalves e com reforços da Guarda Nacional de Cachoeira e Triunfo.

Em São Gabriel houve resistência até 4 de outubro de 1835, quando o 4º Regimento de Cavalaria de Linha aderiu à revolução ali liderada pelo tenente-coronel e mais tarde general farrapo João Antônio da Silveira.

São Gabriel revolucionária dissuadiu a reação do Comandante-das-Armas, seguida do seu internamento no Uruguai, ao ver, em Batovi, o 2º RC de Linha de Bagé aderir à Revolução. Foi substituído na função, pela revolução vitoriosa, pelo coronel Bento Manoel Ribeiro, seu desafeto.

A reação mais forte do ervalense tenente-coronel João da Silva Tavares que passou a dominar a área entre o Jaguarão e Pelotas, com um grupo de homens.

Lançou-se contra o capitão Domingos Crescêncio de Carvalho que havia aderido à revolução com o 4º RC de 1ª Linha, de Jaguarão obrigando-o a emigrar. Mais tarde, em 18 de outubro o capitão Crescêncio bateu Silva Tavares, no Retiro, no Arroio Pelotas, aqui Pelotas.

O major Manuel Marques de Souza protegia esta cidade que reagia à revolução por ter sido muito prestigiada pelo presidente Braga, que a elevara a cidade.

A Marques de Souza, futuro Conde de Porto Alegre, e a Silva Tavares, coube a última reação, ao vencer, em 14 de outubro de 1835, no arroio Grande, próximo a Pelotas, o capitão Manoel Antônio da Porciúncula. Combate junto a ponte nos Lange.

Bento Gonçalves decidiu, numa ampla manobra estratégica, submeter ao mesmo tempo Pelotas, Rio Grande e São José do Norte. Enviou Onofre Pires, a partir de Porto Alegre contra São José do Norte, para servir de bigorna ao papel que ele faria de martelo, para submeter Rio Grande, berço e abrigo do presidente Braga deposto.

Assim, a partir de Porto Alegre, através do passo da Armada, no rio Camaquã, depois de reunir recursos em Camaquã. Encruzilhada, Canguçu e Pelotas ocupou esta cidade forte de 400 homens. Sua Câmara reconheceu o Governo revolucionário em 15.

A seguir tranpôs o Passo dos Negros, no São Gonçalo. Em 23 de outubro cercou Rio Grande. Rendido, sem condições de resistência, o Presidente Braga deixou Rio Grande, em 23 de outubro, depois de a Câmara local reconhecer o Governo Revolucionário, bem como a de São José do Norte.

Com o reconhecimento do Governo Revolucionário pelas Câmaras de Pelotas, Rio Grande e São José do Norte coroava-se de êxito revolucionário.

Bento Manuel assumiu o Comando das Armas. Os 8º BC de Lima e Silva e o 1º Corpo de Artilharia a Cavalos de Mattos retornaram de São Borja e Rio Pardo para o esquema de segurança do Governo Revolucionário, em Porto Alegre.

Assim, em cerca de 1 mês, a Revolução Farroupilha havia dominado e empolgado todo o Rio Grande do Sul e, particularmente, seus mais importantes e estratégicos pontos: Rio Grande, Porto Alegre e Rio Pardo e com apoio das cinco unidades de Linha: 3 Regimentos de Cavalaria (Jaguarão, Bagé e São Gabriel), batalhão de Caçadores e 1 Corpo de Artilharia a Cavalos.

Fora do Rio Grande estavam os maiores obstáculos e causa próxima da Revolução: O Presidente Braga e o marechal Sebastião e Silva Tavares.

Toda esta trama liberal republicana é explicada por Morivalde Calvet Fagundes na obra **“A Maçonaria e as forças secretas da revolução”**, instrumento de trabalho fundamental ao historiador do século XIX, em geral repito.



Aspecto de Porto Alegre quando ali entrou triunfante na manhã de 20 de setembro de 1835 o coronel Bento Gonçalves da Silva. Os farrapos a dominaram por cerca de 9 meses até 15 de julho de 1836. Dentre os portoalegrenses que se tem assinalado no estudo do Decênio Heróico registre-se Dante de Laytano. Canabarro Reichardt e agora Moadyr Flores. A cidade de Montenegro nos deu Othelo Rosa e Henriqüe Oscar Wiedersplan e São Jerônimo nos deu Walter Spalding e Santa Maria — Olinho Sanmartin e São Borja — Souza Docca (Gravura-de Wentroth).

Reviravolta na revolução

Depois de consolidada a Revolução com o domínio de todo o Rio Grande do Sul de então, o quadro vai alterar-se substancialmente, a partir da posse, em dezembro de 1835, do novo Presidente Araujo Ribeiro, em Rio Grande. Ele convidou o coronel Bento Manoel Ribeiro para lutar pelos imperiais, o que se deu (dez 1835 - mar 1837).

Por uma hábil e incruenta manobra política, a estratégica cidade do Rio Grande voltou definitivamente ao império, junto com São José do Norte. Serviu para o Império ali estabelecer inexpugnável base terrestre e naval, aberta a reforços de toda a natureza e protegida pelo canal São Gonçalo.

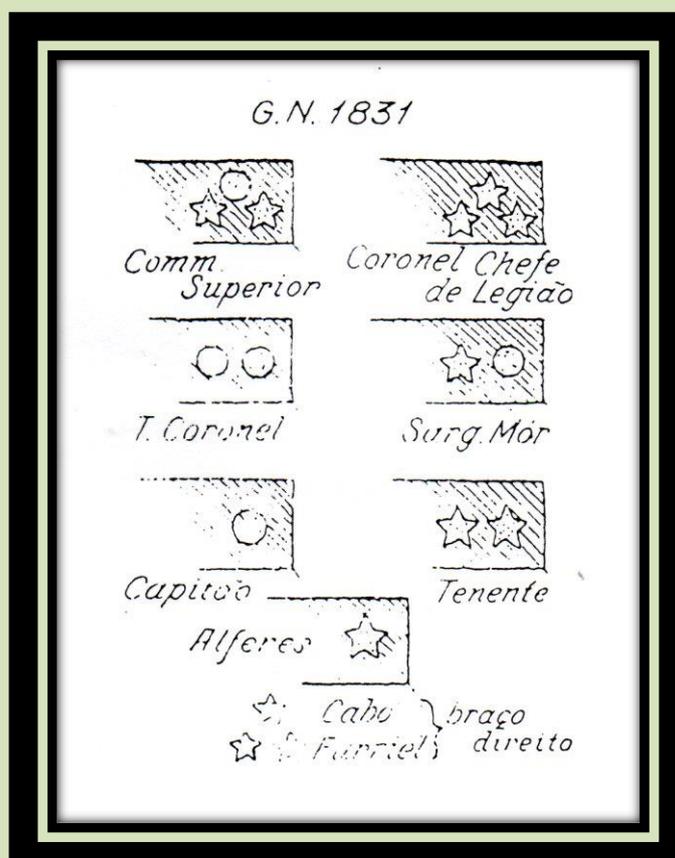
No afã de conquistá-la, a partir de Pelotas e de impedir Bento Manoel de socorrê-la, Porto Alegre foi reconquistada em definitivo em 15 de junho de 36, com a prisão de 36 líderes revolucionários. Este fato fez abortar a idéia de reconquistar Rio Grande e criou condições de apoio mútuo de Porto Alegre e Rio Grande, através das forças navais que em pouco dominaram toda a navegação interior do Rio Grande.

Este fato veio agravar-se ainda mais quando Bento Gonçalves caiu numa armadilha preparada por Bento Manoel e Grenefel na ilha do Fanfa, quando retirava-se do sitio de Porto Alegre, ao atravessar o rio. Isto por insistência imprudente de Onofre Pires desde então seu inimigo, ao ser criticado por ele Bento, como Presidente.

Estas cricunstâncias adversas foram amenizadas com a vitória riograndense de Netto, em Seival, em 10 de setembro de 1835, seguida da Proclamação da República no dia seguinte, no Campo do Francisco Menezes.

Bento Gonçalves fora favorável a bater-se por partes o adversário: Primeiro Bento Manoel, depois conquistar Rio Grande e, finalmente, Silva Tavares. Mas foi vencido pelo major João Manoel que decidiu que Bento Manoel e Rio Grande fossem atacados ao mesmo tempo, segundo Canabarro Reichardt ao biografar

Bento Gonçalves (Ed. Globo. 1933).



Distintivos de postos e graduações da Guarda Nacional imperial republicana ao tempo da Revolução Farroupilha. No início Bento Gonçalves como comandante Superior da Guarda Nacional da Província, usava nas mangas o distintivo da coluna superior a esquerda (Fonte: BARROSO et RODRIGUES. Uniformes do Exército Brasileiro 1922)

Prisão e fuga de Bento Gonçalves

Em 4 de outubro de 1836, Bento Gonçalves foi obrigado a render-se sem aceitar as condições que lhe foram oferecidas. Elas implicavam na cessação da Revolução. Ele, ferido a bala desde Viamão. Foram presos com ele, Onofre Pires e o Conde Tito Livio Zambecari. Bento Gonçalves e os demais foram levados para o Rio, para a Fortaleza de Santa Cruz. Ali já se encontraram os 36 aprisionados em Porto Alegre, quando esta foi tomada pelo Império.

Bento Gonçalves recriminou Onofre Pires como o responsável, pelo peso de sua opinião, pela armadilha da ilha do Fanfa. Teve com ele uma discussão ao ponto de quase irem às vias de fato, não fora a intervenção de Greenfel, segundo testemunhou Caldeira, filho de Canguçu até 1957 e agora de Pedro Osório.

Esta inimizade se acentuou em Alegrete. Isto quando Onofre Pires integrou minoria oposicionista na Assembléia Constituinte eleita em 1º de dezembro de 1842, em Alegrete, que provocou a renúncia tempos depois de Bento Gonçalves à Presidência e ao Comando em Chefe. Ela foi terminar em 27 de fevereiro de 1844, em duelo a espada entre Bento e Onofre, em que o primeiro, 10 anos mais velho, levou vantagem e feriu mortalmente Onofre. Este em razão do ferimento gangrenar veio a morrer, quatro dias depois, em 3 de março de 1844. Tudo por haver se deixado, cego pela paixão, ser manipulado por um grupo, que nem sequer lhe restou assistência nos últimos momentos. Quando Bento Gonçalves

retornou da Bahia de onde fugira, Onofre Pires recusou a entregar o Comando do cerco de Porto Alegre a ele, conforme registra Caldeira em seus "Apontamentos".

Bento, Onofre e Zambecari foram levados ao Rio, à Fortaleza de Santa Cruz, para fazerem companhia aos 36 presos, em Porto Alegre, e mais Corte Real, preso em combate por Bento Manoel, no Passo do Rosário.



Aspecto atual da Fortaleza da Lage na entrada da Bahia e Guanabara, onde Bento Gonçalves esteve preso e recusou a evadir-se em 15 de março de 1837, em solidariedade a Pedro Boticário que por ser gordo não conseguiu passar na pequena abertura, caminho para a liberdade. (Fonte — Arquivo do Exército).

Bento Gonçalves preso no Rio e Bahia

Bento partiu consciente que o vácuo de poder gerado com sua prisão e dos demais com a queda de Porto Alegre, tinha sido preenchido com a Proclamação da República por Netto.

Em 15, de março de 1837, faliu sua fuga da Fortaleza Lage, em solidariedade a Pedro Boticário que, por ser gordo, não conseguiu passar por uma janela. Melhor sorte tiveram Corte Real e Onofre. Bento foi transportado para Bahia e preso no Forte do Mar. Comandava o navio, o mais tarde Visconde de Inhaúma, herói da Guerra do Paraguai, em nossa Marinha.

Em 10 de setembro de 1837, decorridos 13 dias preso na Bahia, Bento, com auxílio da Maçonaria evadiu-se do Forte do Mar em operação dirigida pelo tenente-coronel Francisco José da Rocha. Este, mais tarde no Rio Grande, terá um incidente com o general Bento Manoel, que em consequência abandonará a causa republicana para uma longa neutralidade (18 jul 1839 — 9 nov 1842). Isto por alegar ter sido desprestigiado com a promoção do citado oficial, em que pese as satisfações dadas por Bento Gonçalves.

A fuga foi desvendada por Pedro Calmon e assim sintetizo. Do Forte Bento Gonçalves foi levado à Ilha Itaparica. Foi embarcado num navio que transportava farinha para Pelotas e Montevideu. Foi desembarcado em Florianópolis atual. Dali seguiu a cavalo, em companhia do catarinense Mateus. Em 3 de novembro de 1837, atingiu Torres e em 10 de novembro Viamão (depois Setembrina), Quartel-General do sítio ao comando de Onofre Pires. Isto, decorridos 1 ano e 7

meses de sua prisão e dois meses de sua fuga da Bahia.

Ambas as prisões eram insalubres e desconfortáveis, conforme trecho de carta na qual Bento pedia "3 camisas, por estarem em frangalhos as suas, um capote por sentir frio à noite, pois só tinha um lençol pára cobrir-se e um par de tamancos para poder passear na masmorra em que estava preso que é toda uma lagoa cheia de imundície e de péssimo cheiro". Masmorra, sob a muralha externa, com entrada de luz indireta pela porta de grade.

Estes fatos hoje fantasiados, revelam o martírio do líder farrapo que chegou na Bahia, em 26 de agosto de 1837, conforme, observou o "Jornal" local apresentando, "ar seco, aspecto melancólico, e sizudo."



Forte do Mar na Bahia onde Bento Gonçalves esteve preso 13 dias e evadiu-se em 10 setembro 1837 auxiliado pela Maçonaria e em circunstâncias estabelecidas pelo mestre Pedro Calmon, cujo padrinho ministro Miguel Calmon Du Pun e Almeida era casado com Alice da Porciúncula, pelotense ligada à família do líder farrapo.

Bento Gonçalves a presidência

Em Viamão Bento reassumiu a Presidência e o Comando em Chefe do Exército, com a Revolução em melhores condições em que deixara, Onofre Pires apresentou-lhe reação em entregar-lhe o comando, conforme queixou-se Bento a Caldeira (24).

Com o célebre incidente de Bento Manoel, pretendo o Presidente da Província em Itapeví, Alegrete, quando este ia prendê-lo, a causa republicana ganhou um novo talento.

No período de 23 de março de 1837 — 16 de julho de 1839, em que Bento Manoel lutou pelos farrapos, acrescido do período de neutralidade 15 de julho de 1839 — 8 de novembro de 1842, ou portanto durante 5 anos, 7 meses e 16 dias a República Rio-Grandense estruturou-se e se organizou melhor até 1843 quando começou a declinar, em razão do grande endividamento interno e externo.

Nessa fase Bento Gonçalves atuou mais como político e diretor da guerra no campo estratégico, como Presidente e Comandante- em- Chefe, do que como comandante tático.



A prisão de Bento Gonçalves, na Ilha do Fanfa se deve em parte a solidariedade para com as famílias retirantes do sítio de Porto Alegre, viajando em carretas, que o líder farrapo não quis abandonar à própria sorte. Perdeu assim tempo precioso.

Dificuldades a vista

Depois de quase 5 anos de revolução a economia do Rio Grande a base da pecuária, que a sustentava começou a apresentar sinais de exaustão e a crescer em demasia o endividamento externo e interno. Os créditos interno, e externo re traíram com reflexos no apoio logístico e administrativo do Exército da República.

Surgiu oposição a Domingos José de Almeida que deixou a estrutura de apoio logístico que detinha como Ministro da Fazenda e Interior, cercado de acusações das mais injustas, segundo interpretações dominantes.

Os demônios das revoluções, “as contradições, insatisfações, injustiças, calúnias, desejos divergentes, ambições incontroláveis, frustrações etc..”. foram soltos nos campos da República Rio-Grandense e substituídos pelo gado que sustentara a luta e as cavalhadas. Estas, agora desgastadas, eram a base da mobilidade farrapa e penhor para prolongamento da luta, e assim, sobreviver e manter acesa a esperança da vitória.

Em 1840 foi eleita a Assembléia Constituinte, em Alegrete, de 36 deputados. Liderou a maioria de 30 Domingos José de Almeida, e a minoria de 6 Antonio Vicente da Fontoura, ambos inimigos: Fontoura é apoiado por Onofre Pires.

Foram sessões tumultuadas de 1º de dezembro de 1841 — 16 de fevereiro de 1842, quando ocorria a aproximação de Caxias de Alegrete. (25).

Foi inclusive apresentado um projeto de abolição da Escravatura, pelo coronel José Mariano de Mattos, mas rejeitado. (26).

O Império, através de seus agentes, procurava minar e dividir os farrapos.

Antônio Fontoura é acusado de dividir para reinar, segundo se conclui de Morivalde Calvet Fagundes, ao custo da derrubada de Bento Gonçalves. (27)

Bento foi acusado de autor intelectual do assassinato do Vice Presidente Antônio Paulo da Fontoura, caso rumoroso abordado pelos historiadores da Revolução.

Embora contando com. o apoio da maioria, Bento Gonçalves renunciou em 4

de agosto de 1843, passando a Presidência a Gomes Jardim e o Comando-em-chefe a David Canabarro. (28)

Foi lutar como comandante de Divisão da Esquerda. Ao passar o comando a Canabarro, referiu-se a este como "benemérito e inclito rio-grandense". Exortou todos a reunirem-se em torno de tão virtuoso patriota, desse novo Fábio (Gomes Jardim) que pela segunda vez deixa a charrua". (arado)

A renúncia teve lugar em Piratini, novamente Capital desde março de 1843, depois de ter sido em Caçapava e Alegrete.

Nesta fase, Bento, como comandante da Divisão, tomou parte dos dois combates de Canguçu, em 25/26 de outubro de 1843 (Pedras das Mentiras) e 6 de novembro de 1843 (Cerro do Ataque) ao lado do Cerro da Liberdade, na tentativa de lá deslojar Chico Pedro de Abreu, desde agosto, instalado em Canguçu com a Ala Esquerda do Exército de Caxias, conforme estudamos. (29)

Duelo com Onofre Pires

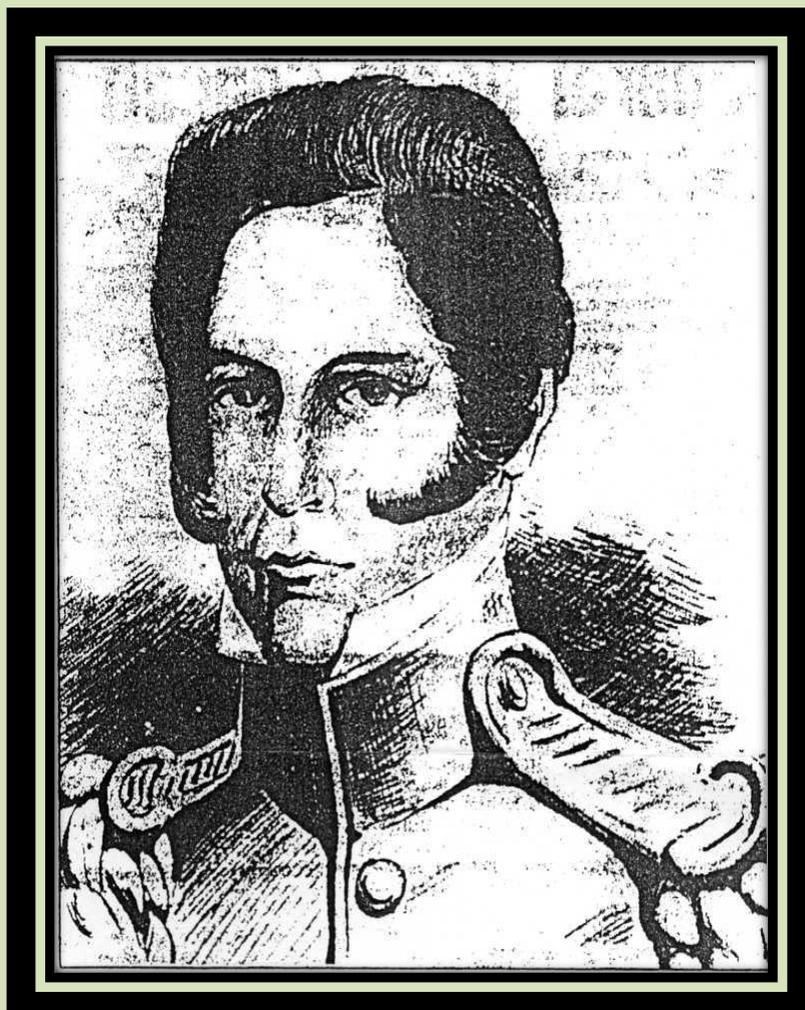
Logo depois desses combates de Canguçu, terra de Teixeira Nunes e de Manoel Alves da Silva Caldeira (30), Bento duelou com Onofre Pires, que morreu em 3 de março de 1844.

Em carta a Domingos de Almeida de 4 de março, Bento descreveu o duelo "Fim desastroso de Onofre, que fazia o papel de Santerre" (da Revolução Francesa) na minoria (liderada por Antônio da Fontoura) que o incitara "a provocar-me tão atrevidamente... a paixão dominava a minoria e por isso, vendo aquele homem tão corpulento, o julgaram um gigante e eu um pigmeu.

— Enganaram-se e, depois escondendo todos os rabos, se retiram de Onofre, ao ponto de não achar-se, um só desses malvados a seu lado, ao menos na hora da morte. Que malvadeza!!! Eu lamento a sorte de Onofre, mas não tenho o menor remorso, porque obrei como verdadeiro homem de honra. Em tais casos obrarei sempre assim, não me importando com o tamanho nem com a fama da pessoa que se atreva a atacar a minha honra" (31).

Escudado em imunidades parlamentares, Antônio da Fontoura acusa Bento Gonçalves de general sem sorte, que teve a infelicidade como companheira de seus passos e operações, só vencendo as batalhas de Setembrina, a retirada sobre Gravataí e ação de Arroio dos Ratos ... (32).

Onofre Pires, entre outras acusações genéricas não provadas, assacou contra seu primo estas palavras — "Ladrão da fortuna, ladrão da vida, ladrão da honra e ladrão da liberdade".



Pacificação e final

Bento Gonçalves participou do encaminhamento, da pacificação em Ponche Verde em 1845, cedendo face “um valor mais alto que se levantava” — a ameaça de Rosas da Argentina intervir em apoio ao Rio Grande do Sul, desequilibrando a balança para a causa republicana, contra o Império o que o Ministro da Justiça do Império, Marquês do Paraná percebeu e tratou de apressar a paz. Este personagem mineiro e muito conciliador era o modelo do Presidente Tancredo Neves.

Pobre, depois de haver perdido seus bens no Uruguai, ao lutar contra Artigas em 1816-21, apoiar a Independência do Brasil e combater na Cisplatina em 1825-28, Bento foi tentar refazer sua vida no Cristal, hoje Parque Histórico em sua memória. Teve de pedir emprestados 150 cabeças de gado. Foi recebido pelo Imperador em 10 de dezembro de 1845.

Em 18 de julho de 1849, vítima de pleurisia veio a falecer em Guaíba (atual) na casa de Gomes Jardim. Local onde planejara e dera início à Revolução de 20, de setembro, marco inicial do processo revolucionário histórico rio-grandense encerrado quase um século depois; ainda em Piratini, no combate de 20 de setembro de 1932, assinalado pela prisão Dr. Borges de Medeiros e seu envio preso para Pernambuco, segundo Osório Santana Figueiredo.

Não fora a morte Bento Gonçalves, seguramente o teríamos em campo, a frente de uma Divisão Brasileira, mandando seus co-provincianos na defesa da

Integridade e da Soberania do Brasil, no Prata, contra Oribe e Rosas

É um herói nacional por sua contribuição civil e militar à implantação da República no Brasil em 15 de novembro de 1889, regime no qual vivemos há quase um século.

Ao leitor interessado, para um melhor julgamento do herói, recomendamos a leitura serena do **DIÁRIO** de Antônio Vicente da Fontoura (33) que ao perseguir de modo obsessivo e altamente meritório a Paz, tinha sido injusto com Bento Gonçalves e outros líderes em seus conceitos, desde que passou a liderar a minoria oposicionista a Bento em 1841.

Bento Gonçalves esteve em Pelotas em junho de 1845 para assistir ao casamento de seu filho Caetano com Clara filha do seu amigo e colaborador o pelotense coronel Ismael Soares da Silva.

NOTAS

1 — AAHRGS, v.3, p. 655. 2 — BENTO, Marchas estratégicas... **Defesa Nacional** nº. 680. 1978, 3 — Idem. Análise dos fatores da decisão... **Defesa Nacional** nº. 672, 1977. 4 — FERREIRA FILHO, **História Geral RGS**, p. 113 5 — WIEDRSPHAN, **Bento Gonçalves**. Palegre, Sulina. 6 — Idem nota i, (Correspondência de Domingos de Almeida que ensaia biografia de Bento Gonçalves) .7 idem, p. 399. 8 — CALDEIRA. Apontamentos Rev. Far. RIHRGS, n'. 27, 1927. 9 — Idem nota 5. p. 132, 133 e 141. 10 — FAGUNDES M.C. **Hist. Rev. Far.** p. 232. 11 — ROSA, **Vultos da epopéia farroupilha**. p. 31. 12 — Idem nota 8. 13 — Idem nota 1i, p. . . 655-688. 14 — Idem nota 3; 15 — Idem nota anterior. 16 — FAGUNDES- A **as forças secretas** da DES M.C. **A Maçonaria Revolução**. 17 — idem nota 4 p. 90. 18 — Idem nota 10. 19 — BENTO, Padre Antônio Caldas.. **Revista do Museu do Açúcar**, Recife, 1971. 20 — Idem nota 4, p. 91 21 — WIEDRSPHAN, **Ó General João Manoel**... p. 54 . 22 — Idem nota 10. 23 — Idem nota 8. 24 — Idem nota anterior. 25 — Idem nota 10, p. 184. 26 — Idem nota anterior. 27 — Idem nota 10. 28 — Idem nota anterior. 29 — BENTO. **Canguçu reencontro com a História**. Palegre, 1 EL 1984. 30 — Idem nota 8. e AAMRGS, v. 5 (Correspondência de Manoel Alves da Silva Caldeira. 31. — idem nota



NOTA IMPORTANTE SOBRE A REVOLUÇÃO FARROUPILHA:

Publicamos em 1992 pela Bibliex e em dois volumes o livro **O Exército Farrapo e os seus chefes**. Livro acessível em 'Livros para baixar' em 'Livros e Plaquetas' no site www.ahimtb.org.br e no Google.

Livros que contém sínteses biográficas das principais lideranças farroupilhas, análise militar crítica das vitórias farroupilhas de Seival e Rio Pardo e a ação pacificadora de Barão de Caxias.

E no livro **Canguçu – reencontro com a História**, também disponível no citado site e no Google, fazemos uma análise militar crítica dos dois combates de Canguçu.

ORIGENS E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DE PELOTAS ATÉ O ADVENTO DO "DIÁRIO POPULAR", NO ANO DE 1890

Por oportuno incluímos este artigo fora do Caderno em foco por importante

Ten. Cel, Cláudio Moreira Bento

Em atendendo à convocação do Dr. Clayr Lobo Rochefort, feita através do tradicionalista e historiador primo Angelo Pires Moreira, de participarmos com matéria histórica de nossa livre escolha, da edição especial comemorativa dos 90 anos deste jornal, a melhor forma que encontramos para assinalá-la, bem como para marcar 10 anos de colaborações em suas páginas, foi, através de interpretação histórica, evocarmos eventos basilares relacionados com as origens e evolução históricas de Pelotas até o advento do «**Diário Popular**», desde então, uma das principais fontes de História, não só de Pelotas como da AZONASUL, conforme comprovei ao acabar de redigir meu último livro - **CANGUÇU-REENCONTRO COM A HISTÓRIA - UM EXEMPLO DE RECONSTITUIÇÃO DE MEMÓRIA DE UMA COMUNIDADE**.

Primitivos habitantes

Até por volta de 1737 as terras de Pelotas eram domínio dos Tapes “tapuias guaranizados, não antropófagos” que habitavam a Serra dos Tapes. (1)

Eles possuíam suas aldeias em torno do ponto culminante daquela serra por eles chamada CangKa-sú (2) (na região de Favila, ex-Terra dos Tapes) junto a Canguçu-Velho onde nasce o arroio Grande, afluente da Lagoa dos Patos e, na região de Bugres, próximo ao Posto Branco. Tudo em Canguçu. Em ambos locais eles deixaram vestígios na população. No primeiro fala-se da existência de um terremoto (cemitério). Vestígios que estão a merecer atenção dos estudiosos antes que desapareçam. As aldeias mencionadas ligavam-se à Lagoa dos Patos através de trilhas indígenas ao longo dos arroios Grande e Correntes. Eram usadas pelos Tapes para caçar e pescar periodicamente nas várzeas pelotenses e na Lagoa. Segundo Fernando Osório, “os Tapes haviam constituído no Laranjal o seu reduto preferido para pescarias” (3). Os Charruas deixaram vestígios das suas passagens esporádicas por Pelotas e São Lourenço através das bolas de pedra que usavam nas boleadeiras.

Povoamento português

Em 1680 Portugal fundou Colônia do Sacramento defronte a Buenos Aires.

Da necessidade de apoiá-la militarmente, por terra e água, contra os constantes assédios espanhóis que sofreu, foi fundada Laguna em 1688 e abertos caminhos terrestres ligando-a a São Paulo (Sorocaba) e Colônia do Sacramento. Por eles o gado chimarrão ou selvagem existente nas campanhas uruguaia e riograndenses, passou a ser transportado por terra à Laguna e após, para São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro. Para aproximar ainda mais o apoio militar à Colônia, o Brigadeiro Silva Pais desembarcou na hoje cidade de Rio Grande em 1737 e ali fundou o Presídio Jesus-Maria-José (I), base naval e terrestre e marco do início do povoamento oficial do Rio Grande do Sul por Portugal. Os Tapes, que dominavam as terras de Pelotas, Canguçu e mais além, hostilizaram os povoadores, conforme os registros da época. Para dar segurança à distância a base fundada. Silva Pais numa falua que mandou construir e, transportando o equivalente a um pelotão de Infantaria, navegou no Sangradouro, entre as lagoas dos Patos e Mirim de que é considerado o descobridor, tendo, portanto, lançado os olhos sobre as terras onde hoje se ergue a cidade de Pelotas. Ia com o propósito de fundar o forte São Miguel que deixou guarnecido com Infantaria e estabelecer uma guarda no arroio Chui, com 12 dragões de Minas Gerais. (4)

Por volta de 1749 começaram a aportar em Rio Grande imigrantes açorianos. Eles se aglutinaram em apreciável número em Povo Novo e em torno de Rio Grande. (5)

Guerra Guaranítica 1752-56 — Forte São Gonçalo

Em 1750 Espanha e Portugal celebraram o Tratado de Madrid. Colônia seria devolvida à Espanha que compensaria Portugal com vastos territórios. No Rio Grande, particularmente com os Sete Povos das Missões onde os jesuítas lideraram os índios guaranis que catequisaram, na resistência militar à decisão dos reis de Espanha e Portugal, ao ponto de enfrentarem seus exércitos na Guerra Guaranítica, cujo palco foi o Rio Grande do Sul. (6)

O comandante do Exército Demarcador de Portugal foi o general Gomes Freire de Andrade, Governador e Capitão-general do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Ele tentou, com tropas de elite da guarnição do Rio, atingir às Missões, remontando o rio Jacuí, ocasião em que fundou o forte do Rio Pardo — a “Tranqueira Invicta” e foi detido no passo do São Lourenço do rio Jacui. Decidiu então penetrar nas Missões, a partir de Santa Tecla, depois de reunir-se com o Exército de Espanha. Para apoiar a sua marcha e proteger sua linha de suprimento dos índios Tapes que dominavam Canguçu erigiu o Forte de Gonçalo, (origem do nome do canal São Gonçalo), na margem direita do rio Piratini próximo a foz do citado canal. Este forte por nós relocado e estudado foi balizado por monumento. (7) Depois reuniu-se com o Exército de Espanha e derrotou os índios em Caiboaté e Churieby e entrou em São Miguel. Destacou-se nesta guerra, como Comandante dos Dragões e da Fronteira do Rio Pardo, o coronel de Dragões Thomaz Luiz Osório que como prêmio recebeu, em 1758 o chamado rincão das Pelotas, já com alguns povoadores segundo mencionam os que conheceram (8) termos da doação e já conhecido por Pelotas, em razão do uso já feito ali, pelos índios, daquele meio de transposição de rios feito com couro de boi. Data do final desta guerra o estabelecimento de comunicações, por terra entre as três bases militares portuguesas no Rio Grande do Sul; através do seguinte itinerário atual: Rio Grande — Pelotas — Pedro Osório — Cerro Pelado

— Morro Redondo — Coxilha dos Campos — Canguçu (Arroio das Pedras) — Coxilha do Fogo (Encruzilhada do Duro) — Vão dos Prestes (passo das pedras ou Camaquã de baixo) — Encruzilhada do Sul — Rio Pardo.

Guerra 1763-76 e Pelotas

Em 1762, o coronel Thomaz Osório, face a uma Invasão eminente do Rio Grande do Sul recebeu ordem de deslocar-se por terra, de Rio Pardo até o arroio Chui, “sem alvoroçar os Tapes”.

Em Castilhos Grande erigiu uma trincheira que batizou de Santa Tereza. Ela não teve a mínima condição de resistir em 1763 as forças de ceballos, Governador de Buenos Aires que a rendeu junto com a de São Miguel e logo depois a Vila de Rio Grande e a margem norte — São José do Norte, além de aprisionar o coronel Thomaz que foi desamparado naquela soledade e pagou o alto e injusto preço da força em Portugal, como pode expiatório de uma situação crítica (9), Os açorianos que se haviam fixado, inclusive em Pelotas, tomaram diversos destinos. Muitos foram levados para dar vida ao recém fundado povoado de São Carlos de Maldonado no Uruguai, cuja igreja é erigida com parte do material tirado da igreja de Rio Grande. O território entre os rios Piratini, Camaquã, São Gonçalo e Lagoa dos Patos que abrange particularmente os municípios de Pelotas, Canguçu, Piratini, Pedro Osório e São Lourenço tornou-se base de ação dos guerrilheiros portugueses ao comando do legendário tenente de Dragões Rafael Pinto Bandeira. O canal São Gonçalo passou a ser fronteira de fato entre os espanhóis baseados em Rio Grande (e com fortins e patrulhas em suas margens) e portugueses baseados em Rio Pardo e com bases em Coxilha do Fogo, Canguçu (Coxilha Santo Antônio), Estância L. Marques no rincão dos Cravos, em Canguçu (10) próximo a Vila Freire e guardas nos passos de São Gonçalo, do Piratini (Acampamento) e do Camaquã (Marinheiro, ex — dos Ladrões e Vão dos Prestes, ex — Camaquã de Baixo) e Armada.

Na tentativa de reconquistar Rio Grande, em 1767, a partir Ce Estreito e do que resultou a reconquista de São José do Norte, forças guerrilheiras de Rafael Pinto Bandeira, reforçadas pelos Dragões de Rio Pardo, pressionaram, a partir da estância de L. Marques, em Canguçu, e ao longo do São Gonçalo, a vila de Rio Grande, atraindo sobre si contingentes inimigos. Em 1774 passou pelas terras de Pelotas, proveniente de Rio Pardo com destino a Rio Grande, as forças do mexicano Vertis y Salcedo, governador de Buenos Aires, depois de fundar o forte de Santa Tecla, em Bagé e ser batido por Pinto Bandeira de Santa Bárbara e Tabatingai. (11) Em 1º de abril de 1777, o Exército do Sul ao comando do general Bohn e integrado pelos regimentos de Infantaria do Rio de Janeiro e portugueses de Moura, Estremoz e Bragança atacaram de surpresa a vila de Rio Grande, usando jangadas Seitas com pessoal e madeiras do Nordeste e a reconquistaram. Com isto, as terras de Pelotas foram liberadas ao povoamento. A brilhante vitória teve lugar no dia de São Francisco, dada por esta razão ao povoado de São Francisco de Paula, nome primitivo da atual cidade de Pelotas até 1835. Com a restauração do citado território pela guerra, verificou-se uma grande corrida pela estância própria para as terras de Canguçu, Piratini, Pedro Osório, Pelotas e São Lourenço do Sul. Grandes contingentes de açorlanos e descendentes, para elas se dirigem provenientes particularmente aos arenosos Mostardas, Estreito, Povo Novo e Rio Grande.

Conquista F. Arrazamento de Colônia do Sacramento

A reconquista da Vila de Rio Grande provocou inclusive a criação do Vice-Reinado do Prata. Em 1777, a frente de poderoso Exército e Esquadra o general Pedro Ceballos, como primeiro Vice-Rei do Prata, rendeu a Ilha de Santa Catarina. Não conseguiu render a Vila de Rio Grande por ter o vento dispersado sua esquadra.

Conseguiu no entanto render e arrazar definitivamente Colônia do Sacramento. Seus povoadores em grande número foram (canalizados para Pelotas, cujos descendentes são estudados por Carlos G. Rheingantz (12). Entre estes deslocados veio o menino Hipólito da Costa que viveu cerca de 12 anos em Pelotas, até seguir para Coimbra onde formou-se. Depois fundou e editou em Londres o “Correio Braziliense” 1808-23, razão porque é considerado a Fundador da Imprensa Brasileira. (13) Vieram muitos açorianos de São Carlos de Maldonado para onde haviam sido levados depois da invasão de 1763.

Progresso vertiginoso

Pelotas de 1789-1835 experimentou um progresso que classifico de vertiginoso. O fator determinante foi o estabelecimento da indústria do charque, a partir da charqueada de José Pinto Martins, português proveniente de Aracati no Ceará. Freguesia gêmea de Canguçu em 1812. Vila e município em 1830 e cidade desde 1835.

No Início do povoamento conforme cartografia de 1777, já eram conhecidos os nomes dos arroios Pestana, das Pelotas, Santa Bárbara e das Correntes e Ponta do Canigoçu, cuja ilha pertencia a Manoel José Viana (14).

Nos primórdios do povoamento dominaram Pelotas duas personalidades: No campo político-militar e administrativo o já legendário brig. Rafael Pinto Bandeira, sesmeiro no Pavão de onde até 1795, exerceu as funções de Comandante da Fronteira do Rio Grande e da Legião de Cavalaria Ligeira, raiz hitórica da 8a. Bda. Inf. Mtz. e. interinamente, as de governador do Continente do Rio Grande de São Pedro, nome primitivo do RGS.

No campo econômico destacou-es o opulento contratador de carnes — Capitão Mor Manoel Bento Rocha. Ele adquiriu em 1779, o rincão de Pelotas. Depois tomou posse do rincão de Correntes entre os arroios Correntes e Grande e comprou de Rafael Pinto Bandeira, sem receber o título correspondente, mais dois rincões até o arroio São Lourenço. A ilha que hoje figura em mapas de Pelotas como Feitoria e no Serviço Geográfico do Exército como três ilhas, era propriedade de Manoel José Vianna conforme mapa de 1777 (15). Nas terras entre os arroios Pelotas e Correntes, por volta de 1780, o citado Manoel Bento possuía 12.000 vacuns, 4.600 cavalares e 1.160 muares (16).

O Saco do Laranjal e o rincão de Correntes chegaram a ser povoados por açorianos e descendentes que produzirem muito trigo e que era embarcado diretamente na Lagoa dos Patos, no Laranjal e em porto que existiu no arroio Correntes. Depois no Passo Rico, atual Passo dos Negros no São Gonçalo.

A Feitoria do Linhocanhamo

De 1783-1789. segundo teoria que defendo, foi estabelecida a Real Feitoria do Linhocânhamo, no Rincão do Canguçu. junto ao cerro que os Tapes chamavam Cang Kassu, próximo a atual cidade de Canguçu, ponto de passagem obrigatório do primitivo e histórico caminho Rio Grande — Rio Pardo, estabelecido a partir de 1756. O local foi confundido por longo tempo como o da

fundação da primeira redução jesuítica no Rio Grande (17). O porto de embarque da Feitoria era no arroio Correntes (18). Dali, em barcos e canoas eram alcançados barcos maiores junto ao canal que demandava Porto Alegre e Rio Grande (19). A razão principal da transferência da Feitoria foi a distância de suas lavouras do porto de embarque no arroio Correntes (20).

Em 1795, julgo que as terras que haviam servido a Real Feitoria ficaram incluídas na sesmaria concedida ao Capitão-Mor Paulo Rodrigues Xavier Prates com as seguintes lindes: Frente-Lagoa dos Patos, Norte-Arroio Grande, Sul — Arroio Correntes e fundos — "Iminências indeterminadas da Serra dos Tapes". (21)

Face a esta indeterminação de sua sesmaria na Serra dos Tapes, julgo surgiu a questão de terras que deu origem a cidade de Canguçu. Assim o capitão Paulo procurou definir o fundo de sua sesmaria como sendo o rincão do Tamanduá, onde hoje se assenta a cidade de Canguçu e, doado em escritura, em 1800, pelo citado capitão, para erigir-se um povoado e uma capela em invocação a N. S. da Conceição (22). Isto foi feito passando, segundo interpreto, o local primitivo da Feitoria a chamar-se Canguçu-Velho em contraposição a Canguçu atual surgido em 1800.

Guerras de 1801-1828

A contribuição econômica e militar de Pelotas foi importante para expandir a fronteira do rio Piratini ao Jaguarão, em 1801 e do Taim ao Chuí em 1812. Ao final da guerra de 1812, Pelotas tomou novo alento com a fixação nela de grande número de comerciantes que apoiaram o Exército de D. Diogo de Souza. Daí por diante, Pelotas em todos os conflitos, como a Guerra Cisplatina 1825-28 Guerra contra Oribe e Rosas e Guerra do Paraguai passou a dar grande contribuição como Base Logística. Por outro lado, sempre se constituiu lugar seguro na linha de retaguarda, para onde se dirigiram muitas famílias uruguaias e brasileiras, quando as respectivas fronteiras próximas foram envolvidas por guerras externas e revoluções.

Foi neste contexto que antes da guerra de 1851-52, e mais tarde general Osório mudou sua família de Bagé para Pelotas.

O progresso de Pelotas esteve muito ligado à aceitação nacional e mesmo internacional de seu principal produto — o charque que sofria grande concorrência do charque platino, por condicionado sua exportação aos azares da “barra diabólica” (23) do Rio Grande, antes da construção dos molhes, devoradora insaciável e traiçoeira de navios. A própria Revolução Farroupilha foi motivada pelo imposto escorchante sobre o charque pelotense, cobrado nos portos brasileiros, o que o tornava incapaz de competir com o platino. Líderes charqueadores do gabarito cultural do mineiro Domingos José de Almeida, do português Antônio Gonçalves Chaves e do pelotense João Simões Lopes Filho, Visconde da Graça tomaram parte ativa naquele movimento, sendo que o primeiro foi considerado o seu cérebro.

Em contra-partida, todas as revoluções e guerras que envolveram o vizinho Uruguai, que pertenceu ao Brasil de 1821-28 como Província Cisplatina, refletiram-se de modo positivo em Pelotas, em razão da boa aceitação nacional e internacional de seu charque, produto riqueza até o advento dos frigoríficos no início do século 20 (24).

O estabelecimento da Colônia Alemã de São Lourenço em 1857 por Jacob

Rheingantz foi um evento de grande repercussão no progresso de Pelotas. (25)

Fontes da história de Pelotas

Pelotas em todos os tempos atraiu viajantes famosos. Dentre eles muitos produziram relatos de valor além, das Memórias Econo — Políticas de Antônio Gonçalves Chaves, tais, como: John Lucock (1809), Sain Hilaire (1821), Carlos Seidler (1827). Nicolau Dreys (1939), Arsene Izabelle (1845). Eduard Siber (1852), Ave Lallemand (1857), o Conde DEU (1865), Michael Mulhalô (1870) e outros. De 1851 com a edição do jornal O PELOTENSE foi fundada a Imprensa Pelotense. Segue-lhe até a fundação do DIÁRIO POPULAR em 1890 mais de uma centena de periódicos que foram relacionados por Luiz Fernando Osório e que registraram a História de Pelotas. (26) Nas páginas desses periódicos atuaram entre outros Domingos José de Almeida. Carlos von Koseritz, Lobo da Costa, Apolinário Porto Alegre.

O progresso atingido por Pelotas, até o advento de DIÁRIO POPULAR há 90 anos, a mais importante fonte histórica não só de Pelotas como da AZONASUL é atestado pelo número expressivo de titulares que deu ao Império: Marquês do Herval, Viscondes de Jaguar; e da Graça, este casado com D. Eufrásia. descendente dos Mattos de Canguçu; barões de Piratini, Butui, Santa Tecla, Três Cerros, Arroio Grande, Itapitocai, Jarau e Correntes. O último nascido em Canguçu, passou a maior parte de sua vida em Pelotas. Foi o pelotense Conselheiro Antônio Ferreira Vianna “o glorioso inspirador e signatário da Lei Áurea.”

NOTAS

Convenções; DP — Diário Popular e RMB — Revista Militar Brasileira.

1) TESCHAOER. Hab. Primitivos RGS, 1909. 2) COELHO, Marlene. O Vanguardeiro. DP, 10 Ago 80. 3) A CIDADE DE PELOTAS. 2a. ed p 10. 4 — AUTOR. RMB, Jul/Dez 73, pp. 43-80. 5 — WIEDERSPHAN, Açorianos... 1980. 6) IDEM NOTA 4. 7) DO AUTOR. Forte São Gonçalo. DP, 3 e 10 Dez 72. 8) IDEM NOTA 3 p. 18 (nota 3). 9) HHGB Anais Restauração RGS. 1975, V. 1, p. 536. 10) IDEM p. 537-540. 11) IDEM. 12) IDEM. 13) DO AUTOR. Pelotas e o fundador da Imprensa no Brasil. DP. 30 Jan e 10 e 20 Fev 72. e Editoriais DP, 25 mar 72. 14) FRAGOSO. A BATALHA PASSO DO ROSÁRIO (mapa 1777 região Rio Grande e Pelota* atuais). 15) IDEM. 16) Rev. Museu e Arq. RGS n°. 23 p. 486. 17) DO AUTOR. Canguçu primeira redução jesuítica? DP, 22 Nov 70. 18) IDEM NOTA 16, pp. 465-470. 19) LOCCOCK. ASPECTOS RGS. Rio, Record, 1935 p. 92. 20) Museu e Instituto Histórico São Leopoldo. Anais 3°. Simpósio 1980. p. 217 (10a. e 11a. linhas). 21) IDEM NOTA 16. N°. 2, Abr 21. p. 152. 22) SIMÕES LOPES NETO, Município de Canguçu 1912 (Rev. Cent. Pelotas.il. 4). 23) DO AUTOR. A Barra Diabólica do Rio Grande. DP, 5, 12, 19 e 26 Abr 70. 24) DO AUTOR. As Charqueadas de Pelotas. DP, 1 e 8 Mar 70. 25) RHEINGANTZ, Carlos, 1909. 26) IDEM NOTA 3 p. 181-183

s FAHIMTB e AHIMTB Resende Marechal Travassos Em Resende-RJ Na Academia Militar das Agulhas Negras em outubro de 2015

FONTES SOBRE A REVOLUÇÃO FARROUPILHAS DE NOSSA AUTORIA

1-O Exército Farrapo e os seus chefes 2 volumes Lideranças do Exército Farroupilha, Desenvolvimento da Revolução em 5 fases. Vitorias farroupilhas de Seival e Rio Pardo. Comandantes imperiais. 112 3 Perfil militar dos líderes farroupilhas. Trabalhos com apoio em fontes primárias disponíveis na publicação Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

2-Porto Alegre Memória dos sítios farrapos de Porto Alegre e da

Administração de Caxias Aspectos gerais de Porto Alegre na época dos sítios. .Fortificações ,aspectos físicos e urbanos. Nomes de suas ruas e praças ao tempo da Revolução. Aspectos sociais. Hospitalidade. Aspectos Econômicos. Aspectos militares. Curiosidades sobre logradouros na Revolução. História dos 3 sítios farroupilhas. Bento Manoel socorre Porto Alegre. Grenfeel rompe o sítio fluvial. Baterias das trincheiras de Porto Alegre seus nomes,nº de peças e atuais locais onde se situavam.Os 4 bombardeios de Porto Alegre sitiada.Os 3 contra-ataques imperiais. O Forte da Picada de Chico Pedro, o abastecedor de Porto Alegre sitiada via fluvial. Criação do Corpo Policial, raiz da Brigada Militar. Morte do Defensor de Porto Alegre Brigadeiro Xavier da Cunha. Levantamento definitivo do sitio. Francisco Pedro de Abreu, o herói imperial dos sítios de Porto Alegre sua síntese biográfica pioneira e inédita.A obra administrativa de Caxias em Porto Alegre como Presidente da Província. Mapa de Porto Alegre durante os sítios.

3- **O Combate de Rio Pardo, a maior vitória farroupilha**, nossa análise militar à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar.

4- **Sete perfis farroupilhas** por nos abordados na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul** até então não abordados ao nível de suas importâncias na Revolução e depois os abordei em **O Exército Farrapo e os seus chefes**.

5-**A Grande Festa dos Lanceiros**, reportagem sobre a inauguração do Parque Histórico Osório em Tramandai onde abordamos personagens farroupilhas ligados ao lanchão Seival: Garibaldi, Anita, o norte americano John Griggs , o comandante do Seival, o Coronel Joaquim Teixeira Nunes e seus Lanceiros Negros que participaram, por terra, ao comando de Davi Canabarro da conquista de Laguna e do estabelecimento da República Juliana.

6- **Autoria dos símbolos do Rio Grande do Sul** cuja personagem central e Bernardo Pires, o herói do Seival e o autor da 1ª bandeira da República Rio Grandense mais tarde acrescida do Brasão pelo major de Artilharia do Exército e Coronel Farroupilha José Mariano de Mattos.

7- **Relação das fontes históricas que publiquei sobre a Revolução Farroupilha** num total de 13 folhas A4 para a bibliografia do livro em produção pela FAHIMTB **Brasil Lutas Internas 1500-1916**, até Revolta do Contestado

8- **Mapa do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul de que sou sócio**, sobre o desenvolvimento da Revolução Farroupilha, como meio auxiliar para explicações sobre a Revolução a interessados, à luz das fontes expostas na foto, que ilustra este estudo.

9- Meu livro **Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstituição de memória comunitária** , no qual antes, a participação destacada da comunidade era ignorada por completo. E como referencias genéricas só os dois combates de Canguçu E de João Simões Lopes Neto em 1912, breves referencia a estada em Canguçu do Ten Cel GN Francisco Pedro de Abreu , o Moringue como comandante da Ala Esquerda do Barão de Caxias e suas vitória nos combates de Canguçu. E neste meu livro faço uma reconstituição que demonstra a importância de Canguçu na Revolução . E só conferir para confirmar o que afirmo a justificar segundo Chico Pedro que” Canguçu era o distrito de Piratini de mais perigo e mais farrapo.”E foi em sua sede que o Barão de Caxias colocou a Base da Ala Esquerda de seu Exército, ao comando de Chico Pedro e depois de Pacificada a Revolução ali ele colocou de 1845.1849 uma Companhia de Infantaria ao comando do Capitão Antônio de

5 Sampaio, o Bravo dos Bravos de Tuiuti e desde 1962, consagrado, como ato de Justiça na voz da História do Exército, como a Patrono da Infantaria.

10-Meu livro **Canguçu 200 anos** onde em História Militar abordo a Revolução Farroupilha em Canguçu bem como em Efemérides

11- **O Gaucho nº 32** de 1º setembro 2006 Informativo do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (hoje disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB, www.ahimtb.org.br ,em que abordo à luz de fontes primárias o controverso Combate de Porongos sob o título **O Combate de Porongos uma assunto que havia transitado em julgado no Tribunal da História do Rio Grande**. Abordagem que tem sido sufocada por parte da mídia porto-alegrense, sem nos dar direito ao contraditório, por versões que procuram intrigar o Barão de Caxias e Davi Canabarro, como tendo traído os Lanceiros Negros e seu comandante, o canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes. Isto desconsiderando que Canabarro esta na origem do MTG, ao ser numa cavalgada dos fundadores do GTG 35 terem sido transportados seus restos mortais de Santana do Livramento até Porto Alegre. E mais, que junto com Canabarro em Porongos se encontravam outras lideranças. So me resta pedir que confirmam .

12- Livro do falecido e grande escritor regionalista do Ari Verissimo da Fonseca abordando aspectos dos Lanceiros Negros Farroupilhas que abordo em meu livro o nº 15 O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul. E o Dr ARI na capa colocou a foto de pintura de Lanceiro Negro de quadro existente na Itália, publ

13- Meu pequeno livro com meu discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, sobre o Ministro da Fazenda da Republica Riograndese, o charqueador , natural de Diamantina- MG. Domingos José de Almeida publicado pela Faculdade de Eletricidade de Itajubá(EFEI) e transcrito nos Anais da Assembléia Legislativa de Minas Gerais e também no **Diário Popular** de Pelotas, em 20 de setembro de 1971 com o título O Patriarca e cérebro da Republica. Caderno 20 e também em Jornal de Diamantina.

14-Meu livro **Escolas Militares de Rio Pardo** em parceria como o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. No qual nas paginas 46-52 abordo aspectos da revolução em Rio Pardo.

15- Meu livro o **Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul**, premiado em 1º lugar no Biênio da Imigração e Colonização do RGS aborda os Lanceiros Negros Farrapos a p.283.

16- Meu livro **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul**, premiado em 2º lugar no Biênio da Imigração e Colonização do Rio Grande do Sul aborda os Lanceiros Negros as p. 279-292

17- Meu livro **Caxias e a Unidade Nacional** aborda a Revolução Farroupilha que ele pacificou as p.79-81 e 132.

18-Meu livro **O Brigadeiro Antônio de Sampaio**, aborda a sua atuação a partir de sua base em Canguçu- RS na consolidação da Paz as p. 23 e 42- 44. 19-Meu livro **General Osório o maior herói e líder popular brasileiro** apresenta a sua participação na Revolução Farroupilha as p.170-171.

20- Meu livro **175 anos da Batalha do Passo do Rosário, uma análise militar crítica a luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar** na p.59 referencias a Bento Gonçalves e Bento Manoel.

21- Livro **Conde de Porto Alegre 2ª edição**, com comentários de minha autoria e de meu parceiro Cel Ernani Luiz Caminha Giorgis e abas de sua descendente a acadêmica e jornalista Carmen Lucia Ferreira da Silva as p.61-73.114 7

22- Nossa abordagem **D.Pedrito na Revolução Farroupilha** ,publicado pela

Prefeitura D.Pedrito. Defendendo que a Paz teve lugar em 1º de Março no acampamento do Barão de Caxias, quando ele assinou a Paz ou Convênio as p.3-10.

23- Edição de nossa autoria no Diário Popular de Pelotas, comemorativa da Revolução Farroupilha em seu sesquicentenário em 20 de setembro de 1985. E expressivamente ilustrado

24-Meu livro **Piratini uma sagrado símbolo gaúcho farrapo**. Resende,2000.Estuda as origens de Piratini,sua instalação como vila e personagens presentes,a Câmara de Piratini como Constituinte da República Riograndense,Jose Serafim Silveira seu presidente(trisavo materno do autor(, José de Mattos Guimarães , o construtor da primeira igreja de Piratini e tetravo paterno autor e mais a conspiração farroupilha em Piratini.

25- Meu artigo Contribuição à História de D.Pedrito **A Defesa Nacional** nº 647, jan/fev1973

2- Meu livro **Dom Pedrito Contribuição a sua História** publicado em 2001 pelo município de D. Pedrito aborda sua História –Tratado de Madrid Posto, ou Estância Santa Ana,Tratado de Santo Ildefonso.Reconhecimento suas terras,Guerra de 1801,Povoamento,Conquista do Distrito de Entre Rios,Progresso,Demarcação da Vila,Paz de Ponche Verde ???,o Barão de Caxias em D. Pedrito,Guarda Velha do Santa Maria,D. Pedrito da Pacificação,General Osório em D. Pedrito, O documento que selou a Paz , na Guarda Velha do Santa Maria acampamento do Barão e Caxias

24- Nosso artigo O 20 de setembro de 1835 abaixo transcrito

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA UMA NOVA LEITURA

Ela foi feita pela guarnição do Exército do Rio Grande do Sul, como apoio em uma forte causa militar , que não tem sido até hoje abordada. Confira

História é verdade e Justiça! Tem sido consagrada como causas da Revolução Farroupilha só as de caráter econômico ligadas ao aumento do imposto sobre a lésua de campo e a preferência pelo Sudeste do Brasil do charque do Uruguai, em detrimento do charque produzido pela Província do Rio Grande do Sul, e nenhuma referência ao desprestígio do Exército pelo poder que sucedeu D. Pedro ! , por ter o Exército apoiado o Imperador na outorga da primeira constituição do Brasil. A causa que denomino- A questão militar.! E hoje, em chão fluminense vamos homenagear dois oficiais fluminenses formados pela Academia Real Militar (hoje nossa AMAN) que tiveram papel destacado na eclosão e desenvolvimento da Revolução Farroupilha, os majores de Artilharia José Mariano de Mattos e o de Infantaria João Manuel Lima e Silva, geralmente esquecidos os quais sintetizamos em nosso livro **O Exército Farrapo e os seus chefes**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1992, v.1, p. 145/150. O Major José Mariano de Mattos afro- descendente formou-se em Artilharia na Academia Real Militar. E em 1831, ano da Abdicação de D. Pedro coube-lhe, como Major, organizar em Porto Alegre o Corpo de Artilharia a Cavalos, como seu primeiro comandante. Com a Abdicação forçada de D. Pedro I, os novos detentores do Poder decidiram que o Exército devia deixar as capitais e ser destacado no litoral e nas fronteiras. A guarnição do Exército no Rio Grande do Sul, a mais forte do Brasil era constituída de três Regimentos de Cavalaria destacados em Jaguarão, Bagé e Alegrete e a unidade de Infantaria em Porto Alegre, ao comando do Major João Manuel Lima e Silva, tio do Duque de Caxias. Esta perseguição ao Exército provocou uma série de revoltas Brasil afora. No Rio de Janeiro, a guarnição do Exército se revoltou e a solução foi criar o Batalhão Sagrado para combater a

Revolta. Caxias comandante do Batalhão do Imperador e seus tios não reagiram à imposição da Abdicação, por prudência, para que dela não resultasse a República. Em Fortaleza, o atual Patrono da Infantaria participou como soldado da revolta de sua unidade em apoio ao seu comandante, depois dela cumprir uma missão de combater uma revolta pró-volta ao trono de D. Pedro I. Ao retornar da missão o seu quartel fora extinto. No Rio Grande do Sul a Infantaria e a Artilharia, articuladas em Porto Alegre, respectivamente ao comando dos majores formados na Academia Real Militar João Manoel da Lima e Silva e José Mariano de Mattos, veteranos da Guerra da Independência na Bahia de igual modo que Caxias, receberam ordens de seguirem para seus novos destinos, a Infantaria para São Borja e a Artilharia para Rio Pardo. E os dois se encontraram em Rio Pardo, onde teve início o Projeto da Revolução Farroupilha, que culminou com a participação de toda a Guarnição do Exército. Bento Gonçalves coronel de Estado-Maior, ligado ao Regimento de Jaguarão e agora no Comando da Guarda Nacional, lidera o movimento. O Cel Bento Manoel Ribeiro, ligado ao Regimento de Alegrete lidera a revolta em sua área. No Regimento de Bagé, o seu comandante Major Mazaredo se recusa a aderir e é conduzido até a fronteira pelo Tenente Manoel Luis Osório que lidera a revolta no Regimento. O início da Revolução Farroupilha foi decidido numa Loja Maçônica de Porto Alegre, na qual estavam presentes o Coronel de Estado Maior Bento Gonçalves da Silva e o Major José Mariano de Mattos, que se consagrou como o cérebro político-militar da Revolução. Vitoriosa a Revolução, Bento Gonçalves assume a liderança e Mariano José de Mattos o assessora. Proclamada a República Rio-Grandense em 11 de setembro de 1836, sob a inspiração dos majores João Manuel Lima e Silva e José Mariano de Matos, este assume a função de Ministro da Marinha e do Exército e mais tarde a de vice-presidente. E o major João Manuel é elevado a condição de primeiro General da República. Ao final da Revolução José Mariano de Mattos foi aprisionado em Canguçu pelo guerrilheiro imperial Tenente Coronel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu, o Moringue, na cadeia que mandou construir e que sonega informações solicitadas pelo Barão de Caxias sobre o paradeiro de Mariano de Matos, conforme registram seus Ofícios, publicação que reúne seus ofícios sobre a Pacificação da Revolução. Francisco Pedro havia ocupado Canguçu em agosto de 1843 e ali articulou, a seu comando, a Ala Esquerda do Exército Pacificador do Barão de Caxias. Pacificada a Revolução, Caxias convidou o Cel José Mariano de Matos para ser o Ajudante-Geral do seu Exército na Guerra contra Oribe e Rosas, 1851/1852. Finda a guerra, o Cel José Mariano de Mattos volta para o Rio e é readmitido no Exército, dirige a Fabrica de Pólvora de Estrela e em 1863 é nomeado Ministro da Guerra. Ele foi o autor do Brasão e da Bandeira da Revolução, adotados em 1891, pelos constituintes gaúchos como símbolos do Rio Grande do Sul. E no brasão, como bom artilheiro, ele colocou um pequeno canhão, corpo estranho nos combates farrapos, onde predominava a Cavalaria e, em menor proporção, a Infantaria. Esta abordagem, espero que contribua para o melhor conhecimento deste valoroso soldado afro- descendente que figura como primeiro comandante dos grupos de Artilharia com origem no Regimento Mallet. E que em algumas ocasiões presidiu a República Rio-grandense. Ele é considerado o primeiro afro- descendente a presidir o Rio Grande do Sul., E na Constituinte Farroupilha em Alegrete propôs a Abolição da Escravatura na República Rio-Grandense, O General farroupilha João Manuel foi assassinado em São Borja e ali sepultado. Seus restos mortais exumados pelos

farroupilhas mortais, foram sepultados com toda a pompa e circunstancia em Caçapava do Sul atual então capital farroupilha E os imperiais ao conquistarem Caçapava, violaram m o túmulo do General João Manoel e espalharam seus restos mortais pelos campos. O Major João Manoel, tio de Caxias foi seu contemporâneo na Academia Real Militar bem como o Major José Mariano de Mattos e os três veteranos da Guerra da Independência na Bahia. HISTÓRIA E VERDADE E JUSTIÇA¹ E creio ser a 1ª vez que estes dois oficiais do Exército nascidos em terra fluminense e justo na cidade de Resende ,hoje sede da Academia Militar das Agulhas Negras a sucessora da Academia Real Militar onde eles estudaram e a honraram, são lembrados pela grande projeção de suas atuações na Revolução Farroupilha. Considerações finais sobre a evolução das interpretações da Revolução Farroupilha A verdade histórica e fruto de aproximações sucessivas. A interpretação dominante da Revolução Farroupilha foi feita por imperiais. Em decorrência ter sido revolucionário farroupilha foi uma condição a ser escondida.Pois celebrada a Paz, no Rio Grande do Sul com o o domínio político por imperiais os 10 veteranos republicanos ou seus descendentes eram alvos de discriminações e perseguições. E o entendimento da versão republicana farroupilha começou a ser divulgada e a ganhar força com obra a ser feito por Assis Brasil. E a partir daí começa a virada de orgulho dos veteranos e seus filhos pelo Decênio Farroupilha.E desempenhou papel importante nesta virada o **Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul**, publicado de 1889-1917, na cidade do Rio Grande, pela Livraria Americana. sob direção do historiador e poeta Alfredo Ferreira Rodrigues, onde diversas personalidades rio-grandenses passaram a escrever e a resgatar o Decênio Heróico e com orgulho.Almanaque que foi indexado por Ari Martins de dezembro de 1967 a junho de 1968 , como contribuição ao programa de ação do Circulo de Pesquisas Literárias de Porto Alegre (CIPEL) . A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul também publicou valiosos e esclarecedores subsídios sobre o Decênio Farroupilha, inclusive meu artigo Sete perfis farroupilhas, ausentes das interpretações dominantes. E em 1891 a Assembléia Constituinte gaúcha havia adotado os Símbolos da República Rio-grandense, como os símbolos do Rio Grande do Sul. Mas as interpretações do desenvolvimento do Decênio Farroupilha,não eram completas, faltavam personagens importantes pois as interpretações históricas não eram feitas à luz de fontes históricas primárias, autênticas, integras s e fidedignas. Mas sesquicentenário da Revolução Farroupilha, o Arquivo **Histórico do Rio Grande do Sul**, publicou em cerca de 14 volumes seus Anais, com apoio em fontes primárias da Revolução Farroupilha, inéditas e muito reveladoras. E o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul havia publicado muitas fontes históricas, inclusive a memória do famoso guerrilheiro imperial Tenente Coronel Francisco Pedro Brusque de Abreu, conhecido por Chico Pedro e também por Moringue e mais tarde como Barão de Jacui, cuja vida e obra, pouco conhecida revelamos em nosso trabalho **Memória dos sítios farrapos de Porto Alegre e da Administração de Caxias** .E a publicação pelo Exército dos Ofícios do Barão de Caxias sobre a Revolução e as suas Ordens do Diam mais Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, as revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, nos permitiram escrever nosso livro o Exército Farrapo e os seus Chefes, para cujos perfis de liderança militar , concorreram significativamente, as análises do Tenente do Exército da República Rio-grandense Manoel Alves da Silva Caldeira (1815- 1890) e cronista farroupilha

que abordei as p. 45/49 do 2º Volume da obra. O Exército farrapo e os seus chefes.

OUTRAS FONTES IMPORTANTES SOBRE A REVOLUÇÃO
FARROUPILHA CUJOS AUTORES REVERENCIO

ABREU Francisco Pedro de. Memórias. **RIHGRGS**, 1921.

ALMEIDA, Davi. **O Município de Piratini**. Pelotas, 1969.

ARANHA, Osvaldo. A Revolução Farroupilha e a Unidade Nacional. **Revista Província. de São Pedro**. nº 5, jun de 1946.

ASSIS BRASIL. J.F. **História da República RioGrandense**. São Paulo, 1887. BENTO, Claudio Moreira. Canguçu na Revolução Farroupilha. In: **Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstituição de memória comunitária**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro 1983. p.63/77.

_____. Caderno especial do Diário Popular de Pelotas, de 20 de setembro de 1986, comemorativo do 150 anos da Revolução Farroupilha

CALDEIRA, Manoel Alves da Silva. Apontamentos sobre a Revolução Farroupilha. **RIHGRGS**, nº 27, 1927.

CALMON, Pedro. Como Bento Gonçalves fugiu do Forte do Mar na Bahia. **A NOITE**, Rio de Janeiro, 3 abril 1937.

CAXIAS, Barão de. **Ofícios 1842/1845**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1950

_____. **Ordens do Dia 1842/1845**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1943.

FAGUNDES, Morivalde Calvet Fagundes. **História da Revolução Farroupilha**. Porto Alegre/ Caxias do Sul: EDUC/EST/Martim, 1984.

_____. **A Maçonaria e as Forças Secretas da Revolução**. Rio de Janeiro: 1966. (Importante).

FERREIRA FILHO, Arthur, General João Antônio da Silveira. In: **Revoluções e caudilhos**. Passo Fundo, s/d.

FIGUEIREDO, Osório Santana. **A Revolução Farroupilha em São Gabriel**. São Gabriel 1985.

FLORES, Moacyr. A Cavalaria Farroupilha. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 30 de outubro de 1971.

FRAGOSO, Tasso. **A Revolução Farroupilha**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1939. 118 13

JOUBIM, Pedro Jacinto Mallet. Pacificação do Rio Grande do Sul pelo Barão de Caxias. **Revista Militar Brasileira**. v.116. maio 1980.

LAYTANO, Dante. **História da Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Liv Globo, 1936.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. Textos do Projeto Memória Farroupilha. 1985 (Bamerindus).

MARIANTE, Hélio Moro. **Farrapos guerra à gaúcha**. Porto Alegre: Martim Livreiro, 1985.

MOREIRA, Angelo Pires. Caxias recolocou Pelotas no caminho do Progresso depois da Revolução Farroupilha. **Diário Popular**, Pelotas 20 de outubro de 1985.

NEVES, Décio Vignoli. **Vultos do Rio Grande**. Santa Maria: Palotti, 1980. t.1.

OSORIO, Fernando Luiz. Os supremos objetivos dos Farrapos. **RIHGRGS**. 1935. nº 59, p.51.

PICCOLO, Helga L.L. **O Parlamento e a Revolução Farroupilha**. Estudos Leopoldenses. nº 88, 1985.

- PORTO Aurélio. O Processo dos Farrapos. **RIHGRGS**, 1934
- QUEVEDO, Raul. O Jornalismo durante a Revolução Farroupilha. **Diário Popular** Pelotas, 20 de Setembro de 1985.
- REVISTA DO MUSEU HISTÓRICO JÚLIO DE CASTILHOS 1952-1957. 8V.
- REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL
- RODRIGUES, Alfredo Ferreira. **Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul 1889-1917** (Listo 31 artigos biográficos de líderes farrapos e alguns imperiais) 119
- SOUZA DOCCA, Emilio Fernandes. Francisco Pedro de Abreu. **Academia de Letras do Rio Grande do Sul**, 1914.
- _____. O sentido brasileiro da Revolução Farroupilha. **RIHGRGS**, 1935. n.º 58, p. 165.
- SPALDING, Walter. Caxias e a administração de Porto Alegre depois da Revolução Farroupilha. In: **Pequena História de Porto Alegre**. Porto Alegre: SULINA, 1967. p. 101/105.
- TABORDA, Tarcísio. A Revolução Farroupilha em Bagé. Bagé: FUMBA, 1985.
- WIEDRSPHAN, H. Oscar. O Convênio de Ponche Verde. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro-DAC SEC, 1979
- Meu primeiro artigo em 1970 no Diários Popular

DIÁRIO POPULAR, PELOTAS, DOMINGO, 13 DE MARÇO DE 1970

1780-CHARQUEADAS DE PELOTAS. INFLUÊNCIA NO POVOAMENTO DA ZONA SUL-PROJEÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA- COMO FORAM VISTAS POR SAIN HILAIRE DEBRET HERBERT SMITH - ULTIMOS VESTÍGIOS

Major Claudio Moreira Bento

Introdução ao artigo

O presente artigo foi minha primeira participação como articulista sobre História, no caso da Zona Sul, e servindo de meu intermediário com o Diário Popular, meu conterrâneo, primo irmão e irmão de Armas, o Major de Infantaria Ângelo Pires Moreira, historiador de Pelotas e tradicionalista gaúcho que então presidia a UNIÃO GAÚCHA JOÃO SIMÕES LOPES NETO, personagem do qual foi um de seus biógrafos.

Jornal onde de 13 de Março de 1970 a 31 de agosto de 1996, servindo no IV Exército no Recife-PE, no Estado-Maior do Exército, no Departamento de Engenharia e Comunicações em Brasília, no II Exército em São Paulo, na Academia Militar das Agulhas (como instrutor de História Militar) e a seguir no Comando do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG, na 1ª Região Militar e Chefia do Arquivo Histórico do Exército no Rio de Janeiro e mais na Reserva, em Resende, publicamos mais de 126 matérias, cabendo destacar a Edição Histórica, comemorativa dos 95 anos do Diário Popular e Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, com 24 páginas e 35 ilustrações. E para isto o apoio e incentivo que nunca me faltou do Editor do Jornal Clayr Lobo Rochefort, natural de Piratini que sempre me enviava o jornal para onde eu estava servindo. Colecionei a maioria dos recortes dos quais digitalizei grande parte e os coloquei em meu site www.ahimtb.org.br criado e administrado por meu filho Capitão de Mar - e - Guerra Carlos Norberto Sumpf Bento, hoje historiador naval e professor de Navegação da Escola Naval. Eis o artigo restaurado e publicado há 52 anos.

O artigo restaurado

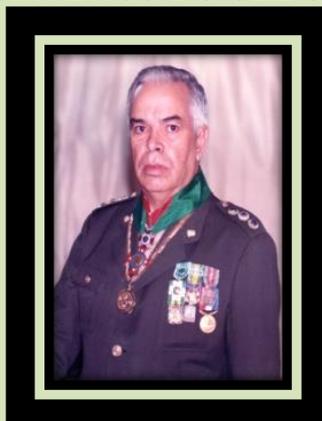
José Pinto Martins, natural do Ceará, fundou a indústria saladeril no Rio Grande do Sul, instalando-se cerca de uma légua da foz do rio Pelotas, próximo a local já habitado por alguns casais açorianos. As primeiras charqueadas preparavam a denominada 'carne seca', segundo técnica trazida do Ceará. Posteriormente os franceses João Batista Roux e Eugene Sasques, introduziram a técnica do preparo do charque bem diferente da primeira, o qual veio a ter grande aceitação e procura nos mercados nacionais e internacionais, tornando-se o atrativo econômico da área, o que veio proporcionar a Pelotas por longos anos, grande projeção econômica, cultural, social e política, na zona Sul do Rio Grande do Sul. A proliferação das charqueadas de Pelotas, em consequência de uma imprevista demanda dos mercados consumidores, foi o fator determinante da corrida pela estância própria na área, ocasionando o rápido povoamento da Zona Sul, por futuros estancieros e fazendeiros que para lá se dirigiram para fundarem suas estâncias e fazendas, e com o gado nelas produzidos, abastecerem as charqueadas pelotenses, que dia a dia tornavam-se mais ávidas de matéria prima. Em consequência deste evento, Canguçu e outros municípios vizinhos durante os próximos 23 anos, dada a proximidade das charqueadas e consequente valorização do seu gado, conheceram períodos dos mais progressistas de sua história, atraindo para suas terras, inúmeras famílias ilustres que de lá partiram em grande número, a partir de 1801, para disputarem melhores campos de criação, nas terras conquistadas pelos portugueses no sul dos rios IBÍCUI e PIRATINI e nos Sete Povos das Missões. Antes do estabelecimento das charqueadas em Pelotas, o gado era utilizado para o consumo local e, com esta finalidade abatiam-se as reses mais novas e mais gordas, as demais eram sacrificadas, unicamente com a finalidade do aproveitamento do couro, com boa cotação no mercado internacional e cujo monopólio havia sido exercido por muito tempo pela coroa espanhola. O restante da rez, era perdido e deixado no meio do campo para servir de pasto, aos cães e corvos. Nos dias atuais, houve uma completa inversão, a carne e todos os subprodutos de origem bovina valorizaram-se bastante e o couro, em consequência dos plásticos e fibras sintéticas, teve seu preço aviltado. Uma visão do que foram as charqueadas em seu início nos é transmitida pelo célebre pintor francês João Batista Debret, através: de pinturas que realizou em Pelotas em 1823, por ocasião de sua passagem pelo local. Originais dessas pinturas as admirei, quando aluno da Escola de Comando e Estado Maior do Exército 1967/1969, na Fundação Castro Maia, na Floresta da Tijuca no Rio de Janeiro. Numa de suas pinturas fixa uma charqueada as margens do rio Pelotas, com admirável riqueza de detalhes de todas as operações necessárias à fabricação do charque. Operações estas que tentarei descrever ao leitor interessado. Trata-se de uma área de cerca 100x200 metros, cujo lado maior era apoiado no rio Pelotas. A área era atravessada transversalmente por uma profunda vala que possuía em seu meio um pontilhão. Por esta vala escorria o sangue das reses abatidas, desde um galpão de matança, situado em posição central, do lado oposto ao do rio Pelotas, o qual por sua vez era ligado a uma mangueira, onde aguardavam as reses a serem abatidas. Um pouco mais a frente do galpão de abate encontrava-se outro galpão com enorme tacho de água fervente destinado a retirar a gracha dos ossos. Ao norte da vala situavam-se separadas por um corredor, dois conjuntos com 10 fileiras de varais, destinados a secagem ao sol do charque em fabricação e do sebo retirado da carne. Cada varal era dividido em 13 espaços e cada espaço era ocupado pela

carne e sebo proveniente de uma rez, o que permitia o processamento simultâneo do charque de 230 animais. Ao sul da vala, entendia-se ampla área, onde escravos encarregavam-se do estaqueamento para- secagem ao sol, de diversos couros. Bem ao norte, ao fundo do estabelecimento, situava-se enorme depósito, presumivelmente destinado à administração, depósito de sal, charque produzido ou charque em produção, empilhado, aguardando bom tempo para a secagem. Esta charqueada como as demais era toda a base da mão de obra escrava, e assim também observaria Herbert Smith em 1882. Em outra pintura, Debret fixou o flagrante de outra. Charqueada menos aperfeiçoada de Pelotas, na qual a matança se processava no interior de uma enorme mangueira. - Nesta pintura, vê-se índios civilizados a cavalo, laçando o animal, enquanto outros tendo em mãos uma enorme vara, com uma meia lua de metal cortante (garrucho), seccionavam o nervo da perna trazeira do boi (desgarronamento) fazendo-o cair aó solo imobilizado. Nesta situação, um escravo desmontado e portador de enorme faca, corria em direção a o anima! para dar-lhe o golpe mortal no coração (sangramento) e, entregar-se, pressuroso a faina de carneação, com o animal muitas vezes 'ainda com vida. Estes índios charruas civilizados foram atraídos em grande número para Pelotas com o advento das charqueadas e por muitos anos integraram a paisagem pelotense. Em VOYAGE PITTORESQUE AU BRESIL de Debret, consta a pintura **Barque brasiliene faite avec cuir de boef**, com algumas diferenças da existente na Fundação Castro Maya, o que em resumo retratavam as célebres pelotas que deram o nome ao rio e a cidade de Pelotas. Nesta última, vê-se uma pelota em cujo interior viajava um senhor, sendo rebocado com uma corda presa aos dentes por um escravo nadando. Estas pelotas também foram descritas por Augusto Saint Hiilaiie em sua **Vovage au Riu Grand du Sud**, na qual também refere-se entre outras coisas, às 18 charqueadas pelotenses, escravidão em Pelotas, além de transcrever, - interessantes dados de exportação pelo porto de Rio Grande que lhe foram oferecidas por Gonçalves Chaves, em cuja casa à beira do rio Pelotas esteve hospedado. Estas embarcações antes mesmo de Pelotas, tiveram largo uso no Brasil, tendo o próprio Marechal Rondon, posteriormente, feito largo uso das mesmas, no Brasil Central. Elas tinham capacidade para somente uma pessoa, devido a sua pouca: - estabilidade, eram muito sujeitas a naufrágios, sendo numerosos os casos fatais de afogamento em consequência de viradas inesperadas. ; Ao retornar do Brasil, Debret publicou em Paris, VIAGEM F PITORESCA E HISTÓRICA AO BRASIL, na qual refere-se ao charque e as charqueadas pelotenses. Sobre o charque assim escreveu. A carne-seca (viande seche) é uma alimento de primeira necessidade no Brasil. E e preparada na província do Rio Grande do Sul, geralmente afamada peia reunião de suas numerosas charqueadas situadas em sua maior parte, sobre a margem esquerda do Rio de San-´ Gonzales (São Gonçalo), rio que facilita a exportação considerável deste comestível, realizada por hiates, e sumacas e pequenas embarcações de cabotagem, utilizadas no aproveitamento dos portos do Brasil e do Chile. A seguir - refere-se ao couro: 'O comércio de couros de bois não deixa de ser outro grande negócio para o charqueador do Rio Grande do Sul, estabelecido numa província privilegiada. com uma variedade gigantesca de bois, onde somente seus enormes chifres e cabelos da cola, por si só constituem um ramo de negócio explorado por comerciantes franceses.

Nota. Canguçu e as Charqueadas de Pelotas. As tropas não atravessavam a vila de Canguçu. A contornavam pela Estrada das Tropas, que passavam pelo local onde hoje a Aeronáutica possui seus radares. Na região da Lacerda .ainda

existem dois mangueirões que em termos de Tropas para as charqueadas era um parada três estrelas, onde os tropeiros deixavam o gado sem o perigo de estouros e iam até a vila para satisfazer suas necessidades e o padeiro Lacerda explorava o mangueirão da Lacerda e o fornecimento de pão aos tropeiros. O estancieiros e fazendeiros de Canguçu tiravam mais vantagem, pois seus estabelecimentos pastoris ficavam bem mais próximo das charqueadas do que os do Alto da Serra e Missões que por ali passavam. Grandes estancieiros criaram casas enormes, como os Piegas que construíram os atuais palacetes da Casa da Cultura e Clube Harmonia. O sobrado ao lado da igreja Matriz pertenceu a família Cruz. O enorme prédio no local onde esta instalada a Prefeitura pertenceu a uma rica fazendeira bem como a casa do atual Cartório Bento, onde nasci e me criei. E também o casarão onde residiu a família Nascimento Sedrez. A revolução de 93 provocou a migração de famílias com tradição monarquista e deixaram suas casa no abandono. Na rua que dá acesso ao CFENSA, existia uma casa e anexo a qual existia uma ferraria e marcenaria que fabricava carros e carruagens que tropeiros encomendavam e de retorno das charqueadas a levavam para Cima da Serra ou Missões. E nesta Ferraria e Marcenaria, um pouco acima existiam casas para abrigar os operários especializados. A memória destes tempos perdeu-se. Soube de um caso que registrei na **Revista da ACANDHIS dos 200 anos de Canguçu**. Ficou muito conhecido no itinerário das tropas, o seguinte fato envolvendo um fazendeiro de Canguçu por sua honestidade exemplar. Era comum o extravio de animais durante uma tropeada. Para não atrasar os deixavam para trás, para posterior recolhimento, deixando as informações de suas características. Naquele tempo o "alheio era sagrado!" Um velho tropeiro costumava contar que outro seu amigo .extraviava umas vacas gordas numas grotas entre Canguçu e Morro Redondo. Com pressa, tocou para frente para Pelotas e não mais soube notícias das vacas extraviadas. Passaram-se os anos. Um dia um tropeiro seu amigo notou numa ponta de reses a marca de um fazendeiro de Cruz Alta, há 50 léguas dali. Resolveu investigar e rumou para a fazenda a qual aquele rebanho pertencia. Foi muito bem recebido! E indagou do fazendeiro o significado daquela porção de vacuns com marcas do estancieiro de Cruz Alta. E conversa vai, conversa vem, o fazendeiro de Canguçu puchou um caderninho do bolso e explicou: "Em tal dia do ano tal, encontrei tantas vacas alheias em meu campo. Como não apareceu ninguém para reclamá-las, juntei-as com o meu gado." E toda produção das vacas alheias estava apontada no caderninho: Terneiros nascidos, machos e fêmeas, reses mortas, gado vendido, despesa com sal, custeio, pastagem etc. Enfim, tudo explicadinho, inclusive os gastos com uma marca do estancieiro de Cruz Alta, para distingui-lo do seu gado. O fazendeiro de Cruz Alta um dia apareceu e saiu dali com uma ponta de gado rumo as Charqueadas e com um bom saldo em dinheiro, graças a honestidade exemplar do estancieiro de Canguçu. Esta história é verídica, perdeu-se o nome dos personagens Lamentável!. Este assunto também abordo em artigo Canguçu no tempo áureo das tropas para as charqueadas de Pelotas 1870-1893 na **Revista dos 200 de Canguçu** p. 157/161 que vale a pena recordar

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da História do Exército perfil Militar de um Povo. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 110 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seu último livro foi sobre Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviário Su, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre

História do Exército nas ESG,ECEME,IME, EsAO,AMAN ,ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife,Rio De Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas ,e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre,Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançará seu livro Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano complementara 91 anos de idade .Se Deus quiser!.Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão! Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170.Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Celular 24/999247757